

Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

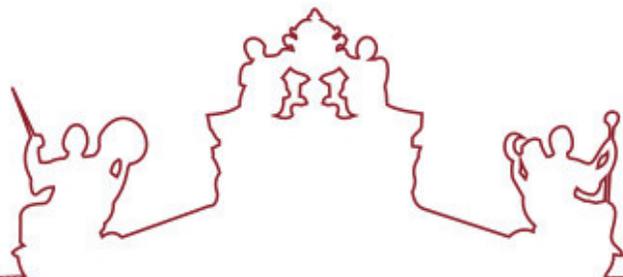
Trabalho de Projeto

**A Quinta da Cardiga: Aproximação à sua Arquitectura,
Paisagem e Território**

JOANA ISABEL SAQUE MIGUENS JORGE

Orientador(es) | João Favila Sousa Menezes
Aurora da Conceição Parreira Carapinha
Jorge Croce Rivera

Évora 2021



Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

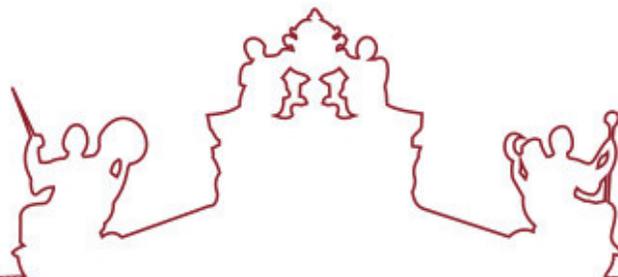
Trabalho de Projeto

**A Quinta da Cardiga: Aproximação à sua Arquitectura,
Paisagem e Território**

JOANA ISABEL SAQUE MIGUENS JORGE

Orientador(es) | João Favila Sousa Menezes
Aurora da Conceição Parreira Carapinha
Jorge Croce Rivera

Évora 2021



O trabalho de projeto foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Maria Freire (Universidade de Évora)

Vogais | João Favila Sousa Menezes () (Orientador)
João Manuel Gomes da Silva (Universidade do Algarve) (Arguente)

A Quinta da Cardiga

Aproximação à sua Arquitectura, Paisagem e Território

TOMO II ESTRATÉGIAS

OBSERVAÇÕES

Este Trabalho de Projecto não segue o Acordo Ortográfico de 1990

Todos os desenhos, salvo indicação de contrário, foram produzidos pela autora, com base na análise e interpretação de cartografia e iconografia disponibilizada por vários autores e instituições referenciados na Lista de Figuras e Créditos de Imagens.

“Nothing in the world is permanent, and we’re foolish when we ask anything to last, but surely we’re still more foolish not to take delight in it while we have it. If change is of the essence of existence one would have thought it only sensible to make it the premise of our philosophy.”

W. Somerset Maugham, *The Razor’s Edge*

ÍNDICE

TOMO I FUNDAMENTOS

INTRODUÇÃO	20
I – O TERRITÓRIO E A PAISAGEM DO RIBATEJO: CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESPAÇO DE ESTUDO	38
Breves considerações sobre a origem toponímica	46
II – A QUINTA DA CARDIGA: GÉNESE, MORFOLOGIA E EVOLUÇÃO	54
Génese: a Cardiga no sistema defensivo do Médio Tejo no Séc. XII	54
A Comenda e a produção agrícola do Séc. XIII ao Séc. XVII	56
Da Reconquista aos Descobrimentos: uma proposta de Reconstituição	56
<i>Extratexto:</i> Das relações de comunicação e ligação no entorno da Cardiga	61
A Cardiga no Tombo de 1504	92
O desvio do Tejo em 1545	94
O palácio no Séc. XVI e outras obras	98
A Revolução Liberal e Industrial em Portugal no séc. XIX: a extinção das Ordens Religiosas e a Quinta como propriedade privada.	110
O Século XX	112
A transição para o Século XX: transformações da Quinta até meados do Séc. XX	112
A segunda metade do Século XX: decadência	136
O Século XXI: impasses	154
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	164
LISTA DE FIGURAS CRÉDITOS DE IMAGENS	166
ANEXOS	169

ÍNDICE

TOMO II ESTRATÉGIAS

POSICIONAMENTO: A DESCOBERTA DE UM PROJECTO	14
I – O TERRITÓRIO PRÓXIMO: LATÊNCIAS E POTENCIALIDADES	18
Análises Territoriais	18
Condicionantes	26
Acerca das cheias	33
Os sistemas agrícolas: a transformação da paisagem	43
II– UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO PARA A QUINTA DA CARDIGA	46
Estratégia de Revitalização	46
O Plano Geral	51
Aproximações e Afastamentos ao lugar da Cardiga	59
Percurso I: A via fluvial	62
Percurso II: Pelas ribeiras, desde o Parque do Bonito	66
Percurso III: Pelo ‘parque agrícola’, desde a Barquinha	70
Percurso IV: Recuperação da alameda de lódãos	76
Intervenções Nucleares: acções sobre o edificado	81
Acerca das demolições	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143
LISTA DE FIGURAS CRÉDITOS DE IMAGENS	144
GLOSSÁRIO	146

POSICIONAMENTO

A DESCOBERTA DE UM PROJECTO

A forma como cheguei à Quinta da Cardiga foi determinante na definição de uma postura e de uma abordagem ao projecto para este lugar.

Não cheguei à Cardiga já com um trabalho em vista, com um programa dado, com uma encomenda. Não comecei nas primeiras visitas a pensar e a analisar o lugar do ponto de vista da execução de um projecto. Fui descobrindo o lugar, ainda sem a intenção de trabalhar sobre ele, conhecendo, construindo afectividades e raciocínios desligados de um problema específico, sem obrigações.

Foi parte fulcral da investigação perceber como é que a arquitectura, sem encomenda, sem vista a lucros, pode existir e ter a capacidade de propor a regeneração de um lugar.

Partiu-se, assim, do exercício do reconhecimento do sítio e propôs-se uma intervenção apoiando-nos nas suas valências, pré-existências, na sua história e relações actuais.

Primeiro iniciou-se uma investigação de carácter fundamentalmente teórico cujo objectivo se prendia com o registo de várias fontes e levantamentos, de forma a congregar uma série de informação, que reunida constituiria um contributo para a preservação da quinta. A partir do levantamento arquitectónico, cartográfico e iconográfico pretendia-se formalizar um documento, o mais completo possível, que retratasse a evolução da quinta ao longo dos séculos como exemplo notável, já que, infelizmente, o seu papel é praticamente irrelevante na narrativa existente sobre a arquitectura civil nobre em Portugal.

No entanto ao desenvolver a investigação teórica mantinha-se sempre latente a vontade e a necessidade de executar de forma prática uma investigação que permitisse questionar o futuro e a continuidade deste importante conjunto arquitectónico. Desta forma, com o decorrer do trabalho essencialmente teórico, cuja execução se tornava difícil dia após-dia por faltarem meios que permitissem uma reconstituição exacta da quinta e em especial do seu palácio,¹ compreendemos que questionar a sua continuidade seria impossível sem a experimentação que é própria do projecto de arquitectura.

Assim, a investigação que consolidou o Tomo I deste trabalho de projecto – *Fundamentos: Génese morfológica e evolução da Quinta da Cardiga* –, fundamenta em parte o trabalho prático desenvolvido neste tomo.

1 – Sobre o qual se centra sobretudo o estudo da evolução histórica.

No decorrer do trabalho, cedo se colocaram várias questões sobre como actuar a partir da descoberta do lugar sem um programa pré-estabelecido:

Como intervir para a continuidade de um património partindo de uma investigação espontânea e da vontade pessoal, aliada ao sentido de responsabilidade, de preservar algo que sendo privado pertence ao legado comum?

Como colocar os problemas sem encomenda? Sem outro interlocutor?

Paralelamente ao desenvolvimento das bases teóricas e históricas, indagámo-nos como poderíamos propor uma intervenção para a recuperação do conjunto. Partimos de análises ao território próximo e determinámos quais seriam as principais condicionantes existentes para delinear uma estratégia. Feito esse estudo percebemos que dada a complexidade do lugar, e sem cliente, não encontraríamos uma solução 'num só acto' que regenerasse todo o conjunto. Ponderámos e decidimos propor uma estratégia de regeneração a médio prazo composta por diferentes fases. Seria também uma oportunidade de passar por uma nova experiência. Investigar uma abordagem, que ao longo do meu percurso académico não tive oportunidade de experimentar. Pensar na arquitectura, primeiro à escala do plano, e descobrir qual o limite de desenvolvimento e de manipulação, entre o que faz sentido, o que é acertado numa intervenção desta natureza e o capricho, a veleidade.

Olharam-se então para necessidades reais já existentes. A constante visita de curiosos à Cardiga, a preservação dos solos que permitem a actividade agrícola que norteou a continuidade e desenvolvimento da quinta e finalmente a reactivação de interesses económicos, com fim à viabilização de um investimento maior que recupere o conjunto.

Enfim, propôs-se recuperar as ligações perdidas entre a quinta e o seu entorno, preparar o conjunto para a permanência dos visitantes curiosos com segurança (dado o risco de colapso de parte do edificado) e repor as estruturas ecológicas que permitem a preservação dos solos e da continuidade da actividade agrícola bem como a implementação de novas actividades que possam surgir da conseqüente recuperação da biodiversidade.

Estas acções, que constituem a primeira fase de um plano de recuperação da Cardiga, têm como objectivo promover a continuidade da quinta no espaço e no tempo e serão elas o foco do desenvolvimento deste tomo.





O TERRITÓRIO PRÓXIMO

LATÊNCIAS E POTENCIALIDADES

Análises Territoriais

«A interpretação da paisagem, a interpretação seja do que for, é sempre um acto subjectivo. A objectividade, fora das ciências exactas, é uma ficção.

Aliás, é inevitável que quem olha uma paisagem ou um determinado valor patrimonial o sinta e o interprete de modo diferente do das outras pessoas. Contudo, a subjectividade da interpretação é até um enriquecimento do universo cultural, na medida em que reduz a individualidade e a liberdade de cada observador.»

Gonçalo Ribeiro Telles, Fernando Pessoa, 1996, p.11

Explorar as latências e potencialidades que o entorno da Quinta da Cardiga, no seu território próximo, oferece foi método essencial para estabelecer um ponto de partida para o trabalho de projecto, já que este, como anteriormente referimos, não evoluiu de uma investigação e experimentação da cadeira de projecto, em que trabalhamos com um programa dado/proposto e com o problema gerado a partir desse determinado programa associado a um lugar específico.

A leitura do lugar, da sua evolução, da transformação no espaço e no tempo e da compreensão das várias relações que este estabelece actualmente com a população local e com os centros urbanos próximos na sua envolvente – da sua condição actual, da sua morfologia e situação no território português –, foram fundamentais para determinar uma postura e princípios a adoptar no desenvolvimento do projecto.

Assim, elaboraram-se cartas de análise, sínteses sobre uma base – carta de Portugal à escala 1:900 000 e ortofotomapas – que nos permitiram fazer uma leitura do território sob diferentes pontos de vista e colocar em confronto vários temas seleccionados.

Estas análises posicionam a Quinta no contexto do Tejo português relativamente à existência de parques ribeirinhos, praias fluviais, barragens, pontes e diques, no seu curso, bem como de todas as paisagens formalmente protegidas na sua bacia hidrográfica. Noutra aproximação,² exploram a relação da Quinta com o território próximo, no que diz respeito às rotas de peregrinação, à rede defensiva do Médio Tejo, ao património natural e protegido, como também às estruturas de produção agrícola, outras quintas, que na lezíria se implantaram para das suas terras tirar proveito.

2 – As cartas foram produzidas com uma área correspondente a aproximadamente 1 dia inteiro de caminhada. Os limites máximos das cartas situam-se cerca de 20-30km da Cardiga

Ao analisar as principais rotas de migração que atravessam este território conseguimos perceber que a quinta se encontra já integrada no Caminho de Santiago e na Rota do Cavalo e que outras rotas locais, como a do Vinho, por exemplo, ou rotas que partem do Tejo, como a Grande Rota do Tejo, naturalmente se conseguiriam ampliar até à quinta, pois ainda que esteja muito próxima destas continua desconectada.

Ao conectar a Cardiga, ainda que umbilicalmente, com as suas imediações (atravessadas por ou próximas de rotas), associa-se a quinta, mesmo que indirectamente, a esses percursos formalmente reconhecidos.

Pareceu-nos relevante assinalar aqui a rede defensiva do Médio Tejo, as estruturas defensivas próximas, – da qual a Cardiga fazia parte – já que estas nos permitem compreender o território a partir do princípio de que se localizam em pontos altos e no domínio de vales. Do ponto de vista turístico e cultural pode-se justificar um investimento na divulgação e formalização de uma rota que percorra estes pontos, já que estes na sua maioria estiveram na génese de assentamentos que, entretanto, evoluíram para núcleos urbanos consistentes com mais atractivos para oferecer. A possibilidade de percorrer o Tejo de barco e visitar estas estruturas incentivou parte de proposta arquitectónica sobre a quinta.

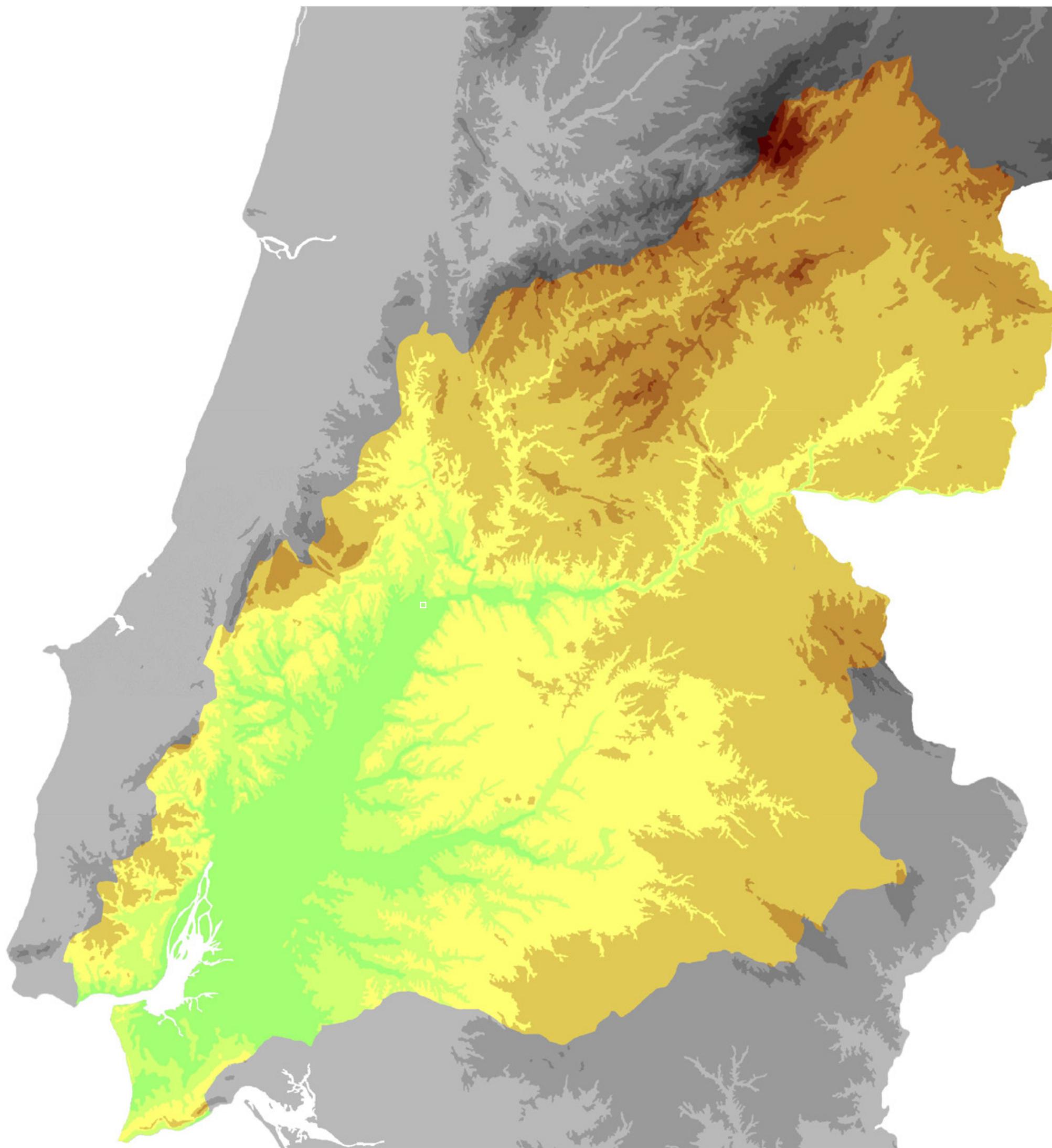
Interessa também assinalar o património natural pelo tipo de actividades que possa atrair e como forma de compreender o carácter único desta região, da sua biodiversidade e conseqüentemente o mesmo potencial que a quinta tem para preservar, integrar, valorizar e evoluir.

Do ponto de vista turístico, estes são também atractivos que centrípetam a Cardiga. Permitem-nos fazer uma leitura da Quinta da perspectiva da sua implantação, da sua relação com a envolvente natural – relação de proximidade com o Paul de Boquilobo, Serra d’Aire e Candeeiros, Monumento das Pegadas de Dinossáurios, etc. – e da sua implantação na lezíria ribatejana.

A quinta localiza-se num ponto notável das transformações geológicas que conferem o carácter único a esta região do país. O seu posicionamento é logo após a transição do estreitamento do Tejo, onde num maciço granítico isolado assentam as aldeias de Tancos e Arripiado e Vila Nova da Barquinha, na mudança de direcção do seu curso de oeste para sudoeste e o início da planície de aluvião em frente ainda a Vila Nova da Barquinha, a Lezíria. A Quinta da Cardiga, ‘assiste’ a este momento de transição num lugar especial do rio Tejo.

Outras quintas vieram implantar-se nesta área de aluvião para tirar proveito desta riqueza de solos, pelo que a Cardiga, longe de ser caso único, é antes parte de um conjunto muito mais vasto a tirar partido da fertilidade do Tejo.

A CARDIGA NO CONTEXTO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO TEJO

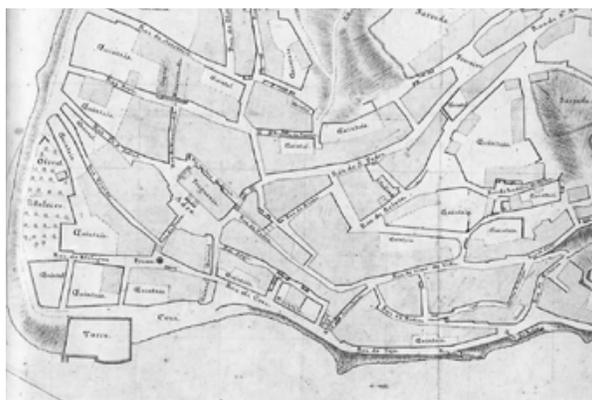


HIPSOMETRIA 0/50 50/100 100/200 200/400 400/700 700/1000 1000/1300 1300/1600 1600/1800

AS ESTRUTURAS DEFENSIVAS, OS CAMINHOS DE PEREGRINAÇÃO E AS ROTAS



01



02



03



04



05



06



07



08

- 01 – Castelo de Abrantes
- 02 – Torre de Constância (Inexistente)
- 03 – Castelo de Ózear (Inexistente)
- 04 – Castelo de Almourol
- 05 – Torre da Cardiga
- 06 – Castelo de Torres Novas
- 07 – Castelo de Tomar
- 08 – Castelo de Ourém



Fátima

Rio Tejo

Golegã

Chamusca

V.N. Barquinha

Amplado

Tomar Tancos

Constância

Santa Margarida

Tramagal

Rio Zêzere

São Miguel do Rio Torto

Abrantes

Possos ao Sul do Tejo

Pego

8

6

5

4

3

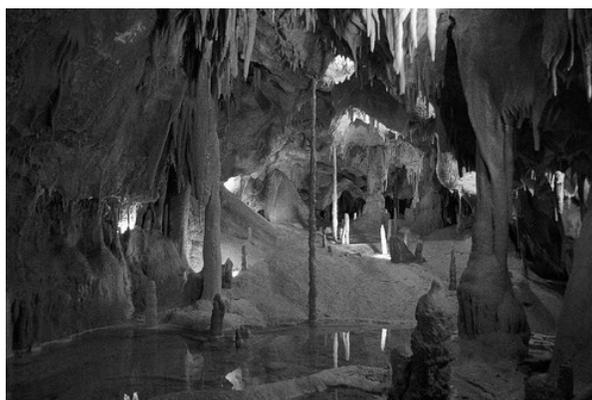
2

- Caminho do Tejo – Ramal Norte
- Caminho do Tejo – Pontos de Interesse
- Caminho do Tejo – Ramal Sul
- Grande Rota do Zêzere – Pedestre
- Grande Rota do Zêzere – BTT
- Grande Rota do Zêzere – Canoagem
- Caminho Central Português de Santiago
- Caminho Tomar – Fátima
- Rota do Vinho
- Rota do Cavalo

PATRIMÓNIO NATURAL E CULTURAL



01



02



03



04



05



06



07

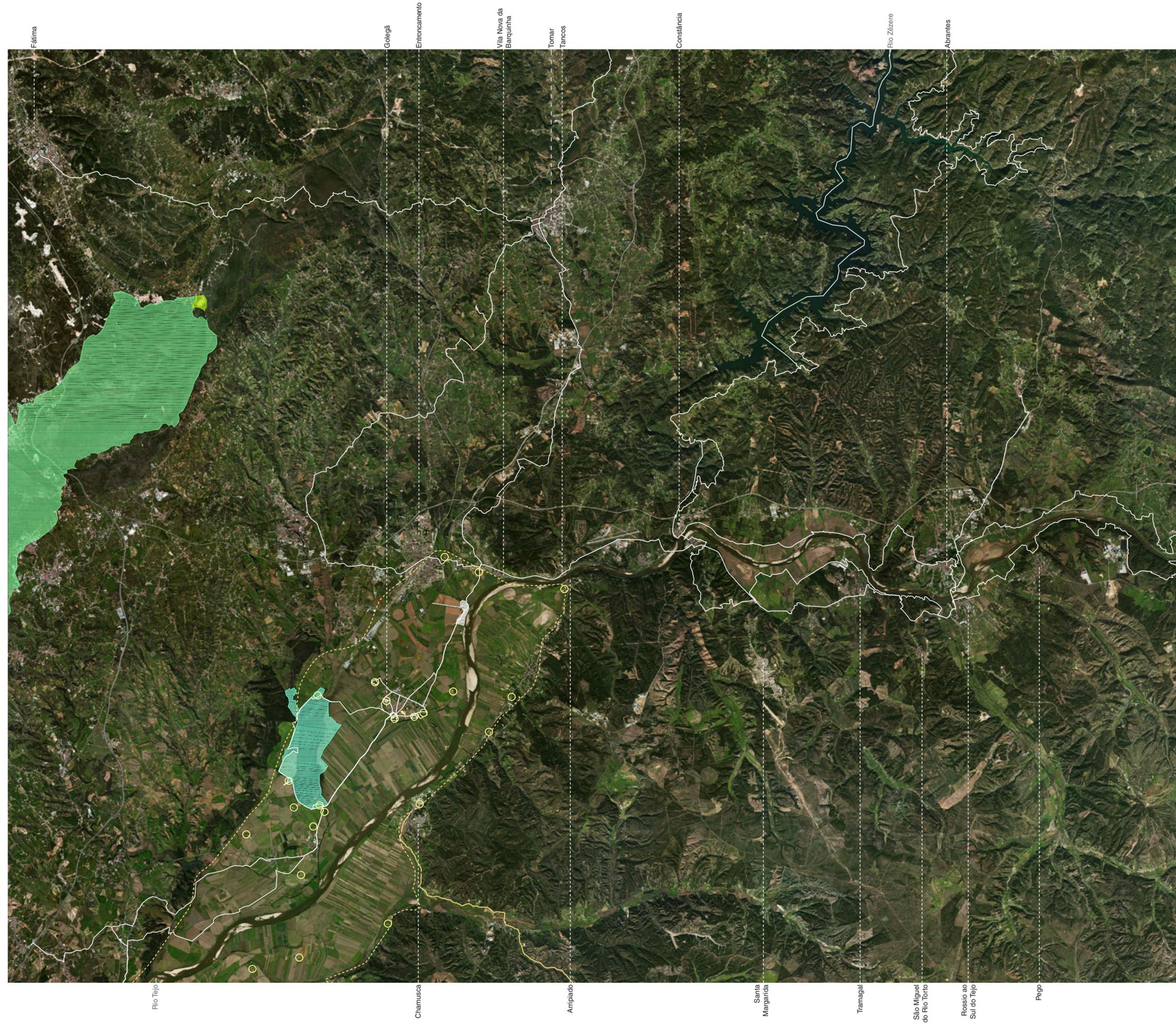


08



09

- 01 – Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros
- 02 – Grutas de Mira de Aire
- 03 – Monumento Natural das Pegadas de Dinossáurios da Serra de Aire
- 04 – Reserva Natural do Paul de Boquilobo
- 05 – Aluvião / Lezíria
- 06 – Rio Tejo
- 07 – Barragem de Castelo de Bode
- 08 – Fauna e Flora
- 09 – Quintas na lezíria: Quinta da Broa



- Parque Natural da Serra d'Aire e Candeeiros
- Monumento Natural das Pegadas de Dinossáurios da Serra de Aire de Aire
- Reserva Natural do Paul de Boquiolo
- Aluvião - Lezíria
- Quintas na Lezíria

Condicionantes

Ao separar as condicionantes das outras latências e potencialidades não se exclui o seu papel potenciador de uma intervenção arquitectónica. Pelo contrário, são estas condicionantes que activam o potencial da proposta de revitalização para a Cardiga. Referimo-nos nestes termos para, do ponto de vista do discurso, facilitar a diferenciação entre problemas, que o projecto propõe resolver ou abordar, partindo da sua potencialidade intrínseca e, outras latências e potencialidades existentes nos arredores da Quinta e evidenciadas nas 'Análises Territoriais', que conferem densidade à proposta de revitalização e a colocam num plano mais alargado e conectado ao território.

As principais condicionantes que iremos elencar e que determinaram a abordagem arquitectónica à Quinta da Cardiga prendem-se com alterações físicas e dinâmicas que o território próximo sofre regularmente como é o caso das cheias ou das transformações radicais no uso dos solos, especialmente num contexto produtivo, e com alterações 'estáticas', 'permanentes' como a consolidação das vias de comunicação que interrompem a continuidade de sistemas naturais, atravessando e cortando ribeiras, vales, terrenos agrícolas, etc.; ou como a construção de barragens aliada à sua pobre gestão e à falta de manutenção do Rio Tejo, causando perdas de biodiversidade e dos sistemas estruturantes, ordenadores e construtores, da paisagem que se traduzem em perdas culturais.

As transformações que irão decorrer das alterações climáticas serão também tidas em consideração, ainda que não saibamos a dimensão do seu impacto nesta região. Como consequência do aquecimento global, a Agência Portuguesa do Ambiente (A.P.A.) prevê o aumento da temperatura média em todo o país e uma diminuição do período de precipitação, o que resultará na intensificação dos períodos de seca e no aumento de fenómenos extremos de precipitação, o que, conjuntamente com a fraca capacidade de drenagem dos solos, levará a episódios de cheias mais violentos e mais cedo, durante o Outono.

O Painel Intergovernamental sobre Alterações climáticas, em 2007,³ colocou também a hipótese de que, com a subida do nível das águas do mar (devido ao degelo dos glaciares), o Tejo se transforme radicalmente, já que a água salgada irá entrar pelo seu estuário, fará subir o nível hidrométrico e inundará as áreas ribeirinhas mais vulneráveis; para além da possível contaminação, por água salgada, do estuário e infiltração nas reservas de água doce subterrâneas.

3 – Caetano, "Os Estuários Do Tejo e Do Guadiana Vão Ficar Mais Salgados e Inabitáveis Para Algumas Espécies."

«Tudo tem importância na organização do espaço – as formas em si, a relação entre elas, o espaço que as limita – e esta verdade que resulta do espaço ser contínuo anda muito esquecida. Citemos, para exemplo, um caso frequente: projecta-se uma estrada, manifestação de organização do espaço e factor de movimento, e em que é que se pensa unicamente? No seu comprido perfil longitudinal e na pequenez dos seus perfis transversais; todo o resto, todo o sistema de relações, quer paisagísticas, quer urbanísticas, quer económicas e outras que o fenómeno implica, é esquecido como se fosse possível abstrair esse acontecimento de todo o espaço e toda a circunstância que o envolve.» Távora, *Da Organização Do Espaço*, 18.

«Os danos patrimoniais, para as infraestruturas e para a saúde humana representam pesados encargos para a sociedade e economia. Entre 1980 e 2011, as inundações afetaram mais de cinco milhões e meio de pessoas e causaram prejuízos económicos diretos que excederam os 90 mil milhões de euros. Os setores fortemente dependentes de determinadas temperaturas e níveis de precipitação, como a agricultura, a silvicultura, a energia e o turismo são particularmente afetados.» Agência Portuguesa do Ambiente, *Políticas: Alterações Climáticas: Ciência.*»

«More roads also lessen connectivity, both for wildlife and for nature walkers across the land. A landscape fragmented by busy roads has small wildlife populations subject to local extinction, and may be miserable to walk across.»
Forman, Beckmann et al., *Safe Passages: Highways, Wildlife, and Habitat Connectivity*, xii.

No entanto, ainda que se possa especular sobre este tema, não nos é possível ter a certeza da real dimensão da transformação da paisagem e dos seus ecossistemas. Preferiu-se assim fazer esta ressalva, mas dado que o projecto desenvolvido se centra sobretudo em acções a realizar a curto prazo, decidiu-se não o condicionar por alterações complexas e ainda hipotéticas, contando, porém, com a certeza da intensificação das grandes cheias.

O fenómeno das cheias, como parte estruturante e integrante desta paisagem, é fundamental para a fertilidade dos terrenos agrícolas e para a manutenção dos seus ecossistemas.

A Quinta da Cardiga encontra-se posicionada numa zona muito vulnerável a inundações. No subcapítulo seguinte, ‘Acerca das cheias’, iremos desenvolver sobre os aspectos específicos deste fenómeno, em relação à Cardiga e aflorar a ‘dimensão cultural’ das cheias, através de dois exemplos da literatura portuguesa.

A interrupção da continuidade dos sistemas naturais pelas vias de comunicação acentuou-se com o célere crescimento da rede rodoviária em Portugal a partir das décadas de 40 e 50 do séc. XX.⁴ Mais tarde, com a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, em 1986, deu-se um incremento e melhoria das vias de comunicação ao longo de todo o país.⁵

Com o apoio dos financiamentos da União Europeia, a evolução tecnológica, a ‘liberalização’ e incentivo do automóvel particular em detrimento de investimentos nos transportes públicos, em especial ferroviários, o crescimento urbano (aumento da população), entre outras dinâmicas políticas e económicas destacam-se entre os principais factores que levaram ao crescimento do número de vias de trânsito que simultaneamente conectam e fragmentam o país.

Como exemplo da capacidade humana estas vias são positivas na medida em que estabelecem e facilitam a comunicação e permitem o rápido atravessamento de longas distâncias. No entanto a facilidade de acesso a lugares outrora difíceis ou deficitários não é isenta de consequências negativas. Dessas várias consequências destacamos a fragmentação de ecossistemas, a quebra das rotas migratórias de fauna e flora, alterações drásticas na morfologia dos terrenos onde se implantam as vias e o seu entorno (durante a construção e posteriormente), a poluição acrescida, bem como a transformação drástica do ordenamento urbano.

4 – Ribeiro, Lautensach, and Daveau, *Geografia de Portugal: Volume III O Povo Português*, 876.

5 – Mateus, *Três Décadas de Portugal Europeu: Balanços e Perspectivas*, 357..

«Durante séculos a cidade teve o monopólio da infra-estrutura necessária à edificação e à organização urbana. Hoje a infra-estrutura percorre territórios imensos facilitando um processo de colonização urbana onde o edificado se conecta directamente com a estrada. Ao contrário da cidade, o território urbano é um “exterior”, uma nebulosa, uma mancha extensiva e diversa que tudo mistura, em densidade e diversidade formal e funcional. Quando as estradas eram apenas estradas, não havia os problemas que há hoje. Estradas eram estradas, boas ou más, e ligavam povoações, vilas e cidades. À beira da estrada havia fontes para matar a sede de animais e pessoas; havia miradouros, valetas e sombras para descanso e merendas. Os cantoneiros tratavam a estrada com esmero e disso ficaram hidrangeas e árvores a fazer túneis de sombra. Há menos de trinta anos todas as estradas principais passavam no centro das cidades e das vilas e aí tomavam nome de rua ou avenida e cruzavam-se em largos e praças. A placa à entrada da cidade dizia quando a estrada se mudava em rua, quando se transpunha o “fora” e o “dentro” da cidade.» Domingues, *A Rua Da Estrada : O Problema é Fazê-los Parar!*, 17–18.

Do ponto de vista ecológico estas infraestruturas de comunicação podem condicionar a continuidade dos sistemas naturais. As estruturas viárias são, muitas vezes, planeadas isoladamente, sem ter em consideração o território onde se inserem e sem a essencial coordenação das várias especialidades, provocando transformações drásticas na paisagem⁶ que disturbam o funcionamento vital dos ecossistemas.

O impacto da sua construção e utilização, no caso específico da Cardiga e do seu entorno, prende-se sobretudo com a interrupção dos sistemas de ribeiras em zonas de vales, criando barreiras e cortes nas galerias ripícolas, contribuindo para o empobrecimento das paisagens e para a perda do seu valor global (natural, cultural, biológico, económico, patrimonial, etc.).

No entorno da Cardiga, a ferrovia e a via fluvial foram preponderantes no aparecimento de assentamentos e na organização do espaço urbano, agrícola e natural, do que as vias de trânsito que tiveram um impacto mais recente. Tendo em conta que a quinta é limitada a norte pelo crescimento da cidade do Entroncamento,⁷ e a Sul pelo rio Tejo a via férrea e fluvial foram determinantes na organização do conjunto bem como na gestão dos terrenos agrícolas que compõem a quinta.

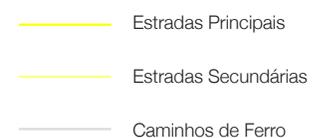
Hoje, conseguimos distinguir nitidamente a área urbana do Entroncamento e o vale da Ribeira da Ponte da Pedra cortados pela linha de caminho-de-ferro que bifurca em direcção a Norte e Este, atravessando o país transversalmente, ao longo do curso do rio Tejo; pela autoestrada A23; pelo IC3; por estradas mais ligeiras decorrentes da pré-ocupação do vale com construções pontuais e das ligações entre os vários núcleos urbanos. É o IC3 que delimita também, hoje-em-dia, os terrenos agrícolas da Quinta da Cardiga a Norte.⁸

O crescimento urbano do Entroncamento e o seu pobre planeamento e gestão urbanística, levaram também ao encanamento de outras linhas de água, em especial da Ribeira de Santa Catarina, que desagua na ribeira da Ponte da Pedra e atravessa os terrenos da Quinta.

6 – Sempre que nos referimos ao termo/conceito ‘paisagem’ neste trabalho temos como base o conceito de ‘Paisagem Global’ enunciado por Gonçalo Ribeiro Telles – Ver ‘Glossário’ p.7

7 – A cidade surge da construção da linha férrea no séc. XVIII.

8 – A construção de um troço do IC3 em 2010 levou à eliminação de uma das entradas formais da Quinta, conhecida como “Portões Pequenos da Cardiga”, cujo edificado (casa de guarda e portão) ainda se encontram junto ao IC3, abandonados e em avançado estado de ruína.



A INTERRUPÇÃO DOS SISTEMAS LINEARES HÚMIDOS



A economia é um dos principais agentes decisores de transformação do território e influi largamente na sua organização, aproveitamento e evolução. Não iremos aqui aprofundar sobre a evolução do lugar do ponto de vista das decisões estritamente económicas.

A economia como condicionante pretende colocar em relevo aspectos determinantes das acções propostas, já que esta é uma propriedade privada e as possíveis intervenções baseiam-se em especulações sobre um potencial investimento público ou privado. Na micro-escala os factores económicos foram preponderantes nas decisões de projecto na medida em que se pensou no reaproveitamento material de estruturas devolutas e na utilização de materiais autóctones/locais.

Como é que com o mínimo possível podemos transformar este lugar e potenciar a sua recuperação total?

A estratégia proposta tem em conta o custo enorme que teria a recuperação total do conjunto da Quinta numa só empreitada. Assim, também desse ponto de vista, se pensou de que forma seria economicamente viável propor uma revitalização da Quinta, cuja opção estratégica tomada se irá desenvolver no capítulo seguinte “Uma proposta de revitalização para a Quinta da Cardiga”.

No aspecto do planeamento territorial, a influência da economia (juntamente com o impacto da evolução tecnológica) no aproveitamento e uso dos solos, trouxe nas últimas décadas transformações radicais nos sistemas agrícolas utilizados e, conseqüentemente, no ordenamento do território.

No Ribatejo, no último século, as policulturas foram progressivamente dando lugar a monoculturas intensivas de regadio⁹ (agro-química) que para além de representarem um subaproveitamento de solos tão ricos ainda os empobrecem. Não só os solos, o empobrecimento é também cultural. Com a perda das culturas dá-se a perda de muitas tradições e de um leque vasto de profissões a elas associadas que votam conjuntos como o da Cardiga ao esquecimento e ao seu desaparecimento – causa/sintoma de desculturação.¹⁰

As decisões económicas tendem muitas vezes a promover acções antrópicas nefastas como, no caso específico da Cardiga, a erradicação de galerias ripícolas (ribeira de Santa Catarina e parte da vala da Ponte da Pedra) para a uniformização dos terrenos e instalação de pivots de rega, comprometendo a estabilidade dos solos, a longevidade, produtividade e futuro dos ecossistemas, contribuindo para a desertificação.

«As actividades dos diferentes sectores económicos não podem considerar o território como uma simples superfície inerte onde tudo se pode fazer. É esta visão que tem permitido que as políticas sectoriais de intervenção no território esqueçam a complexa unidade ecológica de que a paisagem é consequência visível e expressão cultural. A preponderância dos sectores económicos de maior peso social e político na organização do território tem sido uma das causas da simplificação da paisagem e conseqüente destruição de recursos e valores naturais e culturais.» *Telles and Pessoa, Fernando, Gonçalo Ribeiro Telles: Textos Escolhidos, 115.*

9 – Claval, *Geografia Do Homem: Cultura, Economia, Sociedade*, 137.

10 – Utiliza-se este termo para insistir no aspecto dinâmico da transferência e da mudança aliado à perda de determinados traços. Akoun, André, Anthoard, Michel, and Rouvier-Jeanlin, Michelin, *Dicionário de Antropologia: Do Homem Primitivo Às Sociedades Actuais*, 12.

Está fora do nosso alcance planear o reaproveitamento ou reorganização dos terrenos agrícolas, tal como a ocupação do seu edificado, já que o seu uso depende fundamentalmente de políticas e decisões económicas, pelo que concentraremos o nosso estudo principalmente nas orlas destes terrenos e nos limites do conjunto edificado. Num plano mais amplo, nos sistemas lineares ‘protegidos’¹¹ húmidos que compõem e estão associados às galerias ripícolas, e à frente do Tejo, que são fundamentais e estruturantes neste território para garantir a sua continuidade.

Para concluir, acerca das condicionantes económicas e da importância de um planeamento integrado, Fernando Távora, na sua obra *Da organização do espaço*, expõe:

*«Um aspecto particular da circunstância, de grande significado e actualidade, a considerar no planeamento físico carece ser apontado; muitos países ou regiões têm hoje os seus planos de fomento económico, no sentido de incrementar o nível de vida dos seus habitantes, mas acontece, porém, que, normalmente, não existe coordenação entre tais planos e o planeamento físico dos respectivos territórios, resultando daí situações que podem agravar, e não melhorar, a situação pré-existente. É perfeitamente claro que, por um lado, qualquer actividade de fomento económico tem extraordinárias repercussões em matéria de espaço organizado (estradas, portos, estabelecimentos industriais, etc.) e que, por outro lado, a determinação exacta da localização de certas actividades a fomentar terá de ser função de um planeamento físico, de onde parece poder concluir-se que existem relações tão estreitas entre um e outro tipo de planeamento que o interesse regional ou nacional só poderá ser defendido na medida em que exista uma coordenação perfeita entre eles ou até, o que é perfeitamente possível, que eles constituam um único planeamento em que as incidências económicas – e muitas outras, claro – sobre um determinado espaço, e vice-versa, sejam estruturados; se assim não for o planeamento económico acarreta consigo um processo de delapidação do espaço, que se traduz sempre em delapidação económica, motivada pelo facto de um determinado estabelecimento não ocupar aquele correcto lugar, ou possuir aquela correcta forma, que só um planeamento integral pode definir.» Távora, *Da Organização Do Espaço*, 38.*



ACERCA DAS CHEIAS

As cheias do Tejo são uma das características fundamentais da paisagem e cultura ribatejana. Miguel Torga na sua obra “Portugal” define-as como traço fundamental, caracterizador e único deste território, que nos permite mesmo defini-lo como uma ‘região própria’:

«O Ribatejo deve ser visto das Portas do Sol de Santarém, num dia de cheia, ou das bancadas de uma praça de toiros, numa tarde de verão. Num dia de cheia, porque o Tejo hipertrofiado marca-lhe exactamente a extensão e os contornos que a geografia nunca encontrou; numa tarde de toiros, porque é no redondel que se precisa a sua íntima significação.

[...] Mas o espectador atento que do miradouro escalabitano, de onde a arte e a história da cidade espraiam também os olhos, contemple uma inundação, ou numa arena, que conviria ser a de Salvaterra, em homenagem à tradição, assista a uma pega, esse fica a saber não só apenas que a Lezíria merece o apetecido e colorido nome, como descobre ainda a alma da própria região.

Quando o rio entumesce, e um mar de água se espreguiça por quilómetros e quilómetros de terras baixas e porosas, Portugal, sempre sequioso e árido, sente que aquela nesga de pátria é um mundo à parte dentro das suas entranhas – um mundo rico, de aluvião, de maná, em que não é preciso tirar dos abismos, a gastaço, a verdura duma couve, e se pode gastar o tempo numa lúdica e alegre faina, a cavalgar nas asas do vento...

As lagoas da Estrela, de Quaios, de Pataias, de Fermentelos e de Mira são uma concha de orvalho ao pé dessa baía interminável e solene que os olhos não se cansam de admirar, maravilhados de que existam fontes capazes de tanta abundância e frescura. Se por sorte o sol se vem reflectir na grande superfície do espelho, então o fenómeno torna-se sobrenatural, porque se junta à líquida impressão diluviana a pureza duma claridade celeste. Ilhas de casario aqui e além, semeadas no bojo do grande oceano, certificam que também há perigos e prejuízos nessa avalanche. Vidas em risco e colheitas perdidas. Mas os sentidos negam-se a compreender a calamidade. Vogam felizes ao lume de água, na íntima confiança de que não há desgraças irremediáveis numa Canaã protegida pelos numes da fertilidade.

E, em termos absolutos, não há. Mesmo que a corrente leve os favais e macere os pâmpanos, a nata fica e dá erva.» pp.73-74

As cheias do Ribatejo assentam num dualismo positivo e negativo. Positivo, pois, fertilizam e trazem os componentes que compõem os solos mais férteis do país; negativo pela destruição que podem causar.

Os ribatejanos conhecem dois tipos de cheias, as ‘do monte’ e as ‘do campo’. As ‘cheias do monte’ são as cheias destrutivas e mortíferas, oriundas principalmente da descarga violenta de água do rio Zêzere e de outros afluentes do Tejo, vindos da Cordilheira Central. Estas cheias, apesar de trazerem a nata¹² que cria os nateiros e fertiliza os campos, arrastam areias, culturas, animais, terras preparadas para as plantações, pequenas construções de apoio, etc. Estas caracterizam-se por ocorrerem rapidamente como cons equência de curtos períodos de chuva muito intensa. A água sobe tão violentamente que invade as povoações ribeirinhas provocando elevados estragos humanos, materiais e económicos.

As ‘cheias do campo’, são cheias brandas que, após a construção das barragens de Castelo de Bode, Fratel e Belver, são as mais frequentes. Estas originam-se na água que vem do próprio Tejo e das chuvas que progressivamente caem sobre os campos. Cingem-se normalmente às áreas dos campos de cultivo na lezíria e transportam consigo barros que trazem a fertilidade e riqueza aos terrenos de aluvião. As estruturas de comunicação e a morfologia das construções estão já adaptadas para os níveis hidrométricos que as chamadas ‘cheias do campo’ atingem.

No entanto, como consequência das alterações climáticas, e como já referimos no capítulo anterior, é ponderável considerar as cheias um fenómeno menos frequente, mas cada vez mais destrutivo.

A barragem de Castelo do Bode, no rio Zêzere, e as barragens de Fratel e Belver, no rio Tejo, foram construídas com o intuito, para além do aproveitamento hidroeléctrico, de regularizar os caudais do rio. Estas, juntamente com a construção de barragens em território espanhol, das quais destacamos a de Alcántara¹³ e de Cedillo (a última em território espanhol antes da fronteira) deveriam permitir controlar o fluxo repentino de água causado por chuvas torrenciais. Ainda assim, as maiores cheias registadas até hoje, em 1978 e 1979, deram-se já após a construção da barragem de Castelo do Bode. A descoordenação de abertura de comportas das barragens espanholas com as das barragens portuguesas foi apontada como a principal causa¹⁴ que levou às cheias mais destrutivas conhecidas, desde o final do século XIX.

12 – Nata: “N. da terra, terra fértil; nateiro”. *Houaiss and Villar, Dicionário Houaiss Da Língua Portuguesa*, 13:5721.

13 – Reservatório da barragem armazena ¼ do total da água armazenada em todas as barragens da bacia. *Daveau, Portugal Geográfico*

14 – *Ramos and Reis, “As Cheias No Sul de Portugal Em Diferentes Tipos de Bacias Hidrográficas,”* 67.

Da beleza do grande lago que aparece com a cheia vem também a destruição, tão bem retratada na obra “Avieiros”, escrita em 1942 por Alves Redol.

Recorremos agora a excertos desta obra de Redol que acompanha a vida dos avieiros do Tejo numa perspectiva neo-realista da década de 1940 e nos mostra a dimensão trágica das cheias que aconteciam regularmente no Tejo até à construção destas barragens:

«Não é isso, porém, que esta noite lhe põe [a Olinda] espertina na alma. Escuta o vento. Escuta a chuva. Os sinais do céu não são bons. A Lua entrou de maus rumores em cordas de água; aí está na mesma, pegajosa e feia, sem parar de dia e de noite; não dá uma sota: Deus se amerceie de quem precisa de ganhar o pão às baldas do tempo! Já cobriu os cabeços de areia, já cobriu parte da praia onde eles alam as redes e não parou ainda, não vai parar tão cedo, admite Olinda naquele despertar doloroso em que se enfrenesia. Sente o céu baixo. Pesado. [...]

O vento mete-se pelas paredes de palha do carroicil, zumbe, zumbe, zingareia e zomba. Ela escuta-o e sabe bem que o vento vem embrulhado em chuva. Conhece-o bem. O Tejo rumoreja perto da aldeia, quase lhe bate à porta, e não há maneira de mudar a voz na última semana. Faz medo. [...]

Ainda ontem um barco carregado de cortiça deixou más notícias. Dizia-se em Santarém que nas Portas de Ródão a água continua a subir, já vai num ror de metros, por aquele andar a cheia não tarda; lá ficam os campos de Almeirim e as ruas da Ribeira de Santarém inundados, passa tudo a ser caminho de saveiro, até que um dia, Deus nos acuda!, o Tejo cobrirá o nicho de Santa Iria e a terra acabará coberta de água, salvando-se os peixes e os pássaros, e nem todos.

O Tejo rumoreja na noite. Confunde-se com o vento e a chuva; e juntam-se num coro de ameaças que daí a uns dias é um rol de desgraças. Os avieiros dizem: o Tejo ameaça e depois traz a desgraça. [...]

[...]Se vier uma golada forte de água, aí vai tudo de escantilhão, Deus Senhor!

De repente ouve-se o chocalhar das manadas e os gritos dos campinos na Lezíria. Correm o rapazio e algumas mulheres até ao combro donde podem avistá-los; agora ninguém os incita com a voz ou ergue os braços. Ficam taciturnos, porque nenhum ignora o que vai acontecer dentro de horas. Os gados abalam para a charneca; é a certeza de que só eles continuarão à mercê do Tejo e do tempo.

Vai o gado todo, a passo, a passo lento, de cabeças a farejar a terra encharcada. Uma égua relincha, parece que o pescoço se desdobra para as bandas da nascente do rio, numa ansiedade quase desesperada, a que responde o mugir dos bois da terra, pesados, trôpegos. Inquietos, dois deles ensarilham os cornos e lutam por instantes, sem ganas, depois correm lado a lado, ganham distância, voltam-se para a manada, como a desafiarem os outros. Os campinos gritam-lhe os seus óis neste fim de tarde cinzenta. Volta a chover. Não acaba a chuva?... [...]

[...]Que vão fazer?! O Ti Vicente disse que não voltaria amanhã. Tem receio. Foi ele que lembrou à Maria Bogas e ao marido: “Quando as cheias começam, vêm seis anos a fio. E a última, que é esta, há-de ser a pior... Já hoje me vi parvo para cá chegar.”.

Que vão fazer agora?! [...]

- Tira-se às sortes e a quem calhar vai a Vila Franca. A descer o Tejo é depressa.
- O pior é voltar...
- Vem-se à sirga, aos poucos.

[...]

As nascentes do céu não secaram ainda também. Àquela hora entra nas ruas da Ribeira, sobe depressa quase a meio das portas e os barcos começam a safar gente das casas. As pessoas saem pelas janelas.[...]

[...]O vento do nordeste assobia na vegetação do valado. Arrepia ouvi-lo. Agoira dias piores.[...]

[...]Turvo, redemoinhando nas árvores dos malagueiros e mouchões, o Tejo arrasta sementeiras, animais mortos, madeira de pontões e de barcos, maldições e rezas.

[...]

Acordaram alta noite com o ruído da golada de água que rompeu o valado do Vau. A modos como um tremor de terra, disse a Maria Bogas. Parecia que o Mar entrava pela terra dentro, bem no fundo da terra, e levava a gente para as profundas do Mar Alto.

Mal a luz da manhã aparece entre a morrinha de uma chuva fria, vão espreitar acima do valado. A Lezíria é um lago donde emergem os corutos dos barracões e das poisadas, os postes telegráficos, as árvores. Na Lezíria há poucas árvores. A Lezíria, que é terra árabe, não gosta de árvores.

[...]Desce a bruma sobre as águas barrentas da cheia. Uma bruma cinzenta que se iguala ao céu e às almas. E que cobre os montes do norte e apaga as margens do Tejo, como se os avieiros tivessem entrado numa concha de névoa e dor. Amarrados dentro dela, sem poderem encontrar outra saída que não seja a das ciladas de um Tejo desconhecido, onde se apagaram os caminhos aprendidos desde a infância.

[...] Não se sabia a sorte de um rancho de valadores que andava no Parcel a reforçar valados e a limpar valas: treze homens e seis rapazes, fora o capataz; o abegão da Gigantinha chegara ao cais de Vila Franca dentro de uma bateira de varinos e parecia morto; tinham-





no encontrado em cima duns fardos de palha; um eguariço do Agostinho Serra, quando vira o golão da cheia a entrar dos lados do Sorraia, montara na égua, metera-a à maluca, à falhica, em busca de sítio para se salvar, mas a água levava tudo à frente agarrou-os, só os apanharam ao pé de Mar de Cães. Uma desgraça.»¹⁵

«A água vai baixando. Deixou de chover há uns dias. Na lezíria já não há emposta mais chegada onde não tenham ido. À medida que a cheia desce, a desolação aumenta. Os troncos das árvores, a vegetação das abertas, os barracões, os paus de vedação, tudo o que as águas tocaram, envolve-se numa cinta de barro viscoso, quase castanho, como se mãos humanas as tivessem marcado de maldição. Aluíram palheiros e arribanas. Vêem-se a boiar coelhos e galinhas das capoeiras arrombadas; e dezenas de lebres que não puderam escapar à morte da corrida com a cheia; e pássaros.

Anda no ar um cheiro acre. E uma ameaça de mais fome. Os milhafres planam sobre um festim de miséria. Mergulham lá do alto, agarram as presas e abalam. Perdem-se no horizonte pardo.»¹⁶

«Calados por muito tempo, caminharam pela pequena floresta onde as cheias deixam vestígios para todo o ano. Dizem os velhos e os cachopos que por ali andam almas penadas.

A terra fica mole, aberta e esbeijada, cor de cobre com verdete, estranha, onde a erva se queima por entre árvores que se tocam e parecem lutar braço a braço, rastejando a morder o chão, grimpendo na soberba de agarrar a luz, num esgotamento de formas arrebatadas que deliram e sofrem; parecem paliçada que cortasse os caminhos do homem, mas abrem-se se este avança e logo se fecham, emaranhados, troncos e ramos, onde raras folhas se esboçam em verde, e depois ficam ruivas, metálicas, enrugadas e caducas, sem tombarem, talvez presas pela raiva de não conhecerem a Primavera; aqui e acolá surgem troncos atacados de volúpia, mas que se quedam na ânsia, vencidos, logo frouxos, cortados num golpe, como se a luz lhes matasse o ímpeto, deixando-os esvaídos, de bruços, malditos desde a raiz ao tronco mais afoito; espécie de floresta petrificada, cor de xisto; o ar cheira a morte, a morte fria e premeditada, de troncos gafos, escalavrados, de grandes chagas onde os bichos devoram e se devoram numa morte cansada, longa, bem sofrida e longa, gritada e silenciosa; inferno queimado até ao último estertor, logo arde nele o vagido verde da folha ou do musgo tornados metal e pedra, polvo de mil braços decepados pela luz, enjeitando os tentáculos mais débeis que resistem à queda, dos quais se sentem os gritos vegetais, estridentes e apagados; e ali ficam caídos sem clemência, apertando as mãos aos que ficam agarrados aos troncos, calados por muito tempo, como o homem e o rapaz que caminhavam na floresta por aquela manhã de sol brandinho, apegados a preocupações diferentes.»¹⁷

Hoje, com as 207 represas construídas ao longo do Tejo, desde a nascente ao estuário, deparamo-nos com um problema de caudal que vem intensificar os períodos de estiagem e aumentar a sua irregularidade. O fraco escoamento significa que as areias que deveriam ser escoadas até ao estuário do rio e depositadas nas praias da costa ficam depositadas no leito do Tejo contribuindo assim para o seu progressivo assoreamento. Apesar de existirem protocolos conjuntos entre Portugal e Espanha¹⁸ a água retida em território espanhol, não permite regularizar o caudal do rio.¹⁹ As albufeiras retêm, com a água, os materiais sólidos (siltes e argilas) que dão a fertilidade aos solos desta zona – os ‘nateiros’ vão desaparecendo – para além de intensificarem o impacto das cheias e aumentarem os níveis de poluição do rio.

A cota máxima de cheia de que há registo foi atingida entre 10 e 13 de Fevereiro de 1979 quando a água atingiu os 23,99 metros, acima do nível da água do mar, junto à Quinta da Cardiga. Esta grande cheia foi tão severa que a sua previsão de retorno é superior a 200 anos.

O Palácio da Cardiga encontra-se construído sobre um plinto, assim, quando as cheias acontecem fica isolado, como uma ilha-forte no meio do lago temporário.

15 – Redol, *Avieiros*, 303–15.

16 – *Ibid.*, 321.

17 – *Ibid.*, 32.

18 – Convenção de Albufeira, 1998

19 – Relatos de pessoas locais

Fig. 29 – em baixo: Cheia na Lezíria Ribatejana

Fig. 30 – ao lado: Área de inundação máxima - retorno de 1000 anos - Fonte APA





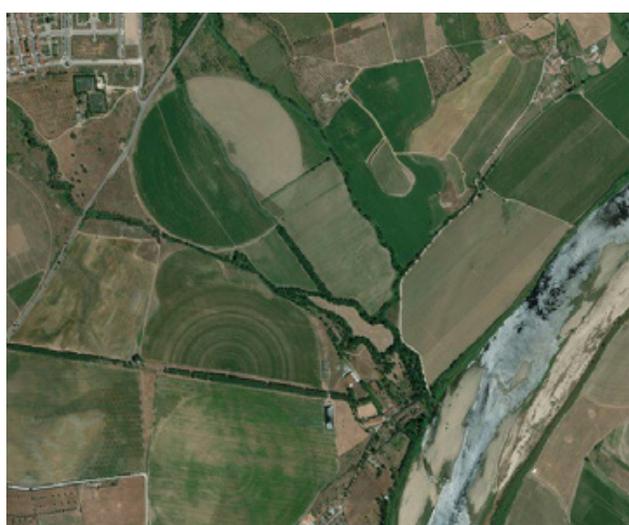
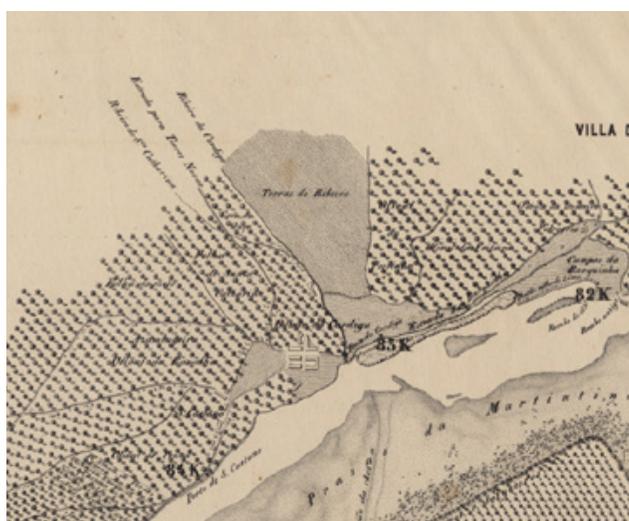
«The landscapes are quite literally remarkable, displaying their elements in succinct configurations and condensed images. At the same time, they do not feel so much unique or grand as they do characteristic and typical. What one finds here is a predominantly agricultural landscape, marked by generations of human labor. Here one sees growth through history, intensively worked land, landscapes overgrown or dying off, traces of neglect, decline and change, as well as the new, both ugly and beautiful. »

Zumthor, *Peter Zumthor 1985-2013: Buildings and Projects*, 3:11.



Os Sistemas Agrícolas

A Transformação da Paisagem



Os avanços tecnológicos, as políticas económicas da gestão do território e das práticas agrícolas em constante alteração transformam radicalmente as paisagens agrícolas que conhecemos.

Há 50 anos os terrenos afectos e envolventes à Cardiga eram ocupados principalmente por um vasto olival complementado com a cultura da vinha e de pastagens. Hoje, arrancadas as oliveiras, deparamo-nos com vastos milheirais de regadio, sem vinha e poucas pastagens. Daqui a 50 anos é provável que outra ocupação do solo terá o seu lugar.

Como afirmámos anteriormente, não nos compete aqui avaliar ou propor uma ocupação dos terrenos agrícolas. Pretendemos, no entanto, evidenciar estas transformações tão radicais, que no caso específico em estudo nos parecem nocivas, do ponto de vista da continuidade dos solos, da existência de biodiversidade e da salubridade do Rio Tejo e dos seus afluentes, como é o caso da Ribeira de Santa Catarina e a Ribeira da Ponte da Pedra. A super-especialização das culturas traduz-se na fragilidade e na significativa redução da capacidade de resiliência desta paisagem.

fig. 32 a 34 – Evolução da ocupação do solo.
De cima para baixo: séc.XIX, séc. XX, séc. XXI

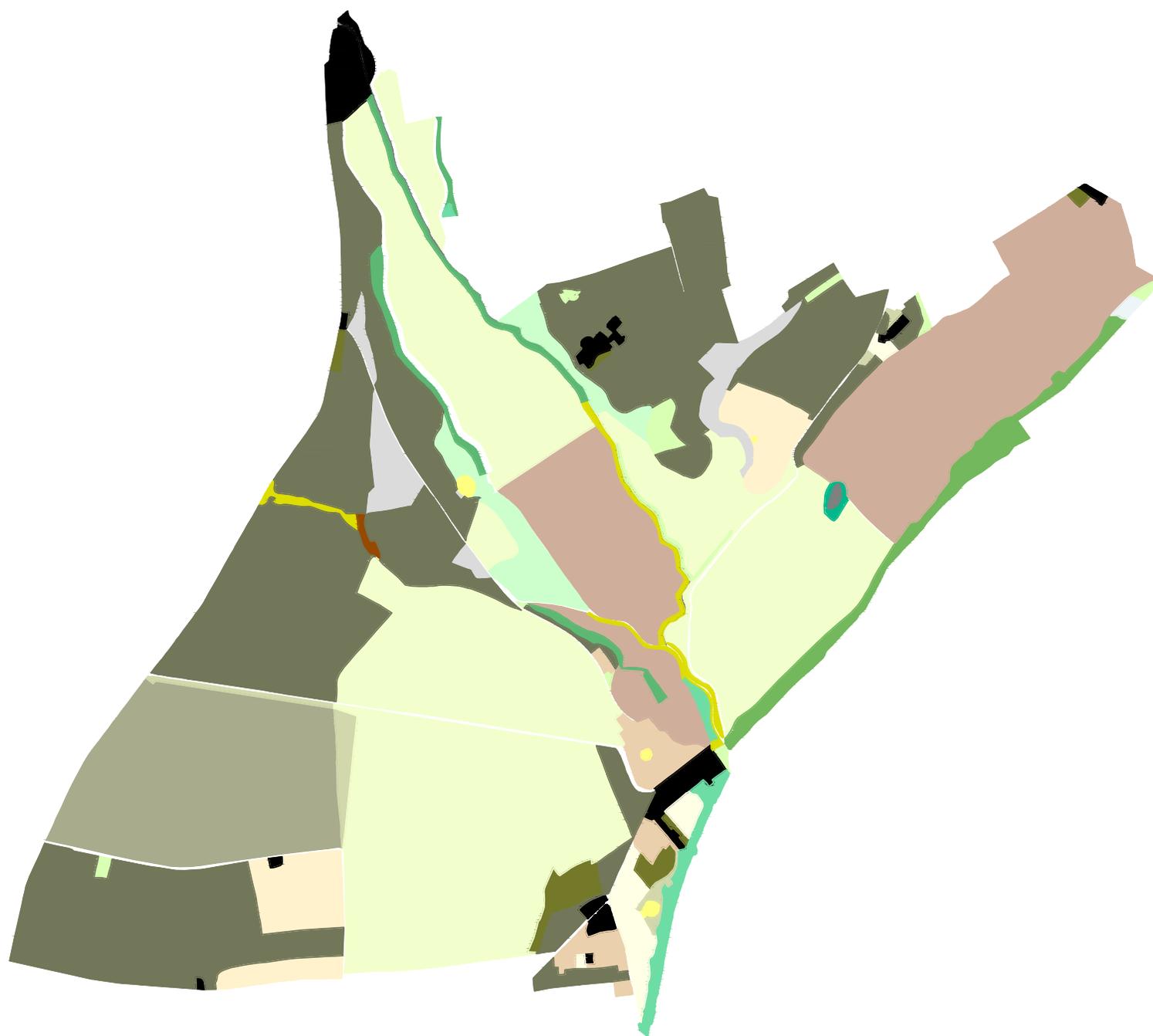


fig. 35 – Uso do solo: a partir do Cadastro Geométrico da Propriedade Rústica, c.1960

Os esquemas acima representam a comparação da área agrícola afectada à Quinta da Cardiga c.1960 e a utilização do solo prevista no Cadastro Rural (esquema à esquerda) e a tracejado branco a marcação da área actual de terrenos pertencentes à Quinta e a ocupação dos solos determinada através de ortofotomapa e visitas ao local (esquema à direita). É clara a transferência da utilização dos solos de policulturas para uma monocultura intensiva de milho de regadio, que reduz a diversidade e homogeneiza a terra para o máximo de rentabilidade num planeamento estratégico que será inevitavelmente a curto prazo.

O espaço rural tem sido continuamente negligenciado, relegado para segundo plano nos interesses políticos nacionais sendo, no entanto, palco fundamental da evolução humana.



vinha



olival



cereais

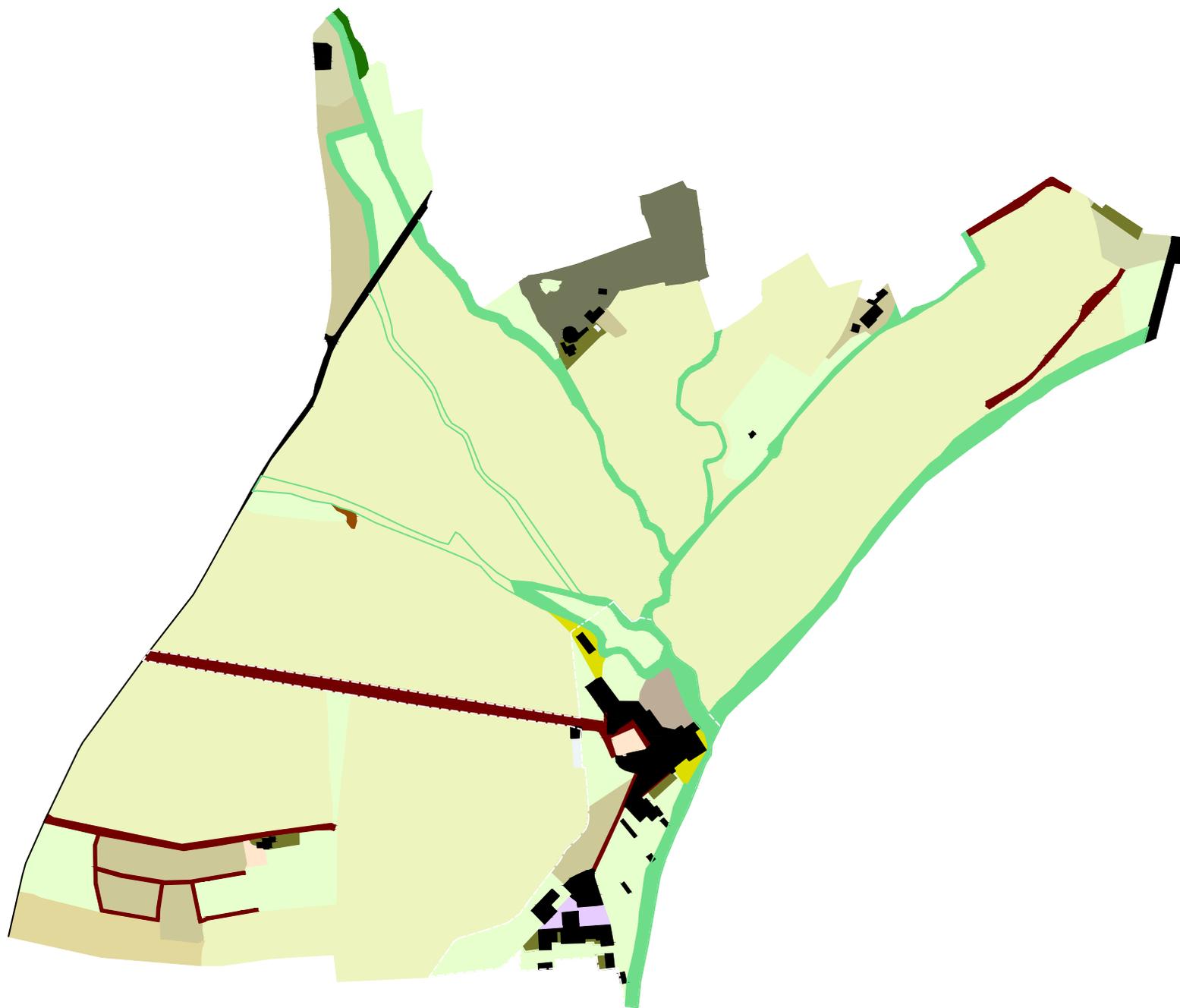


fig. 36 – Ocupação do Solo: a partir de Ortofotomapa e visitas ao local, 2018



cereais - milho

UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO PARA A QUINTA DA CARDIGA

Estratégia de revitalização

11 – Investimento menor e que, em princípio, ‘enriquece’ os municípios - atrai interesse público e privado.

A partir da identificação das latências e potencialidades na sua envolvente, isto é, dos valores naturais, histórico-culturais e oportunidades recreativas delineou-se a estratégia de revitalização da Quinta da Cardiga.

Como já apontámos no texto “Posicionamento: a descoberta de um projecto” optou-se por avançar com uma proposta de regeneração idealmente a médio prazo, que contemple várias fases, sendo que apenas a primeira fase será desenhada e aprofundada no decorrer deste trabalho.

Consideramos esta a primeira fase entre outras não definidas e desenvolvidas por nós. A estratégia surge da inexistência de programa dado e assim da decisão de, em primeiro lugar, potenciar a envolvente, o que estrategicamente se traduz num investimento de menor custo.

A falta de meios, de tempo necessário e apoio técnico não permitem definir com rigor e detalhe as outras fases e o seu desenvolvimento. Seriam necessários vários estudos arqueológicos, históricos, de rentabilidade agrícola, vários levantamentos, topográficos, métricos mais rigorosos, de patologias, entre outros, para poder avaliar a possibilidade/custo de regeneração de todo o conjunto e para definir uma proposta de reabilitação assertiva. No entanto, parece-nos evidente pela premência da recuperação do palácio, que essa constituiria só por si a segunda fase de regeneração do conjunto, representando um enorme investimento. Outras fases prender-se-iam com a recuperação do restante edificado pré-existente, e com a reocupação dessas pré-existências com novas funções, bem como a reorganização dos terrenos agrícolas adjacentes.

Assim, a estratégia que sustenta a proposta da primeira fase consiste na reconecção da Quinta ao seu entorno e em algumas intervenções no seu núcleo construído partindo do pressuposto da conservação e reposição dos sistemas lineares naturais das galerias ripícolas que atravessam os terrenos da quinta e da redefinição e clarificação dos limites da área construída. Estas intervenções têm como princípio ideal potenciar o investimento de recuperação de vários edifícios do conjunto em fases posteriores.

A estratégia de conexão tem um duplo propósito. Em primeiro lugar facilita o acesso e funda novas dinâmicas entre a Quinta da Cardiga e o seu entorno. Em segundo lugar garante a vitalidade dos sistemas lineares húmidos – as galerias ripícolas – e activa formas de recreação e reconhecimento património histórico, cultural e paisagístico através da criação de caminhos pedonais e cicláveis e hortas comunitárias nas suas orlas temperadas - corredores ecológicos para fauna e flora.

Num plano de acção alargado repor e criar caminhos que ligam a Quinta aos centros urbanos próximos activa as circulações humanas. Facilitar o acesso a um lugar predominantemente isolado e abandonado incita à reflexão global e social sobre o mesmo, desperta interesses, vontades com o propósito de activar mecanismos de regeneração. Esta regeneração não se faz apenas no sentido físico da recuperação do edificado e do seu entorno, mas também no sentido da memória, da apropriação emocional, da construção mental dum novo reconhecimento. Ao dar o primeiro passo no sentido de conectar facilitam-se linhas de investimento do ponto de vista económico e cívico. Dar a conhecer estes lugares e a possibilidade de criar rotinas de incursão da população vizinha. Conectar e facilitar a circulação torna-se assim o primeiro passo/acto regenerador de um rico conjunto arquitectónico. Abrir e estabilizar espaços para parar e usufruir da Quinta torna-se o segundo.

O esquema na página seguinte sintetiza a estratégia e o objectivo principal a partir de várias acções conjuntas.

As transformações sociais, económicas e tecnológicas que levaram à transformação radical do espaço rural – êxodo, desconecção física e social das populações vizinhas; a má gestão privada dos campos agrícolas; intensificação da monocultura de milho de regadio; a remoção e interrupção das galerias ripícolas que estruturam a paisagem produtiva na envolvente da Quinta; a falta de manutenção e más políticas de gestão e preservação do Rio Tejo; a desafecção da maioria dos terrenos agrícolas ao edificado; o custo de recuperação do conjunto, aliado a questões de foro familiar que tem como consequência edifícios em crescente estado devolutivo faz-nos questionar a utilidade do conjunto edificado neste contexto.

A formulação pela nossa parte de um programa parte do entendimento comum de que este património deve ser preservado e valorizado. As acções de valorização e preservação destinam-se sobretudo às populações locais e visitantes que constantemente se dirigem à quinta, bem como para os futuros trabalhadores e “habitantes” que serão necessários com a recuperação da Quinta.

Assim, da não existência de programa dado, cria-se um programa que consiste na valorização da Cardiga a partir de infraestruturas que a re-conectem ao seu entorno e que permitam actividades no seu núcleo, estabelecendo ao mesmo tempo eixos de recuperação, de revitalização da própria Quinta, mas também das estruturas naturais que justificam a sua permanência e continuidade.

OBJECTIVO GERAL

“Devolver” a quinta à população
Preservar a memória
Assegurar a continuidade

através de várias acções
objectivos específicos

Redesenhar as aproximações

Clarificar o conjunto

Construir novos espaços
de apoio a programas de
ocupação

Três principais eixos:

Tejo – Cardiga
Entroncamento – Cardiga
V. N. Barquinha – Cardiga

Redesenhar momentos de chegada e aproximação

Reposição das Galerias Ripícolas

Demolição

Consolidação

Construção

Re-ocupação

Novos caminhos

Ancoradouro

Jardins de transição - hortas

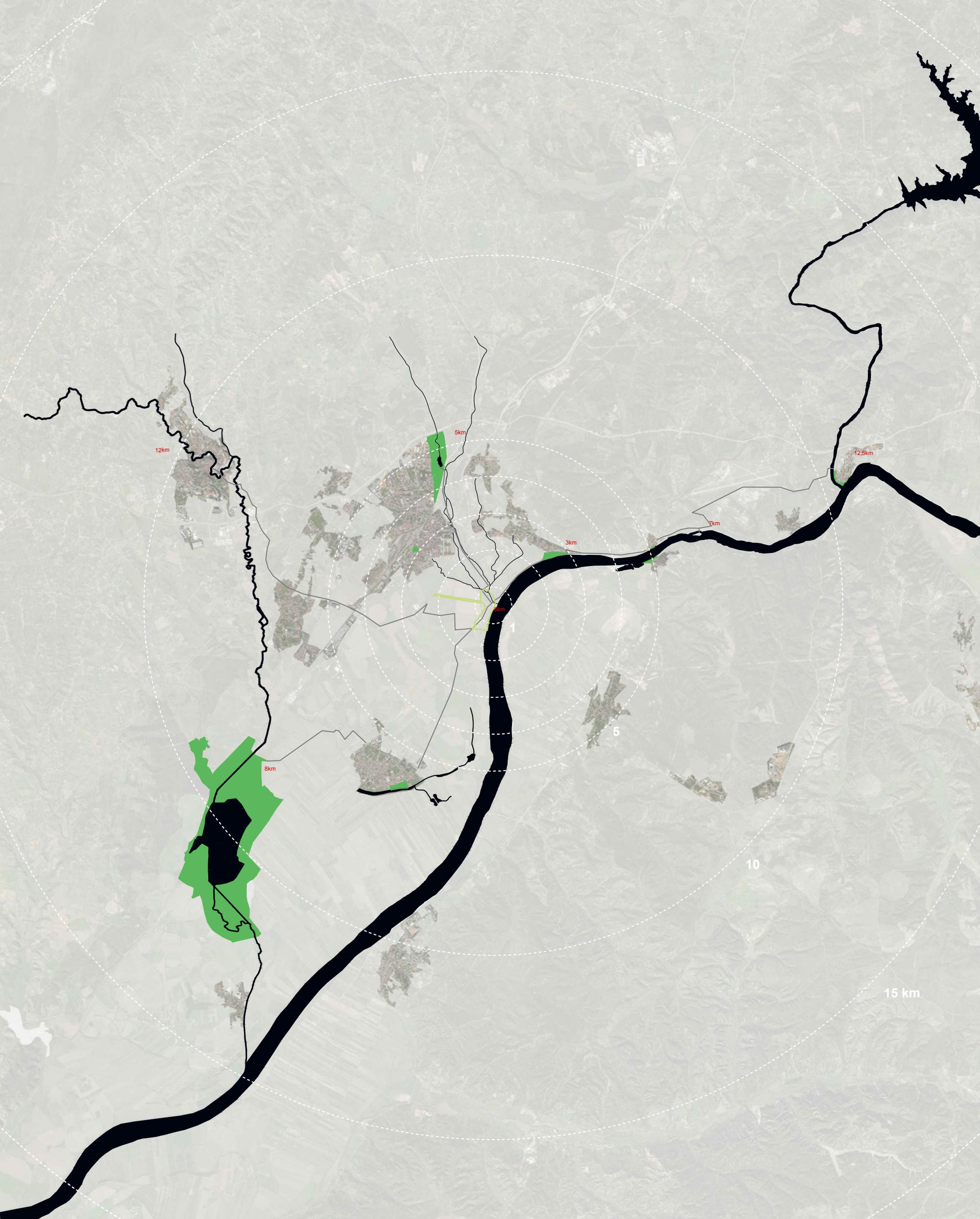
Estruturas de aproveitamento/retenção e limpeza de água

Espaços exteriores multiusos

Área de Influência

Distâncias facilmente percorriáveis a partir da Quinta da Cardiga

- 0Km Rio Tejo [0Km]
- 3Km Parque de Escultura Contemporânea Almourol [2,5Km]
- 5Km Parque Natural do Bonito [4,4Km]
- 7Km Castelo de Almourol [7Km]
- 8Km Reserva Natural do Paul de Boquilobo [10,8Km]
- 12Km Castelo de Torres Novas [12Km]
- 12,5Km Parque urbano de Constância e Praia fluvial [12,5Km]



“Sempre tive dificuldade em definir a fronteira entre plano e projecto. Quando recebo o encargo da elaboração de um plano, as incompreensões manifestam-se logo na altura da redacção do contracto. Também o Plano de Recuperação do Chiado seguiu a mesma regra. Nas circunstâncias, decidi definir as linhas gerais, os princípios e o regulamento, deixando aos proprietários liberdade na escolha do arquitecto. O resultado final não foi brilhante e confirma a dificuldade, propriamente contemporânea, de construir em continuidade através de intervenções individuais.”

Álvaro Siza Vieira, *Imaginar a evidência*, 85



O Plano Geral

Partindo da análise da evolução morfológica do lugar e da estratégia já delineada propõe-se um plano geral que estabelece as conexões específicas entre a Cardiga e o seu entorno, bem como as valências de cada percurso que lhes é associado.

A primeira conexão que se propõe recuperar é a ligação da Quinta da Cardiga com o Rio Tejo

O Tejo como gerador de vida surge como o primeiro impulso gerador de uma proposta para a Quinta. A recuperação da circulação fluvial potencia o conhecimento do território – possibilidade decaída ou mesmo perdida nos últimos anos devido à má manutenção do rio e exacerbado estado de assoreamento. No entanto, este eixo vital pode ser lugar de várias actividades tanto de recreio como produtivas, mas sobretudo recuperado como importante via de comunicação. A Cardiga na sua posição privilegiada junto à sua margem norte integra-se numa rede vasta de cais e ancoradouros que pela sua utilização e usufruto promovem e contribuem para a regeneração do Tejo.

A segunda conexão que se propõe é a ligação entre o Parque Verde do Bonito, o Complexo Desportivo Municipal do Bonito (Entroncamento Norte), o Jardim Afonso Serrão Lopes (Entroncamento Sul) e a Quinta da Cardiga.

No Parque Natural do Bonito e Complexo Desportivo encontram-se várias instalações, desde piscinas, campos de futebol, parque radical, courts de ténis e pista de atletismo, vias pedonais e cicláveis, áreas destinadas a pesca no açude do Bonito, espaços amplos para recreação e campismo. Na zona sul do Entroncamento, para além do Jardim Afonso Serrão Lopes, encontram-se a maioria das escolas do concelho, o parque de campismo e já no limite da cidade o espaço do mercado semanal.

A criação de corredores verdes pelos caminhos propostos ampliam a utilização das infraestruturas referidas e as suas possibilidades pelas margens da Ribeira da Ponte da Pedra (norte), da vala (norte e sul) e da Ribeira de Santa Catarina (sul) através de estruturas lineares pedonais ou cicláveis com cerca de 5km até à Quinta da Cardiga. Para além da utilização humana os corredores verdes permitem a circulação de fauna na ultrapassagem de obstáculos como estradas e caminhos-de-ferro e encontrar um espaço seguro fora dos campos de cultivo para as naturais migrações.

«[...] são a diversificação biológica e a presença da vida silvestre na paisagem humanizada dos dias de hoje que mantêm a fertilidade biológica e a estabilidade física do espaço e, por conseguinte, a sua capacidade para a instalação de comunidades humanas.» RIBEIRO TELLES, (1995) 2016, p.115



fig. 43 – em cima: Ribeira de Santa Catarina a norte da estrada N365. Abril de 2018



fig. 44 – em baixo: Ribeira de Santa Catarina a sul da estrada N365. Abril de 2018

A terceira conexão que se pretende repor é a ligação entre Vila Nova da Barquinha, em especial o Parque de Escultura Contemporânea Almourol (P.E.C.A.) e a Quinta da Cardiga pela frente do Rio Tejo.

O P.E.C.A. é exemplar na transformação que operou na relação da população com o espaço exterior na frente rio. Prolongar a possibilidade de caminhar junto ao Tejo até à Cardiga permitiria ampliar o espectro de actuação deste parque e das estruturas de actividades culturais que já existem até à Quinta, traduzindo-se na potencial utilização dos seus espaços. Esta conexão não se pretende finita entre estes dois pontos, mas antes o prolongamento de um percurso pela margem do Tejo que poderia vir já de Tancos, do Castelo de Almourol, e seguir por São Caetano até à Golegã, e até Lisboa.

A quarta conexão do plano, mais do que uma ligação nova ou perdida, é a antiga entrada de representação da Quinta da Cardiga durante o séc. XX, a Alameda de Lódãos, bastante degradada e que se propõe recuperar. Este caminho estabelece-se entre a EN 365 e a Quinta da Cardiga e configura uma grande alameda que se estende por mais de um quilómetro até atingir o conjunto construído da Quinta.

O plano geral pressupõe também a introdução de estruturas capacitantes e atradoras de outros investimentos de regeneração. Estas pretendem recuperar uma utilização da Quinta que reforce o sentido de comunidade, que recupere a memória colectiva do lugar sem que isso signifique a sua estaticidade.

No capítulo ‘Intervenções Nucleares’, iremos desenvolver sobre as acções que consideramos serem essenciais para activar a regeneração da Cardiga, no seu núcleo, numa primeira fase.

Página ao lado e páginas seguintes: Sequência de Ortofotomapas que demonstram a evolução da zona envolvente à Quinta da Cardiga no que diz respeito ao crescimento dos núcleos urbanos e à diminuição das galerias rípicolas associadas às linhas de água.

Demarcação das vias de comunicação principais a branco e da Quinta da Cardiga, [A] Quinta da Ponte da Pedra [B] e Quinta da Lameira [C] a sombreado vermelho.

fig. 45 - Página ao lado: 1947, fig. 46 – Página seguinte à esquerda: 2012; fig. 47 – Página seguinte à direita: 2018



B

C

A



A

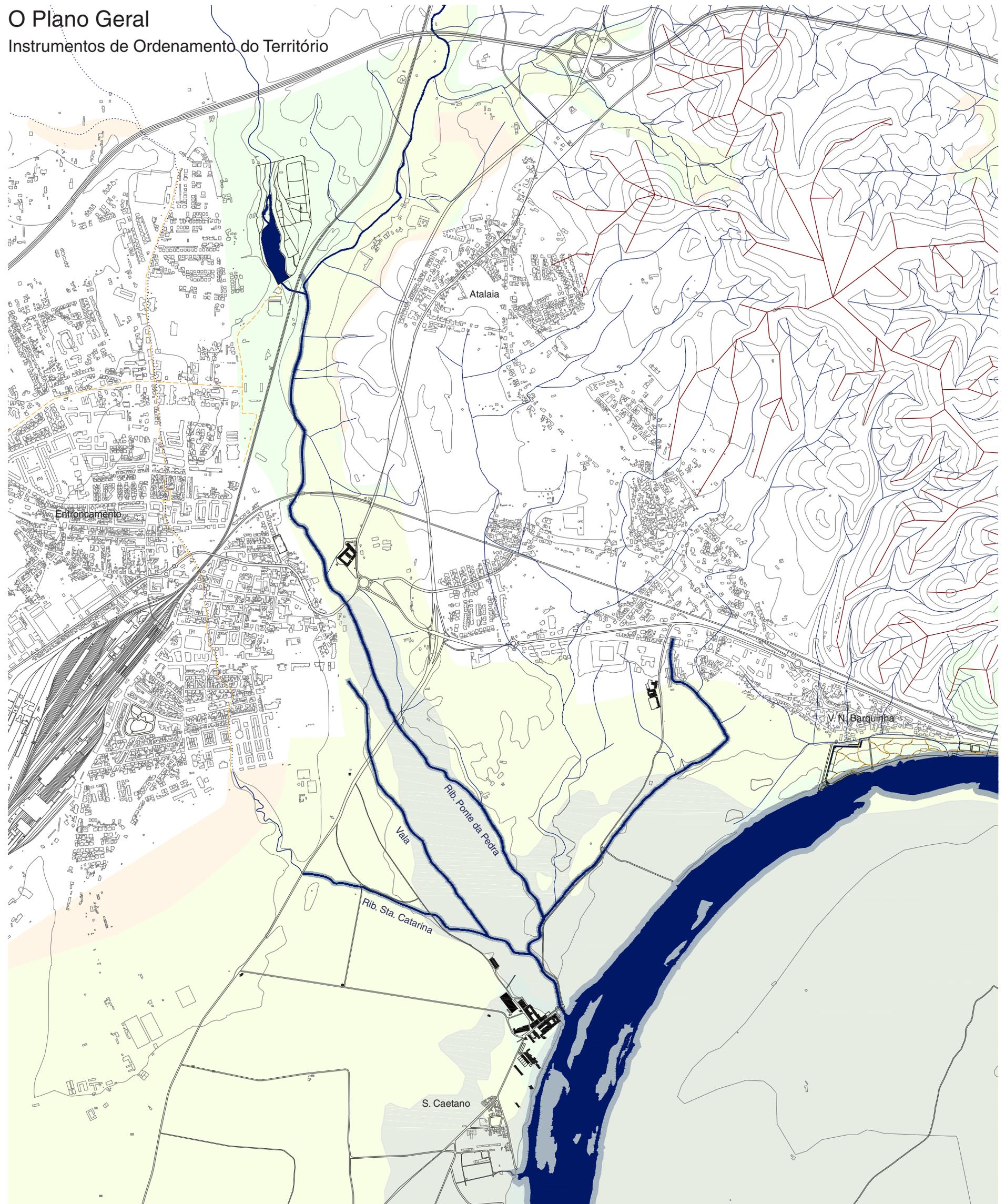
B

C



O Plano Geral

Instrumentos de Ordenamento do Território



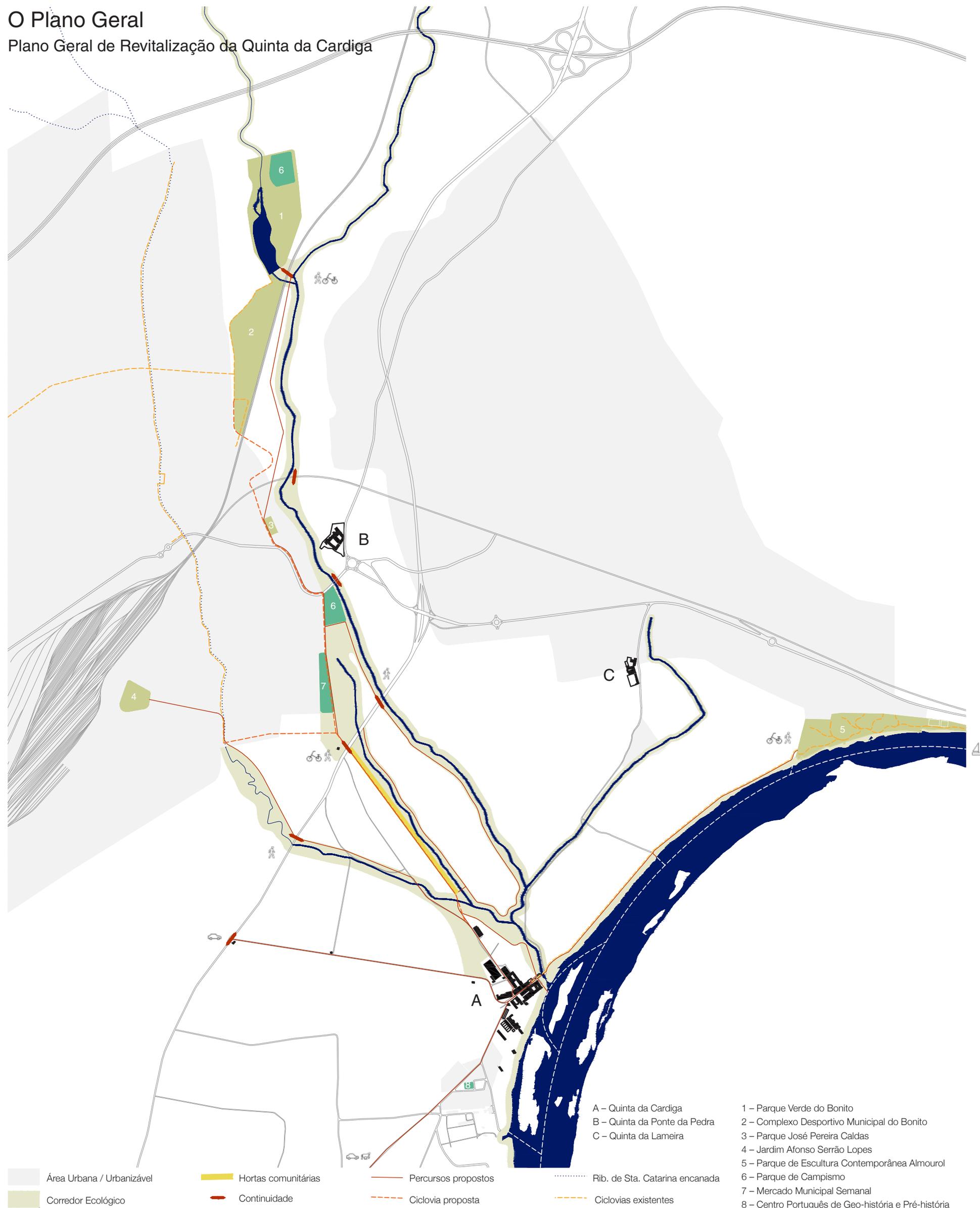
REN
RAN

REN+RAN
Domínio hídrico

Máximo inundação
Linhas de festo

O Plano Geral

Plano Geral de Revitalização da Quinta da Cardiga



Aproximações e afastamentos ao lugar da Cardiga



Sequência Espacial

N365 | IC3



SÃO CAETANO



QUINTA DA CARDIGA



GOLEGÃ



TEJO

ENTRONCAMENTO SUL



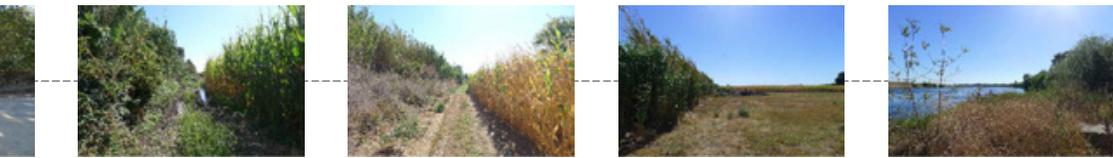
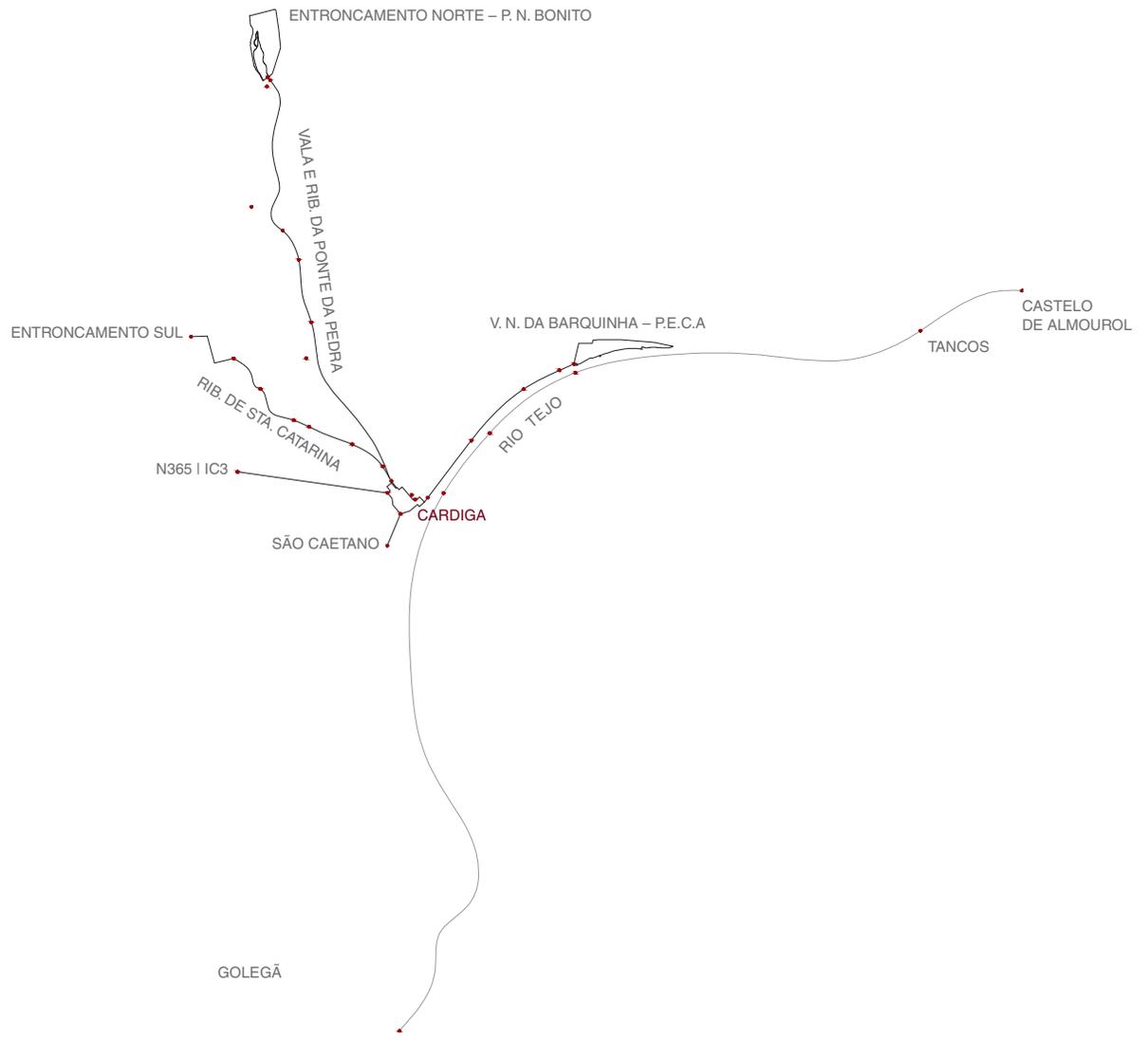
RIBEIRA DE STA. CATARINA



VALA E RIBEIRA DA PONTE DA PEDRA



P. N. BONITO



V. N. DA BARQUINHA – Parque de Escultura Contemporânea Almourol

TANCOS
CASTELO DE ALMOUROL



PERCURSO I

A via fluvial

cota variável 14 – 21m

Considerou-se o percurso fluvial a via que atravessa longitudinalmente o Tejo de montante para jusante e vice-versa.

Começando no Parque Natural do Tejo Internacional, passamos o Monumento Natural das Portas de Ródão e avançamos rio abaixo avistando várias povoações ribeirinhas, algumas com os seus castelos alcandorados, até chegar ao ilhéu do Castelo de Almourol, encontrando ao longo do percurso vários pontos de ancoragem e quatro grandes barreiras que interrompem o seu curso - pelo que actualmente não é possível voltar a subir ou descer o Rio Tejo sem ir a terra e fazer o transbordo.

Almourol é o ponto mais a NE do Rio, com uma distância facilmente percorrível até à Cardiga (cerca de 7 Km) e é o penúltimo momento de excepção do Alto Tejo antes deste alargar ao Sul.

Seguindo para jusante, o último momento de excepção é a pequena garganta conformada pelo maciço de Tancos, onde se implantam duas povoações nas suas margens estreitas e altas, Tancos e Arripiado, duas aldeias vizinhas, cada uma em sua margem do Tejo, frente a frente. Logo a seguir a Tancos, Vila Nova da Barquinha, e a partir daqui as margens que confinam o Tejo abrem-se e o seu leito espalha-se na lezíria e logo encontra a Cardiga, junto à água, com a sua Torre vigilante. Daqui partimos pelo Tejo da lezíria em direcção ao estuário, até Lisboa, onde enfim o rio se funde com o Oceano Atlântico.

Estar dentro do corredor fluvial proporciona uma perspectiva e ambientes únicos e díspares da experiência vivida em terra. O som, o silêncio, as cores, a paz, a calma, em suma a descoberta de uma paisagem, hoje, quase secreta.

As suas margens são a extensão da terra e da água, são o encontro, a membrana de transição para mundos diferentes e no entanto indivisíveis.

A possibilidade latente do Tejo como via de comunicação, como espaço produtivo, mas também da vivência do rio enquanto espaço de recreio impeliu à proposta evidente da recuperação da relação do edificado com a água.

Na sequência dos vários cais existentes ao longo do Tejo torna-se clara a proposta de um ancoradouro para a Cardiga, embora seja indubitável que a sua presença no Tejo depende no futuro, da recuperação do seu leito, do desassoreamento, da manutenção das margens bem como das políticas de gestão das barragens e açudes – factores indispensáveis para uma regeneração das actividades ligadas ao rio.



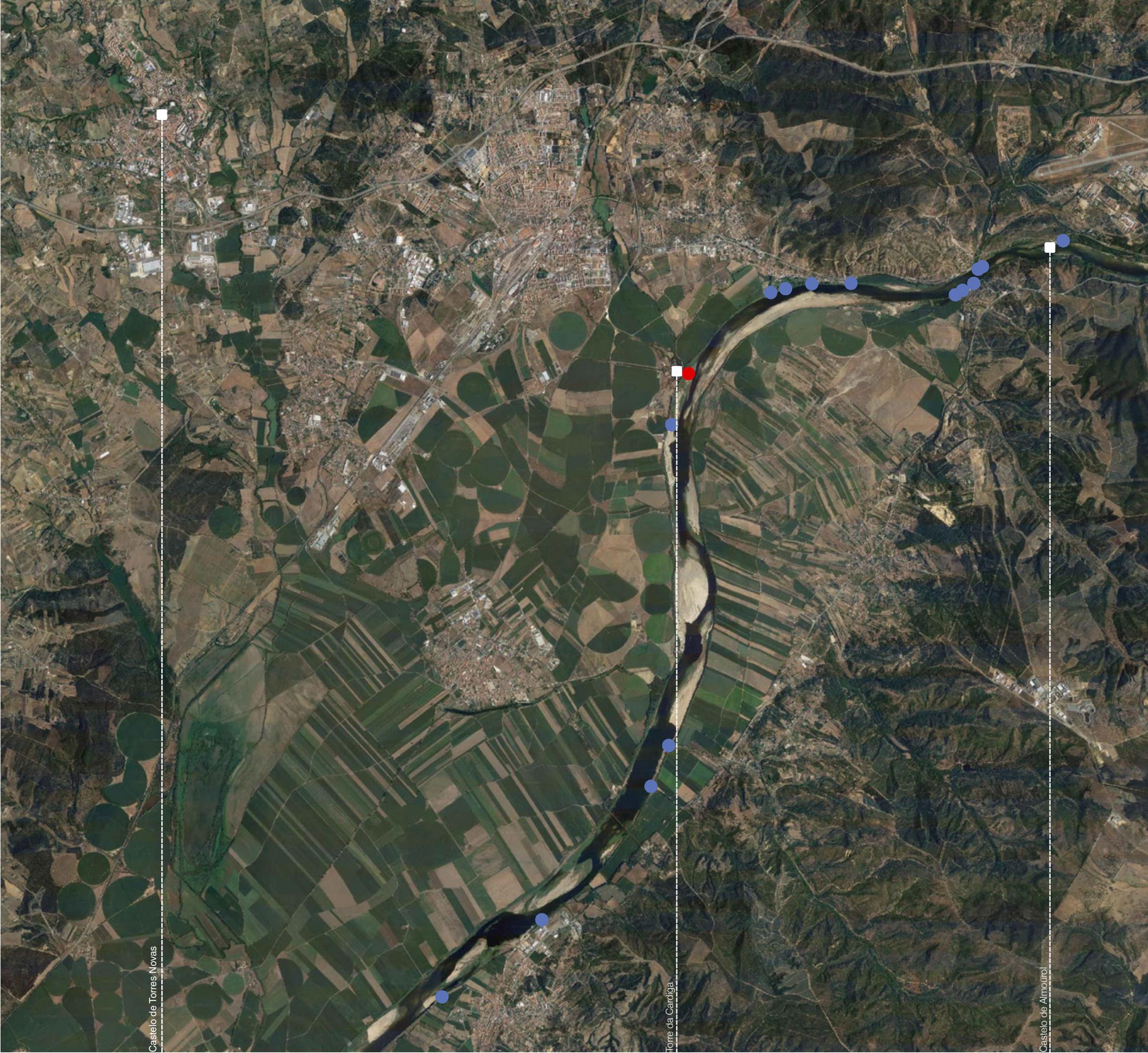
fig. 84 a 90 – De cima para baixo: Portas de Ródão, Castelo de Belver, Castelo de Almourol, Tancos e Arripiado, Quinta da Cardiga, Lezíria, Lisboa

fig. 91 – pág. ao lado: vista da Quinta da Cardiga desde a margem sul do Tejo

A inclusão do novo ancoradouro numa rede mais alargada possibilita o reconhecimento destas paisagens e da sua história. Na página seguinte procurou-se evidenciar essa possibilidade numa carta, a título de exemplo, ao cruzar a rede de cais e a rede de estruturas defensivas visitáveis no decurso de um troço do Tejo, entre Abrantes e a Chamusca.

A estratégia de renaturalização das ribeiras que propomos é também essencial como forma de manutenção do próprio tejo, articulando desta forma as várias possibilidades de conexões propostas.



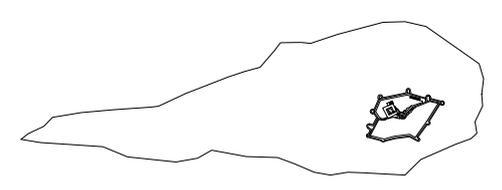
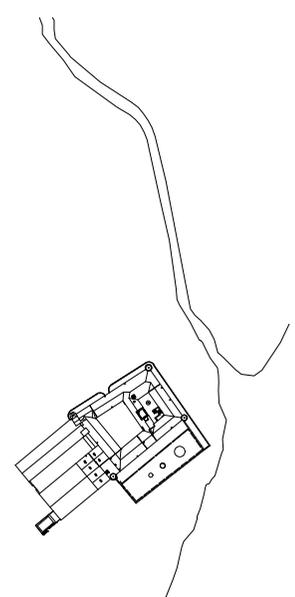
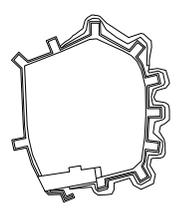


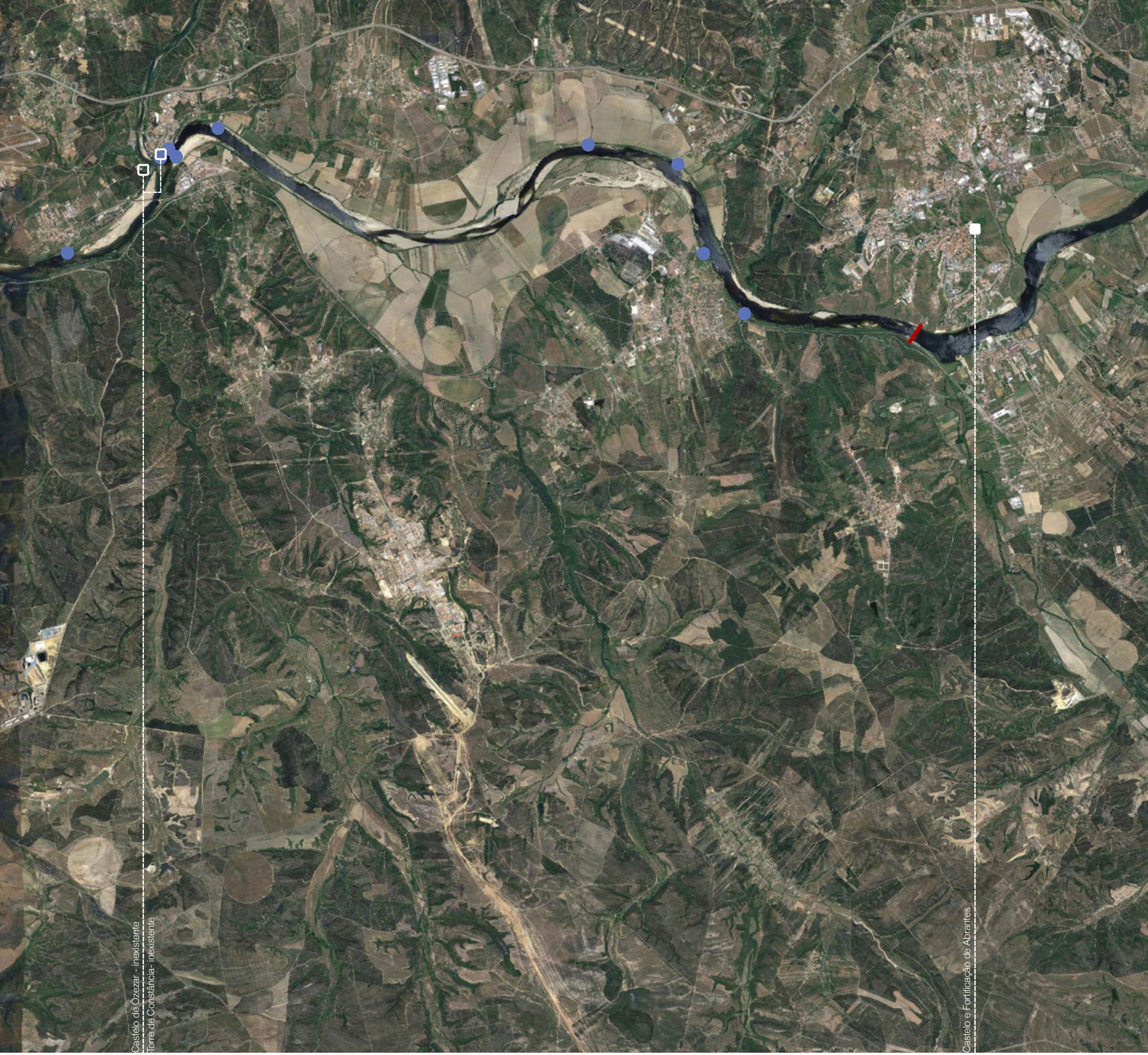
Castelo de Torres Novas

Torre da Cardiga

Castelo de Almoural

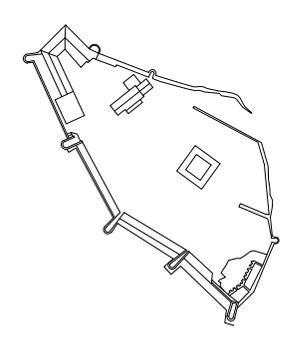
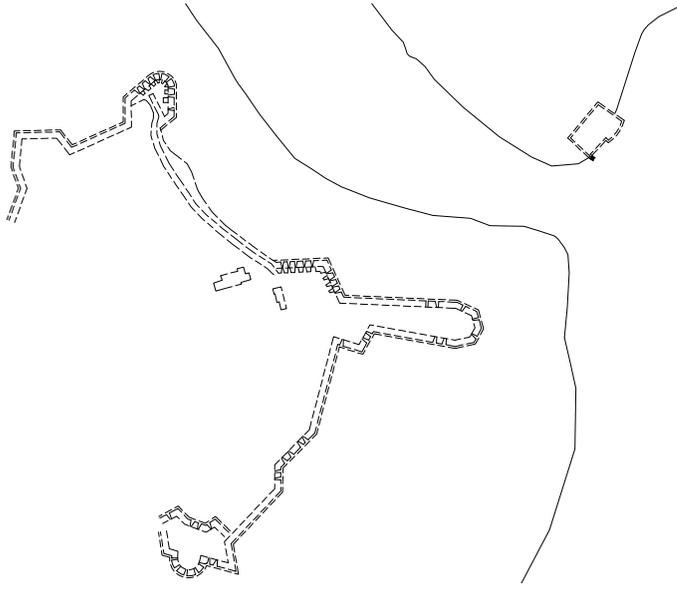
- Cais / Ancoradouros Existentes
- Ancoradouro Proposto





Castelo de Ózarez - inexistente
Torre de Constança - inexistente

Castelo e Fortificação de Abrantes



PERCURSO II

Pelas ribeiras, desde o Parque do Bonito

cotas entre 14m e 25m

Considerou-se como Percurso II o conjunto de caminhos propostos pela Ribeira da Ponte da Pedra e Vala que ligam a Quinta ao Parque Natural do Bonito no norte do Entroncamento (cerca de 5km) e o caminho proposto pela ribeira de Santa Catarina que liga a Cardiga ao sul do Entroncamento (cerca de 3km) pela acção de recuperação das galerias ripícolas destruídas que assemelham as intervenções.

É essencial para a proposta a renaturalização e limpeza das ribeiras que atravessam o território para a criação de ecossistemas saudáveis. A reforestação marginal deverá permitir a criação de áreas mais densas de mata ribeirinha com objectivo de impedir/dificultar ao longo de partes do seu curso o acesso directo à água pelo Homem, dada a sensibilidade e fragilidade destas estruturas, especialmente numa fase inicial de recuperação.

A vala, pelo seu carácter artificial, afigurou-se mais disponível para uma proposta de uso mais intensivo, libertando a carga de utilização das ribeiras. O seu traçado apresenta o caminho mais directo entre o Entroncamento, com mercado semanal já no seu limite urbano, e a Quinta da Cardiga, existindo já caminhos de trabalho que se transformam em rua na chegada à Quinta. Assim, propomos ao longo deste caminho a criação de hortas comunitárias acessíveis num percurso tanto ciclável como pedonal. Esta implantação tira proveito da estrutura hidráulica para a rega e estabelece o limite entre os campos de cultivo intensivo e vala, servindo como protecção à sua galeria ripícola.

As hortas comunitárias pretendem estabelecer a transição entre a escala dos grandes cultivos da máquina e a escala humana, numa 're-aproximação' ao campo, à vivência e 're-conhecimento' do meio rural.

Na margem oposta da vala, em oposição às hortas descobrem-se espaços de refúgio e de descanso. Estes são pequenas áreas estabilizadas, pequenas 'pracetas' que permitem olhar de dentro da galeria ripícola para fora. Permitem parar, descansar, ler um livro, estar. Estes pequenos pontos de paragem e reflexão oferecem novos pontos de vista, novas perspectivas.

A partir dos caminhos propostos surgirão naturalmente outros caminhos trilhados a pé posto, (que se estabilizarão com o tempo) espontâneos que a nós não nos caberá nem termos poder para definir. Cria-se assim uma rede secundária de percursos que em cruzamento com a primária já definida se transforma numa malha comunicante.

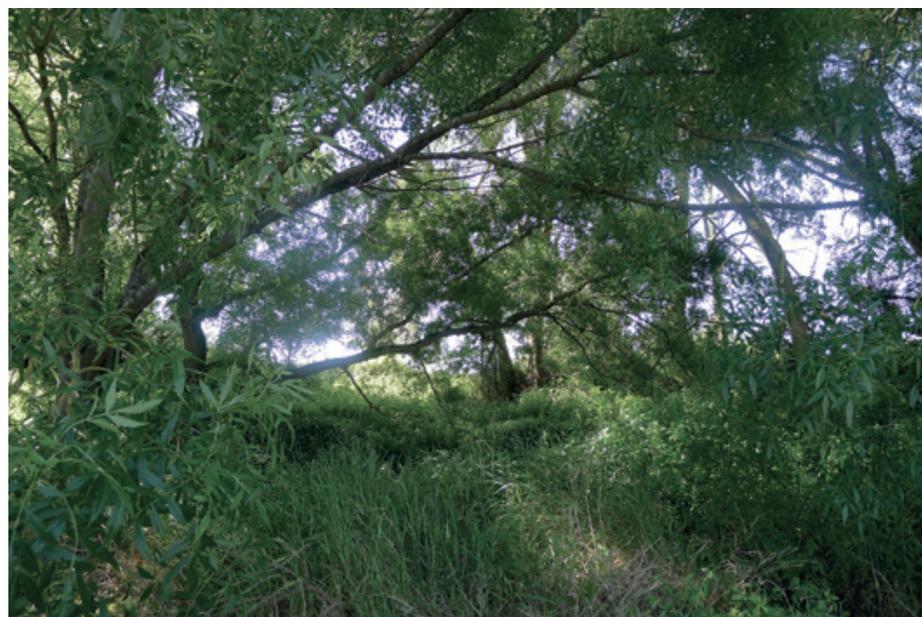


fig. 92 a 94 – Vistas da galeria ripícola da ribeira de Santa Catarina antes desta ter sido arrancada

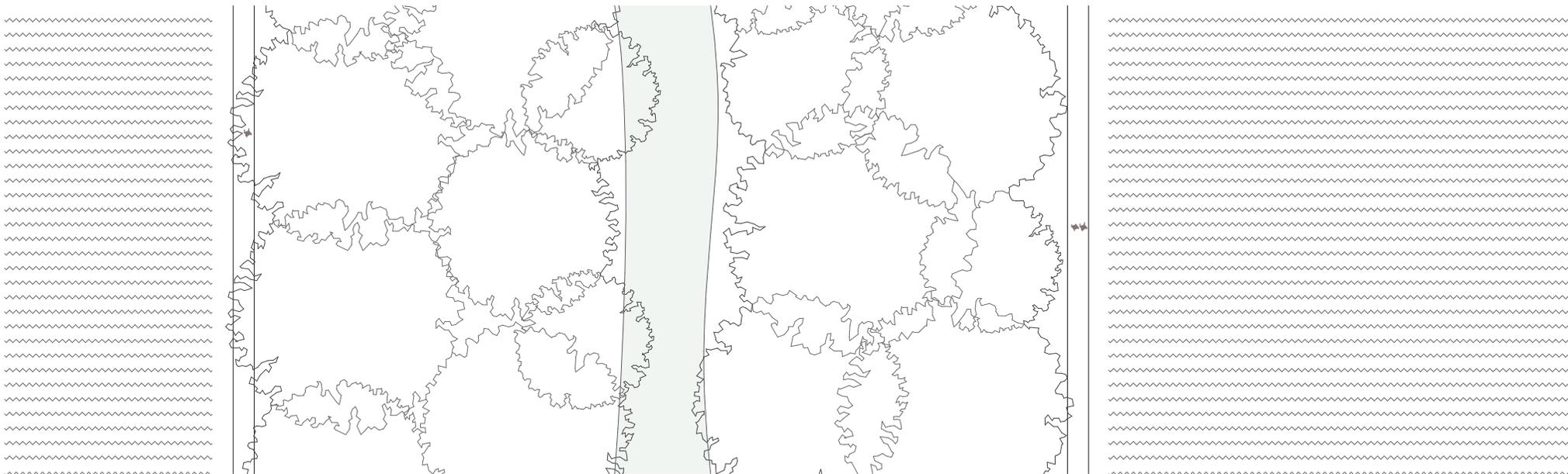
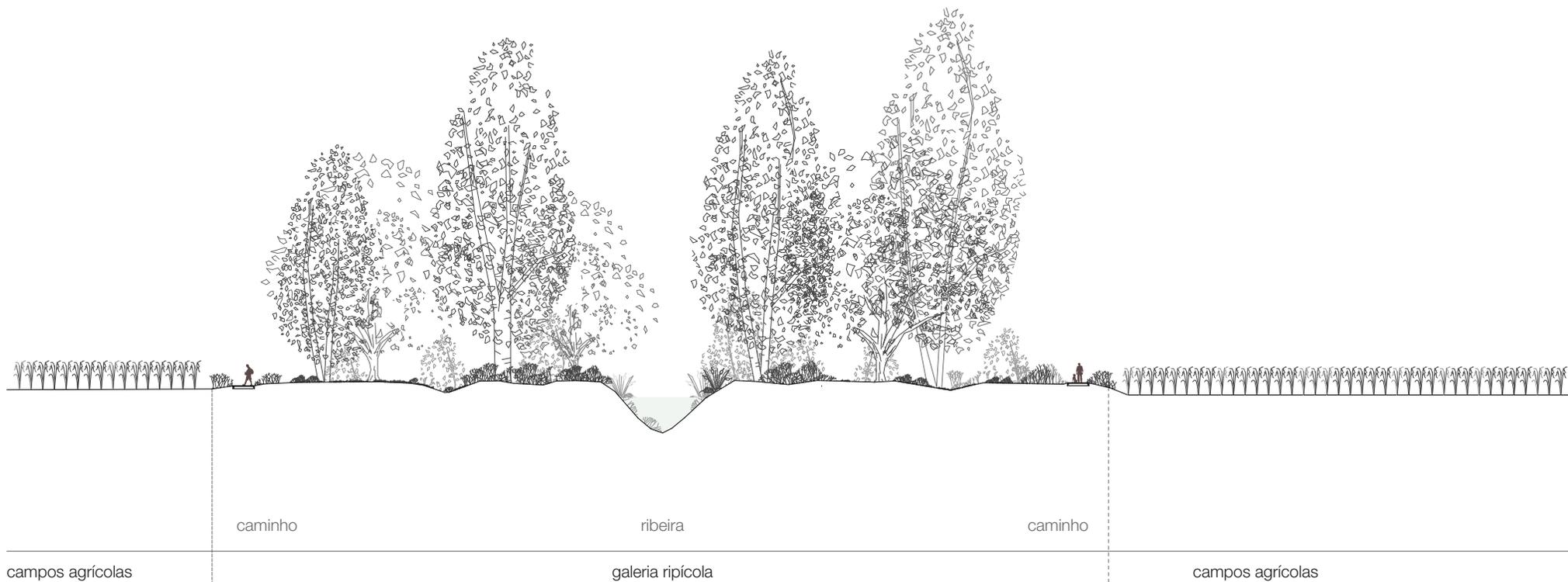
Ao longo do percurso existem obstáculos como estradas e linhas de caminho-de-ferro que o atravessam transversalmente. Apesar de devidamente identificados, o seu atravessamento não será desenvolvido nesta fase do projecto.

A materialização destes caminhos provém do carácter e intuito de cada um. Os caminhos que ladeiam as ribeiras pretendem ser menos intrusivos, e isso reflete-se na dimensão do seu perfil transversal de 1,5m de largura, e nos materiais utilizados, o saibro na sua pavimentação e o seixo rolado que o delimita.

O caminho da Vala, por ter uma utilização mais intensiva, tanto pedonal como ciclável, será materializado de forma mais impositiva. Com um perfil transversal de 3m de largura permite um maior afluxo e a sua capacidade ciclável traduz-se na utilização de um pavimento de betonilha permeável com agregados de seixo rolado que permitirão uma maior aderência no uso da bicicleta.

Este caminho ladeado pelas hortas comunitárias é separado dos grandes campos de cultivos por uma sebe vegetal.





01 – Calhau rolado
02 – Saibro

01



02



03



04



05



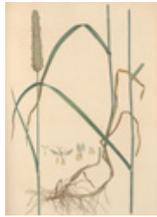
06



07



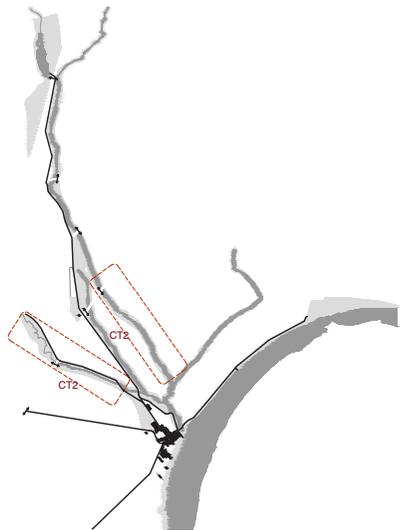
08

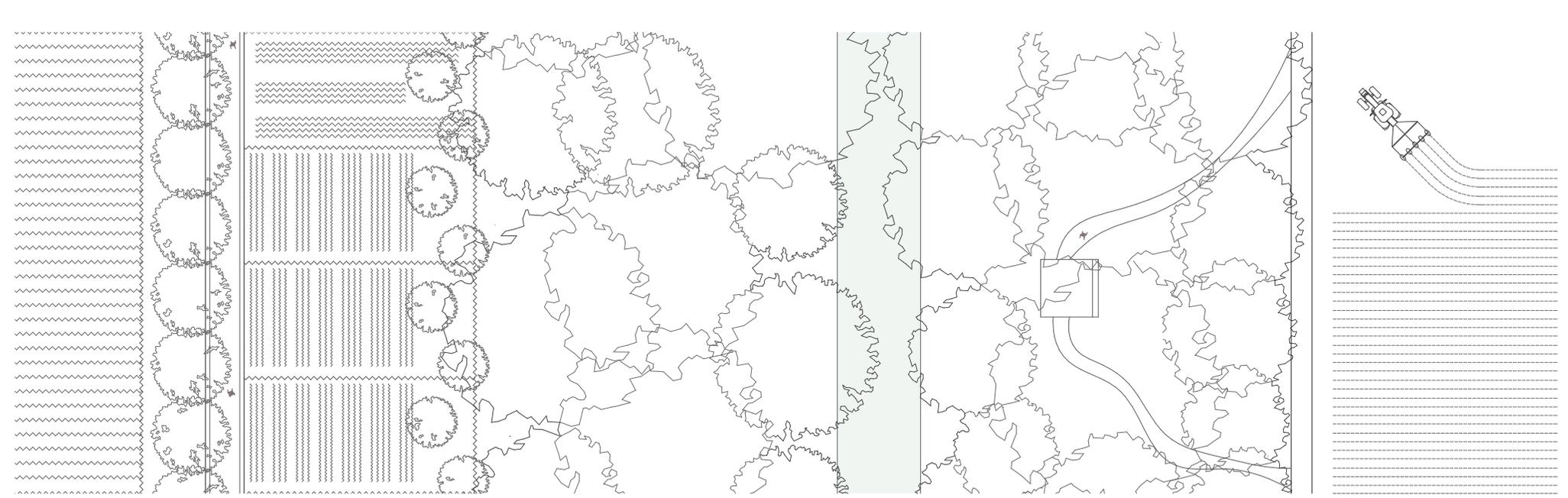


09

Ao invés de definir com rigor as espécies para as galerias ripícolas preferimos antes apresentar uma pequena selecção adequada às estruturas propostas, de acordo com a sua função.

- 03 – Salgueiro Branco e Vimeiro | *Salix Alba* e *Salix Fragilis*
- 04 – Choupo-negro | *Populus nigra*
- 05 – Salgueiro-de-casca-roxa | *Salix purpurea*
- 06 – Freixo-das-flores | *Fraxinus ornus*
- 07 – Caniço-branco | *Saccharum cylindricum*
- 08 – Ulmeiro-das-folhas-lisas | *Ulmus campestris*
- 09 – Alpista-da-água | *Phalaris aquatica*
- 10 – Oliveira | *Olea europea*
- 11 – Laranjeira | *Citrus sinensis*
- 12 – Limoeiro | *Citrus limon*
- 13 – Medronheiro | *Arbutus unedo*
- 14 – Loureiro | *Laurus nobilis*





10



11



08



04



12



03



06



13



14

15 - Tijolo
16 - Betonilha



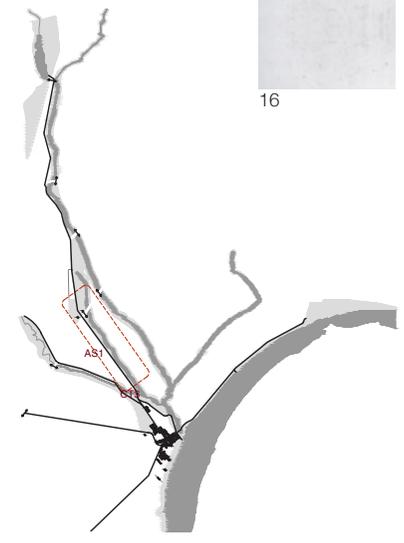
01



15



16



PERCURSO III

Pelo 'parque agrícola', desde a Barquinha

cota estabilizada entre 17m e 18m

O Percurso III conecta o Parque de Escultura Contemporânea Almourol na frente ribeirinha de Vila Nova da Barquinha à Quinta da Cardiga pela margem do Tejo entre o Cais das Festas e o novo Acoradouro da Cardiga, tendo sempre em vista a continuidade da itinerância de toda a margem do Tejo. A definição e estabilização de um caminho pressupõe uma acção conjunta da manutenção da margem mantendo o seu carácter protector contra cheias.

Ao estudar a Quinta, ao analisar as relações que estabelece com a envolvente próxima (através de visitas ao lugar, de cartografia actual e ortofotomapas) pareceu-nos evidente e imediata esta acção. Com o decorrer da investigação, através da análise de cartografia histórica, pudemos constatar que durante vários séculos o caminho pela frente de rio ligou os dois pontos. Este caminho transformou-se, entretanto, num caminho agrícola negligenciado que, juntamente com a degradação da margem do Tejo, levou ao seu abandono pelos locais. Assim, propomos a reactivação desta promenade a partir da requalificação da sua margem em contínuo com o P.E.C.A..

A relação que o percurso estabelece com a actividade agrícola, na transição do P.E.C.A. para um universo vizinho oferece experiências ribeirinhas de carácter distinto. O programa agrícola é o mote para o desenho de um espaço que reúne e combina a vertente agrícola com a de recreio. Este caminho dará acesso a pontos singulares ao permitir o atravessamento do maciço vegetal da margem até ao rio, para estar, para pescar, para banhos, etc.

Outros caminhos sazonais que aparecem com as metamorfoses da margem, a partir da dinâmica das subidas e descidas do nível da água do rio, são possíveis de identificar. Alguns destes caminhos já estabilizados serão consolidados a partir da matéria mais próxima no seu ambiente, o calhau rolado, permitindo assim que com o mudar das estações e a passagem do tempo a deformação natural da margem permitam novas descobertas e o traçar de novos acessos/atravessamentos.

Assim, estabelece-se, a partir de uma consolidação linear, uma rede de diferentes alternativas dinâmicas e mutáveis. A partir de uma acção mais rígida espera-se alcançar um sistema orgânico e simbiótico com a envolvente.

No Cais das Festas em Vila Nova da Barquinha pode vislumbrar-se no horizonte e no perfil do rio a torre da atalaia da Cardiga, entre as árvores de porte majestoso.



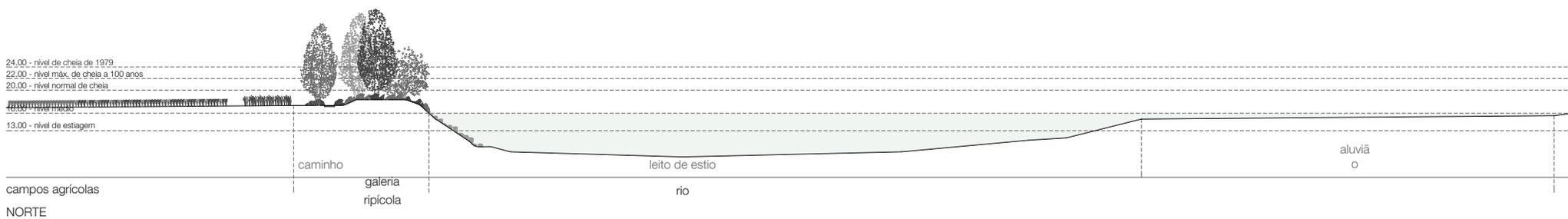
fig. 116 a 119 – Margem do Tejo entre Vila Nova da Barquinha e a Quinta da Cardiga

Ao longo do percurso é possível estabelecer relações diferentes com a envolvente. A vegetação marginal vai-se transformando e abrindo diferentes hipóteses para percorrer esta distância, permitindo-nos relacionar de formas diferentes com a água e a terra.

A construção gradual de uma chegada a um ambiente formal (o Palácio e envolvente) culmina numa pequena plataforma que antecede as duas pontes que atravessam a Ribeira da Ponte da Pedra e que desenha um novo espaço de recepção ao conjunto edificado. A ponte mais antiga, a necessitar de obras de consolidação.

Tal como o caminho da Vala, este caminho pressupõe a continuidade da capacidade ciclável e de uma utilização mais intensiva, pelo que a mesma materialidade será utilizada, a betonilha permeável com agregados de seixo de rio.

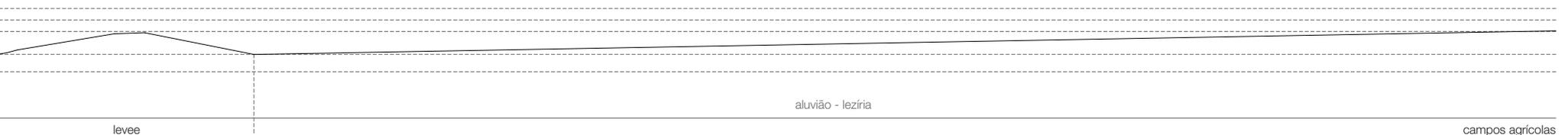






pág. ao lado: fig. 117 – Margem do Tejo entre Vila Nova da Barquinha e a Quinta da Cardiga

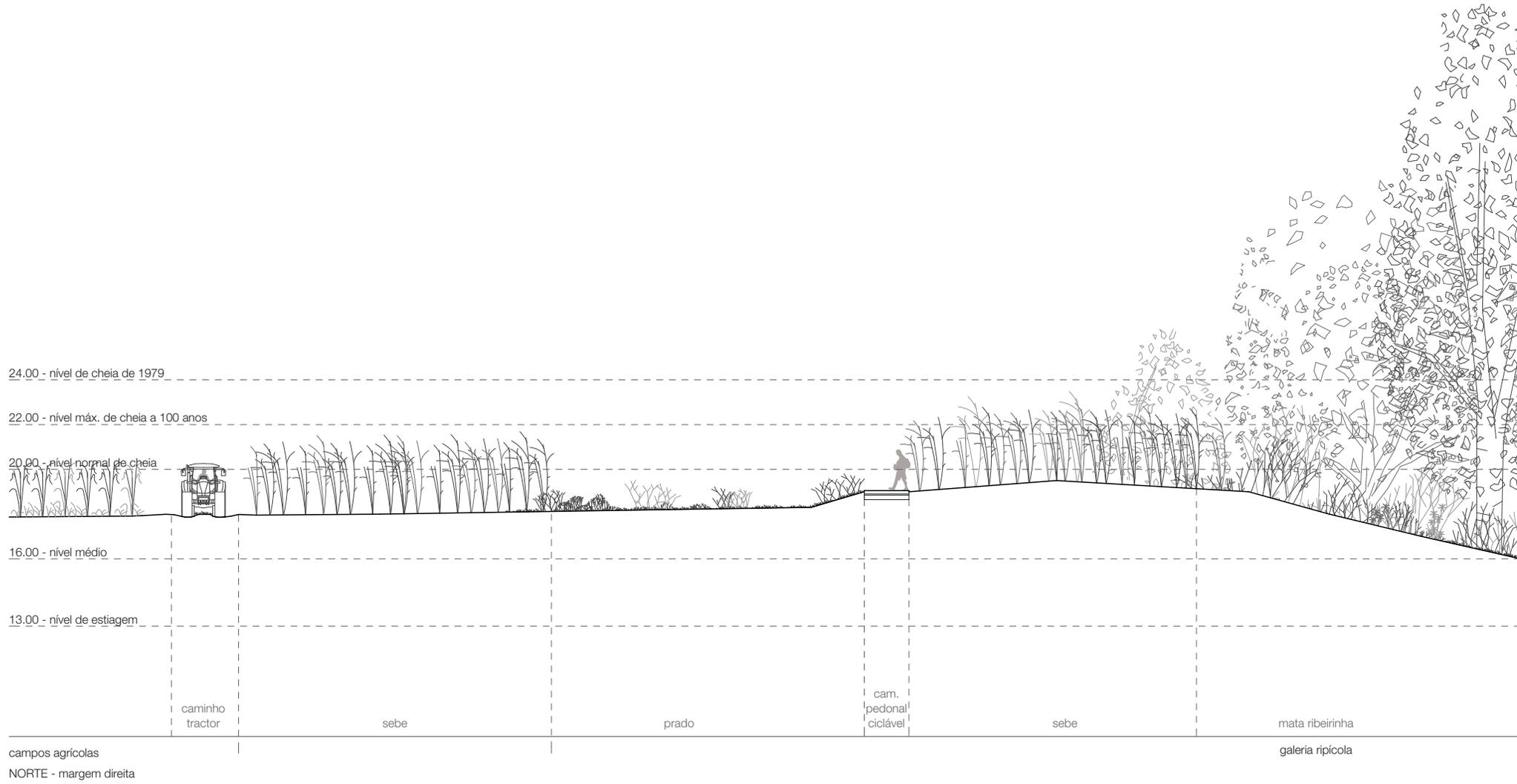
fig. 118 – Vista aérea da Cardiga



levee

aluvião - lezíria

campos agrícolas
SUL



01

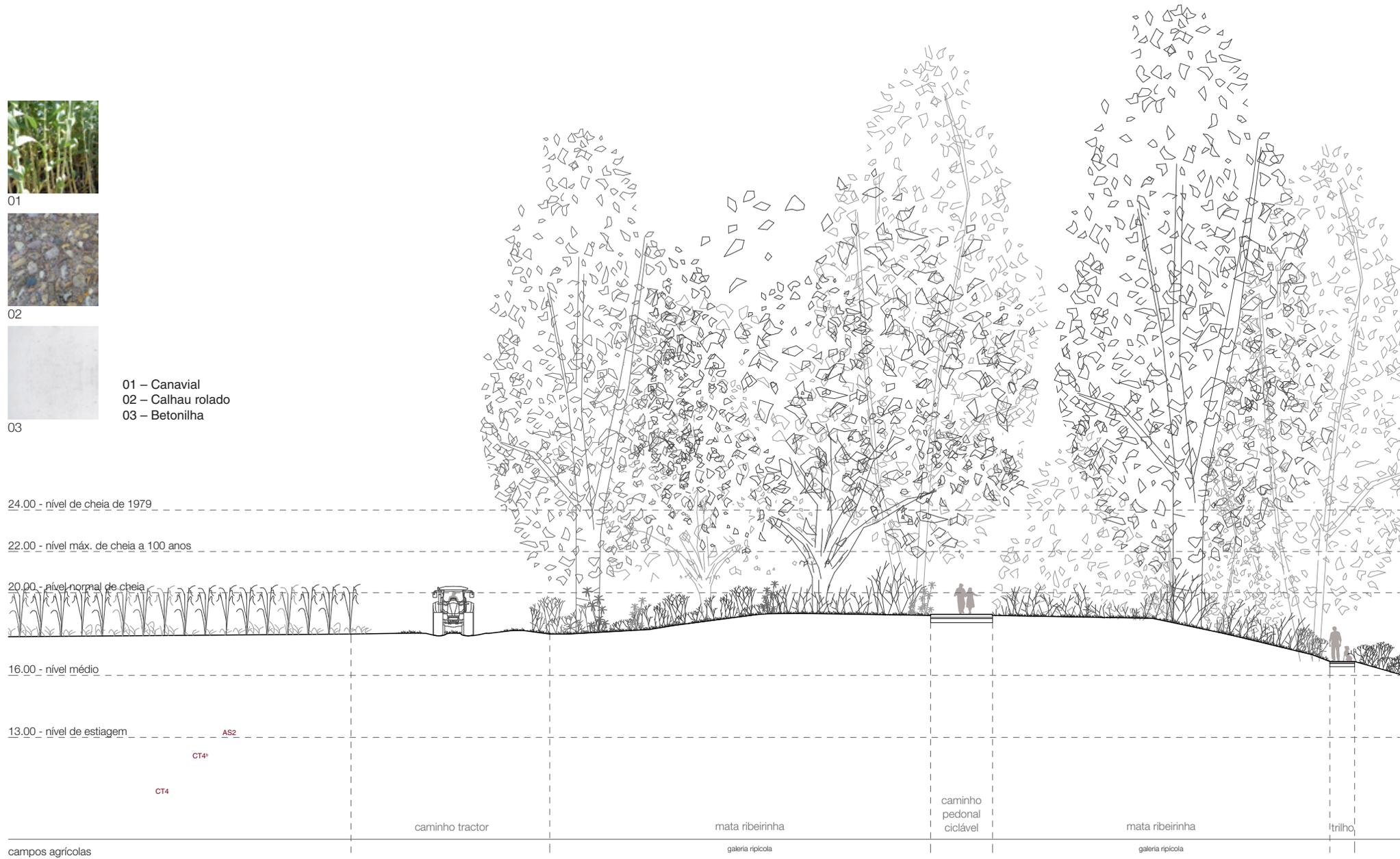


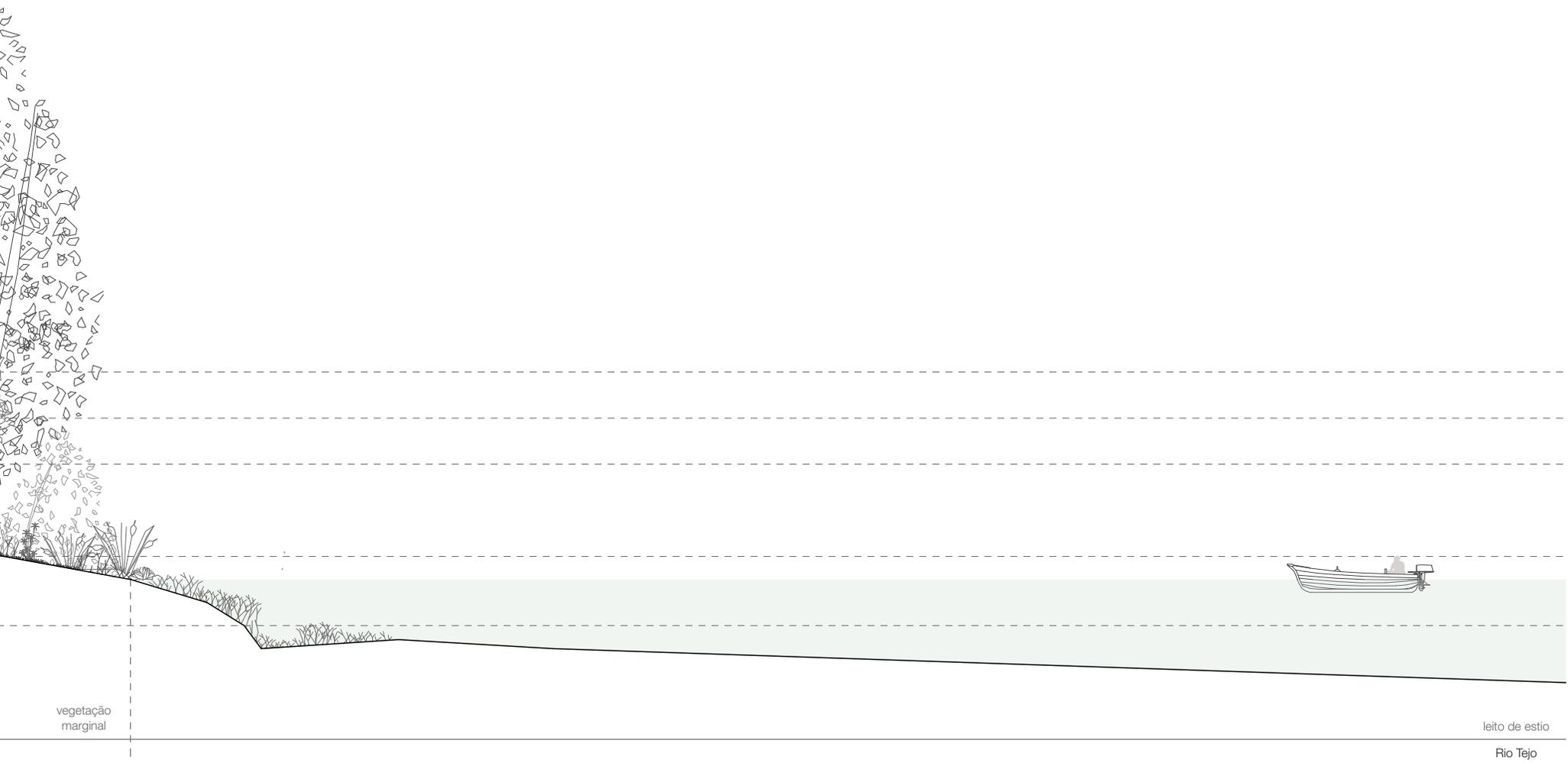
02



03

01 - Canavial
02 - Calhau rolado
03 - Betonilha

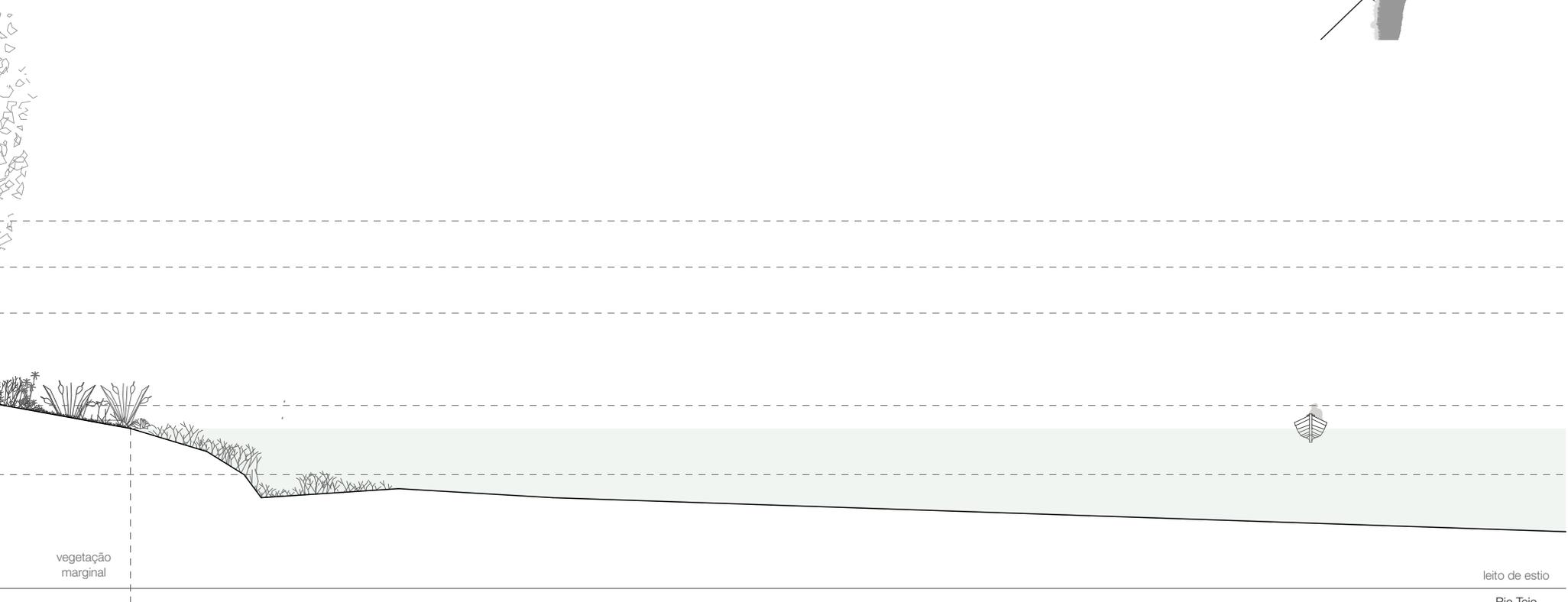
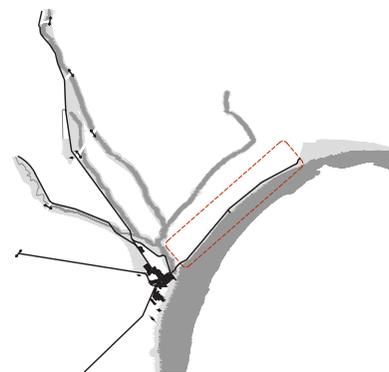




vegetação marginal

leito de estio

Rio Tejo



vegetação marginal

leito de estio

Rio Tejo

PERCURSO IV

Recuperação da alameda de lódãos

cotas entre 24m e 31m

O Percurso IV consiste na principal chegada de carro à Quinta da Cardiga.

A entrada principal da Quinta da Cardiga é a grande Alameda de Lódãos que se estende por 1340m e faz a entrada nobre no conjunto, desde o início do séc. XX, a partir da estrada nacional 365. Em sério estado de degradação, o pavimento, as árvores que a configuram e o sistema hidráulico que a acompanha serão os focos de intervenção proposta.

A grande alameda de lódãos da mesma data da inversão da entrada principal do palácio para a fachada norte, imbuída de grande valor representativo desemboca no largo com os edifícios mais proeminentes do conjunto agrícola e industrial da Quinta, a Adega e a Leitaria, que juntamente com as outras dependências agrícolas, não permitem um grande eixo de vista para o palácio. A necessitar de obras de recuperação, o caminho tem-se tornado gradualmente intransitável

A ideia de re-pavimentação apoia-se na matéria já encontrada, tanto neste percurso como nos arruamentos da Quinta. O calhau rolado muito utilizado em todo o conjunto, por ser material de fácil acesso, pretende manter-se aqui como principal matéria de pavimentação. Fazendo-se a alameda e as próprias ruas continuidade do leito do rio em terra, o prolongamento dos seus fluxos, acompanhadas de estruturas hidráulicas, com a água sempre presente e determinante no desenho e configuração dos espaços.

Da chegada automóvel à Quinta pensámos de que modo se poderia aceder de carro ao conjunto, atravessando a grande alameda, estacionando, não no seu núcleo, mas num espaço preparado, que liberta as ruas da Quinta dos carros estacionados nas suas bermas. Assim considerámos que o espaço de estacionamento podia servir para mais do que apenas um lugar para deixar um carro, ocupando os solos, sem nenhuma vantagem ou mais nenhuma utilização.

Propomos então que o estacionamento seja conciliado com o sistema de painéis solares já existentes na Quinta, localizado no final da alameda, entre a Adega e o caminho da Vala, utilizando a superfície do painel como espaço de sombreamento. Na parte inferior dos painéis propomos também uma grande pérgola que permite o sombreamento no caminho pedonal entre o estacionamento e a alameda e o estacionamento e o caminho da vala.

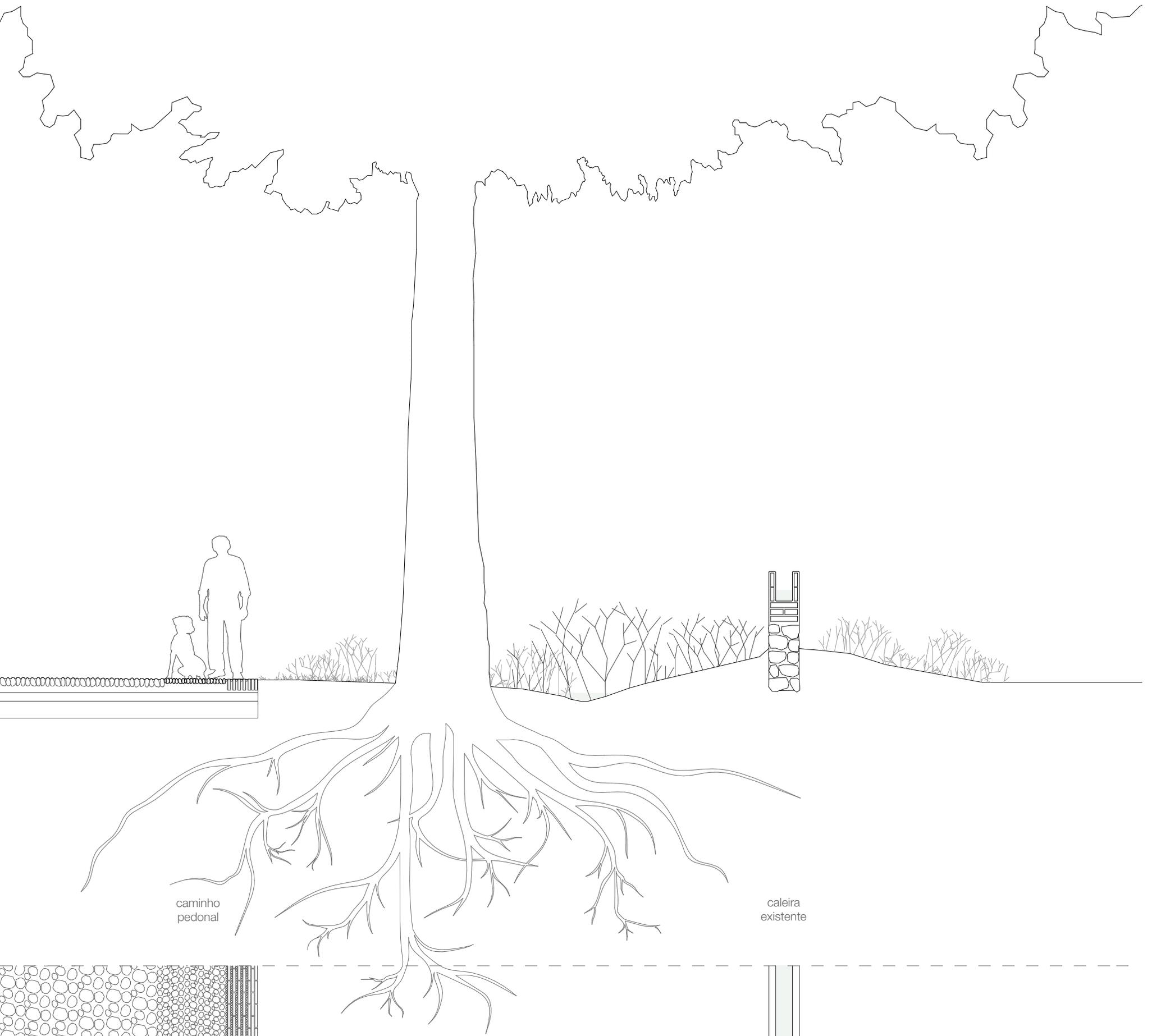
Pretende-se recuperar e reactivar também as estruturas hidráulicas na sua função de encaminhamento da água, das caleiras a pequenos tanques de fresco e de rega às estruturas vegetais da pérgola, mais uma vez com a água a “desenhar”, a acompanhar os caminhos propostos.



fig. 125 – Caleira na alameda de entrada

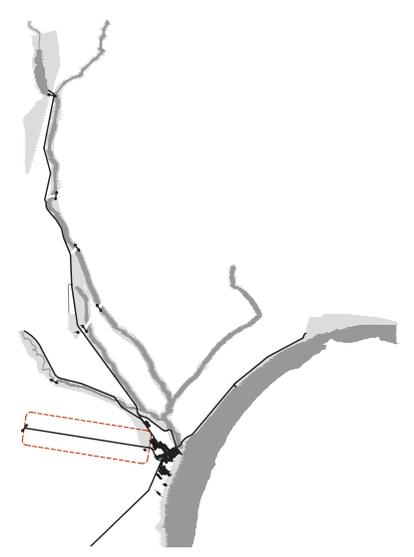
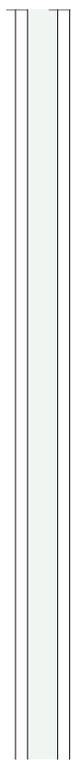
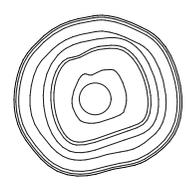
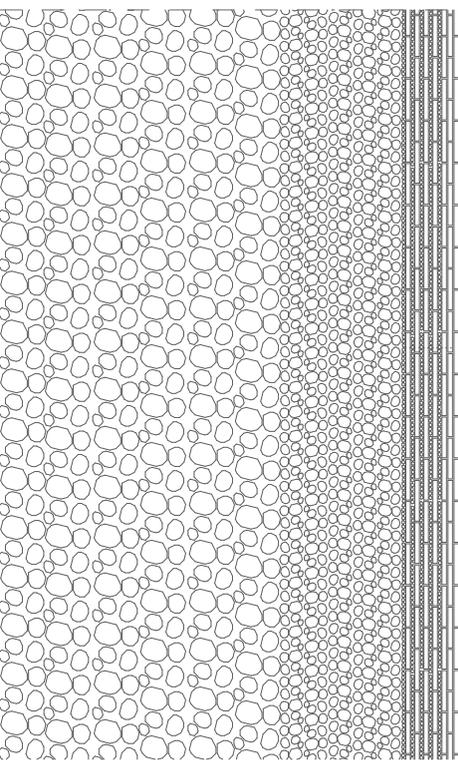
fig. 126 e 127 – Alameda de Lódãos





caminho pedonal

caleira existente





Intervenções Nucleares

Acções sobre o edificado

No decurso da investigação acerca da evolução morfológica da Quinta da Cardiga, (Tomo I) deparámo-nos com uma dúvida de enquadramento do seu conjunto numa tipologia específica, a hipótese da Quinta se enquadrar na tipologia da Quinta de Recreio. Cedo, porém, concluímos que dado o seu contexto e evolução histórica dificilmente o teria sido, tendo antes sido o centro administrativo de uma grande exploração agrícola. No entanto, a partir do estudo breve de várias quintas de recreio, ponderou-se a adequação/adaptação deste 'modelo', com as devidas diferenças de contexto, a uma visão de funcionamento da Quinta da Cardiga no futuro. Aliando o lúdico ao trabalho, à produção agrícola e ao habitar, à permanência, atentando às mudanças de paradigma de cada uma destas actividades, à transformação dos conceitos e à sua elasticidade no tempo e no espaço.

Entendemos as acções de intervenção no núcleo do conjunto edificado da Quinta como uma oportunidade para novas leituras deste lugar e de novos usos, novas formas de vivê-lo no futuro, o que nos parece ser o único caminho viável para a permanência da Cardiga no universo comum destas populações, sem perder o seu carácter e a sua essência.

Assim, optou-se por estabelecer quatro linhas de acção com vista à manutenção da continuidade das transformações.

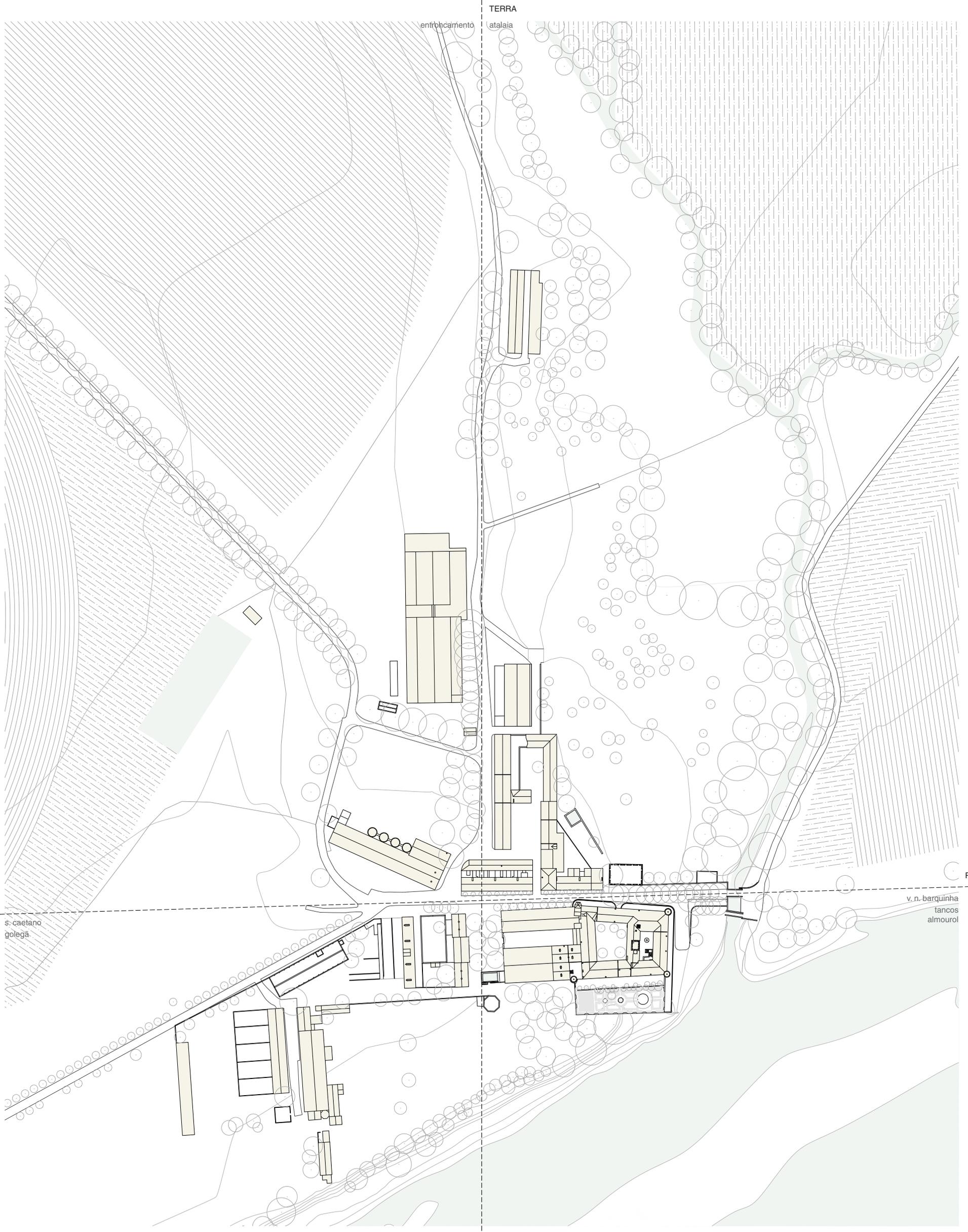
Em primeiro lugar, torna-se necessária a manutenção dos acessos à Quinta da Cardiga. Re-pensar os momentos de chegada/partida no núcleo da quinta de acordo com percursos de ligação estabelecidos no plano anterior.

Em segundo lugar, é necessária a remoção de alguns edifícios¹² em estado de avançada ruína, ou cuja descaracterização ao longo dos anos, não se coaduna com a excelência do resto do conjunto edificado. Após as acções de demolição, torna-se fundamental reorganizar as circulações periféricas, redesenhar os pavimentos e prevenir a continuidade dos acessos em situação de cheias.

Em terceiro lugar, pretende-se recuperar e reestruturar parte do sistema hidráulico com vista a minimizar os efeitos adversos das alterações climáticas e preparar infraestruturas de apoio ao desenvolvimento das actividades na Quinta.

Em quarto lugar, torna-se indispensável a criação de espaços que convidem à pausa, que permitam aos visitantes ali 'parar', descansar de tudo o que já se percorreu, contemplar, e vivenciar este património arquitectónico e paisagístico de enorme riqueza. Estes são essenciais para despoletar outras acções de recuperação que visem a continuidade das transformações e a existência de vida neste lugar.

12 – Ver 'Acerca das Demolições'



Estabilizar/Estabelecer percursos (apesar da sua integração não querer ser finita ou limitada) exige que em momentos notáveis estes se desenhem de acordo com o lugar e a situação e pontuem de forma mais evidente a hipótese de parar e permanecer ou de começar e caminhar. O momento de partida para algo mais, o momento de chegada e descanso, e a possibilidade de voltar a partir. Assim esses momentos são cruciais para proporcionar ao visitante uma leitura arquitectónica e estética do lugar.

No núcleo da Quinta procurou-se actuar de acordo com a sua matriz organizadora. Identificaram-se dois eixos principais perpendiculares que organizam a disposição dos edifícios, o eixo da frente rio [NO-SE] e o eixo da frente terra [E-SO], os quais são dotados de uma reconfiguração dos seus limites e de novas construções que permitem estabelecer relações tanto com o cerne da quinta, no seu carácter agrícola e industrial como na relação perdida ao longo do último século com o rio Tejo.

A proposta passa sobretudo pela reorganização e clarificação de espaços abertos, livres, nestes dois eixos que permitem redefinir os seus limites construtivos e dotá-los de espaços multifuncionais que possibilitam utilizações variadas, desde mercados a espectáculos ou workshops, por exemplo, ao mesmo tempo que estabelece uma rede de percursos e relações visuais complexas e referenciáveis entre si, que proporciona a construção de uma espacialidade e vivência da Quinta e do seu entorno paisagístico.

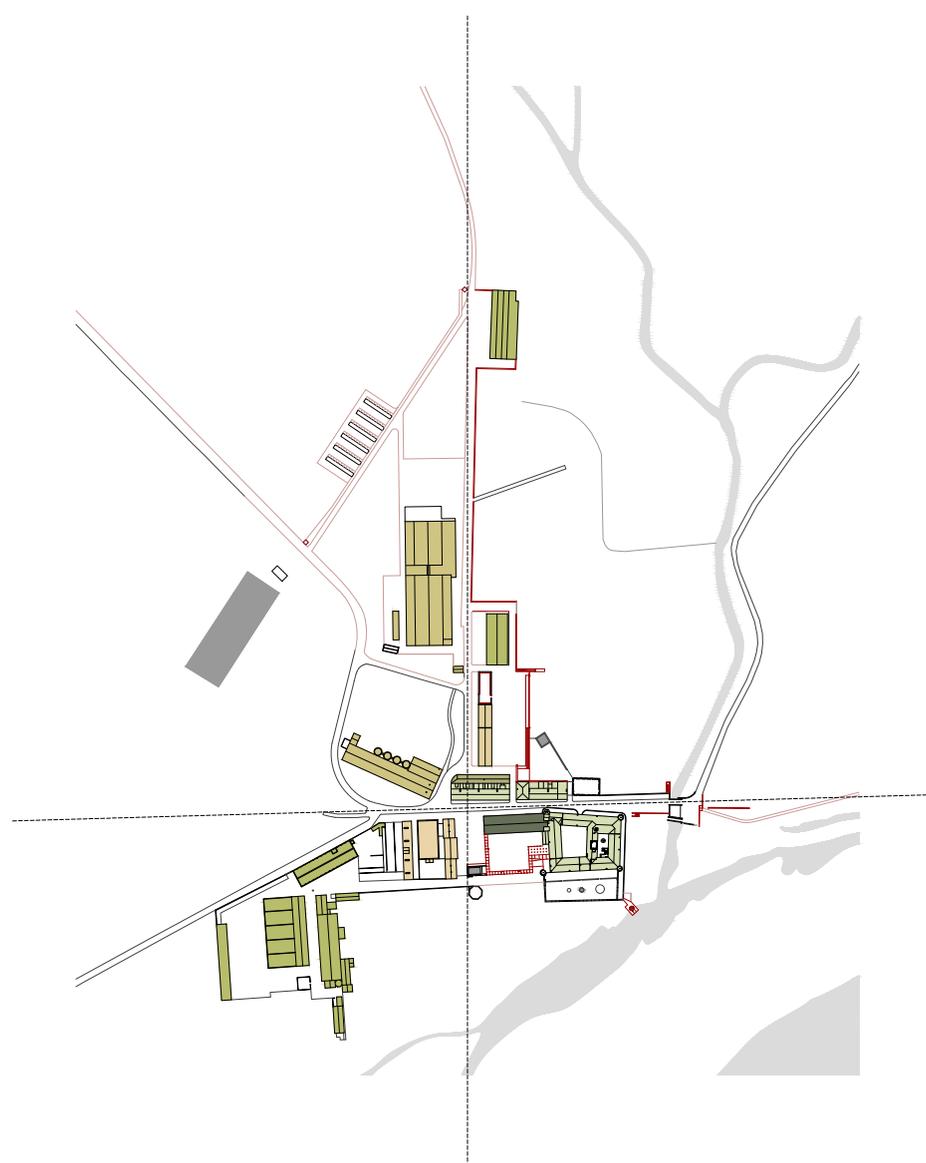
A água como elemento organizador e estruturante da paisagem é também no ambiente construído o agregador destas operações, através de estruturas hidráulicas que visam a sua autonomia.

A partir dos espaços propostos propõe-se enfim alcançar sempre a torre de vigia, o elemento originador e estruturador de todo o conjunto. O culminar dos caminhos das acções edificatórias num percurso ascensional que encontra o seu limite no céu. A torre que permite olhar e ver tudo o que se percorreu, permite reconhecer o território, a paisagem e a arquitectura da Quinta da Cardiga, permite aproximar-nos de um entendimento que não teríamos se caminhássemos em terra ou viajássemos pelo rio. A torre que conclui ou inicia.

SITUAÇÃO ACTUAL

 escala 1:2500

Planta Geral de Intervenções



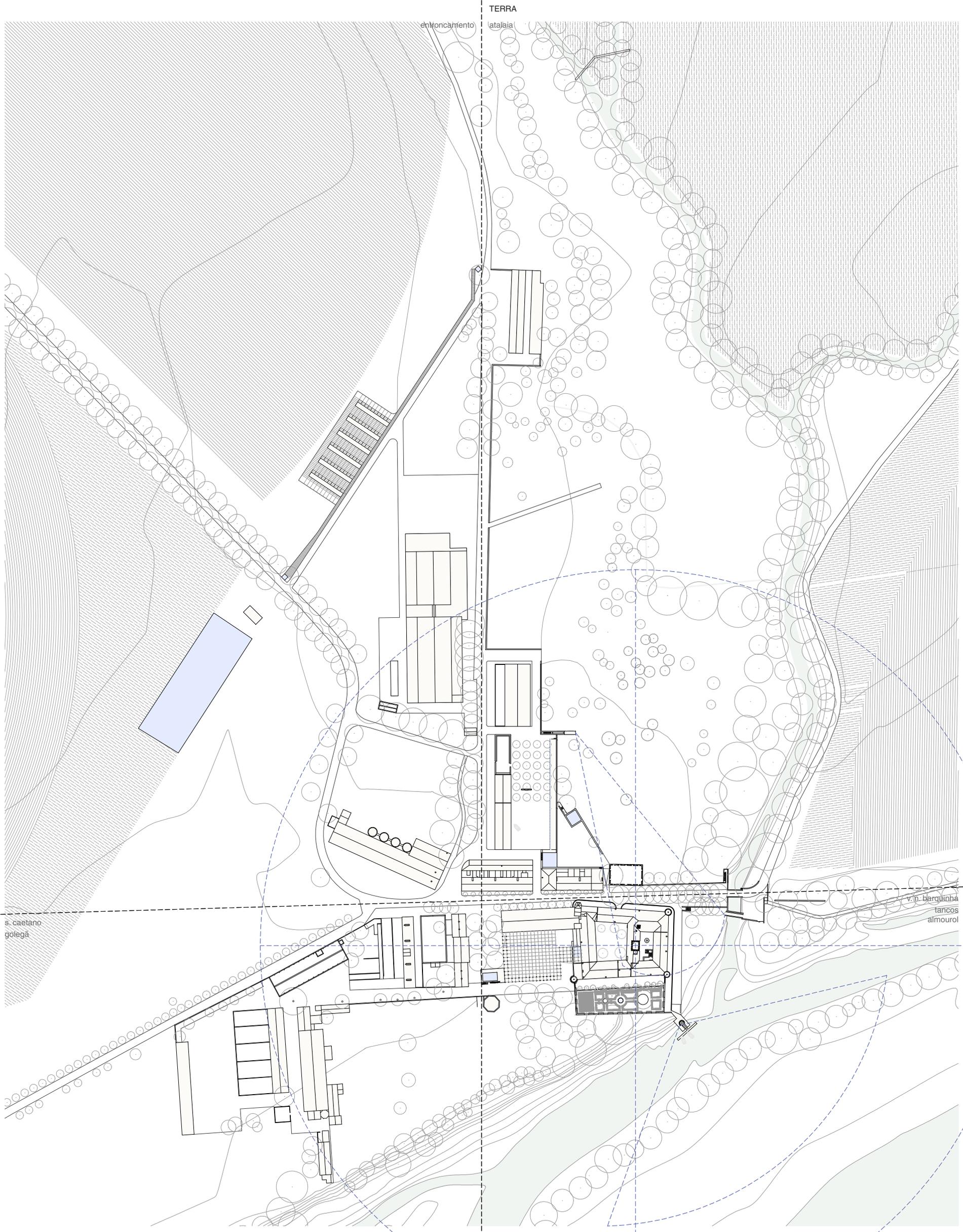
Apesar de não propormos uma ocupação específica das pré-existências da Quinta não nos abstermos aqui de assinalar o seu potencial latente, pelo carácter utilitário que tiveram, não querendo por isso determinar o seu uso para essas funções no futuro. Reconhecemos que as funções que estes edifícios albergaram necessitariam hoje de outras condições espaciais. A redução significativa das terras produtivas associadas à utilização destes edifícios é mais um argumento que contraria uma manutenção da sua função original apenas pelo seu legado passado. A re-ocupação do edificado deverá, mais uma vez, advir da estratégia comum que vise recuperar o conjunto, desde o palácio aos campos de cultivo numa proposta integrada e multidisciplinar de revitalização.

PLANTA DE VOCAÇÕES

- Apoio agrícola
- Formação
- Habitação
- Manutenção
- Serviços
- Transformação
- Permanência | Lazer
- Multiusos

- 1 – Ancoradouro
- 2 – Pátio com Loggia
- 3 – Coudelaria
- 4 – Pátio | Cisterna
- 5 – Estacionamento
- 6 – Caminho para as Hortas, Entroncamento e P.N.B
- 7 – Caminho para V. N. Barquinha e P.E.C.A

escala 1:2500



TERRA

enrocamento
atalaia

s. caetano
golegã

RIO

v. n. barquinha
tancos
almouroi



Intervenções Nucleares

Acerca das Demolições

Para a articulação entre os caminhos e os espaços propostos no conjunto edificado da Quinta da Cardiga tornam-se necessárias algumas acções de limpeza de escombros de ruínas e remoção de edifícios em estado bastante devoluto.

Propõe-se também a remoção de alguns edifícios que apresentam fracas qualidades espaciais e que não contribuem para uma leitura positiva do conjunto ou para a sua continuidade no futuro. Será benéfico para o conjunto da Quinta proceder à demolição de alguns edifícios, criteriosamente escolhidos, para assim promover uma regeneração do lugar.

Concentramos estas acções em dois núcleos.

O primeiro, junto aos edifícios de serviço, de manutenção da Quinta, consiste num conjunto de ruínas de espaços de produção e manutenção: garagens, escritório, vacaria e palheiro.

O segundo, consiste no edifício de lagar e nos armazéns de azeite adossados ao palácio na fachada poente. Estes espaços, de construção mais recente, foram bastante adulterados ao longo do séc. XX – consegue-se perceber pela introdução de sistemas estruturais de betão (estrutura porticada de pilares e vigas). Estando actualmente desactivados e em estado ruinoso colocam em causa a integridade do palácio. O edifício do lagar, que se confronta com a margem do rio, nas sucessivas alterações e ampliações, foi absorvendo a *loggia* renascentista ainda existente, privando a varanda do seu privilégio original de estar e olhar sobre o rio. A escala do edifício compete com o palácio, na sua volumetria, especialmente em altura, para estar em harmonia com o conjunto.

Das demolições é re-utilizado o material para a reconfiguração dos novos espaços que recebem os visitantes e trabalhadores da Cardiga

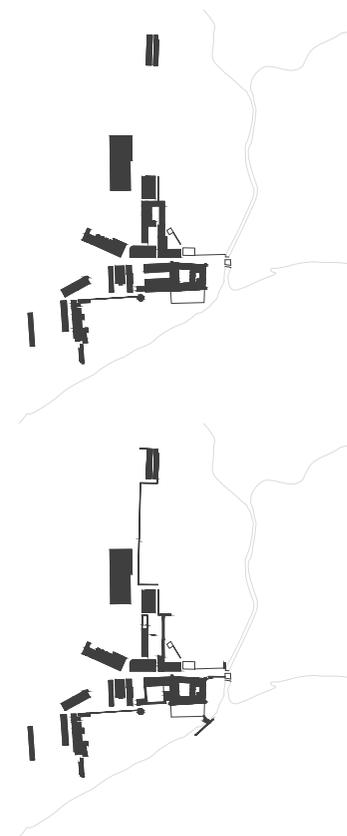
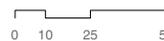
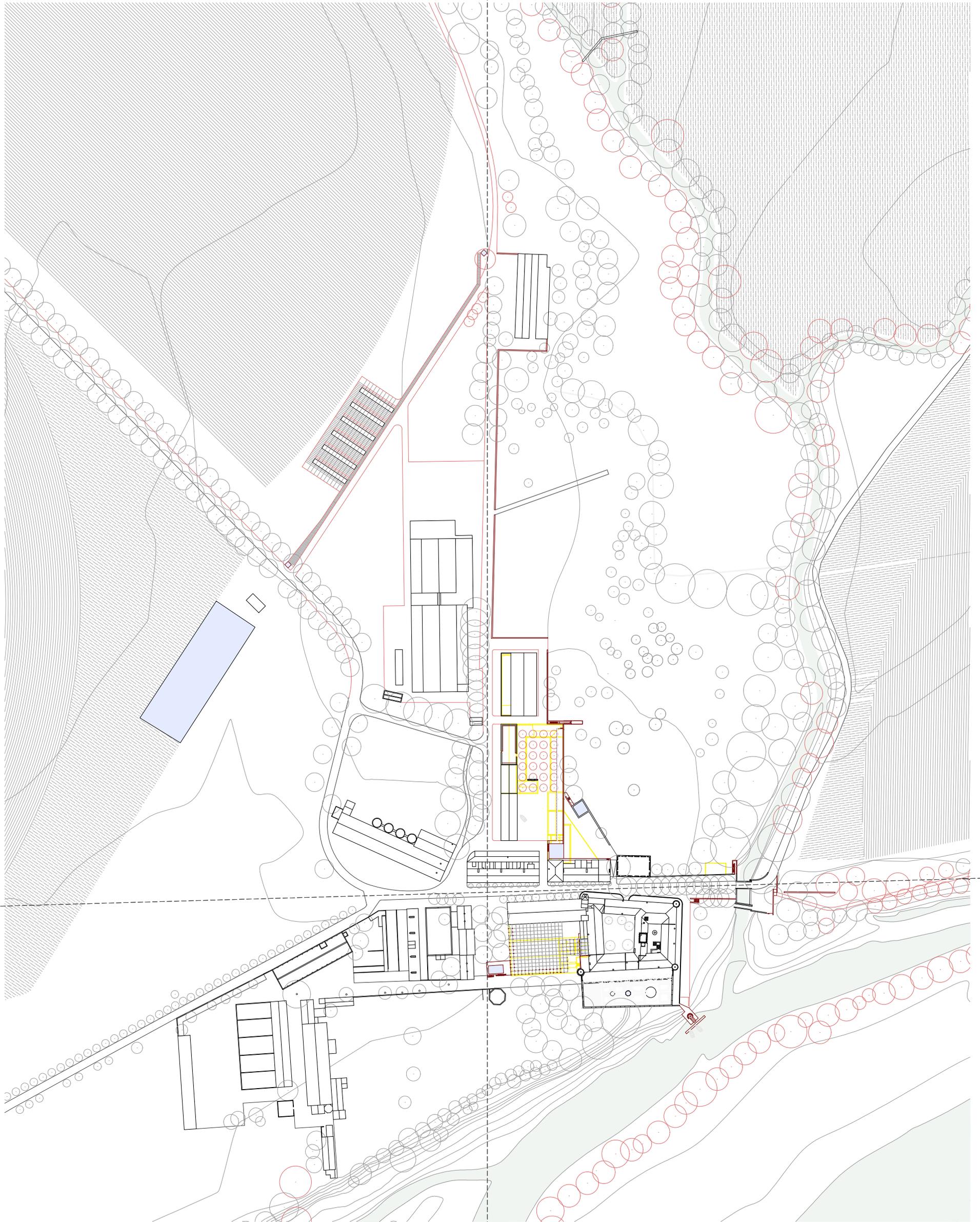


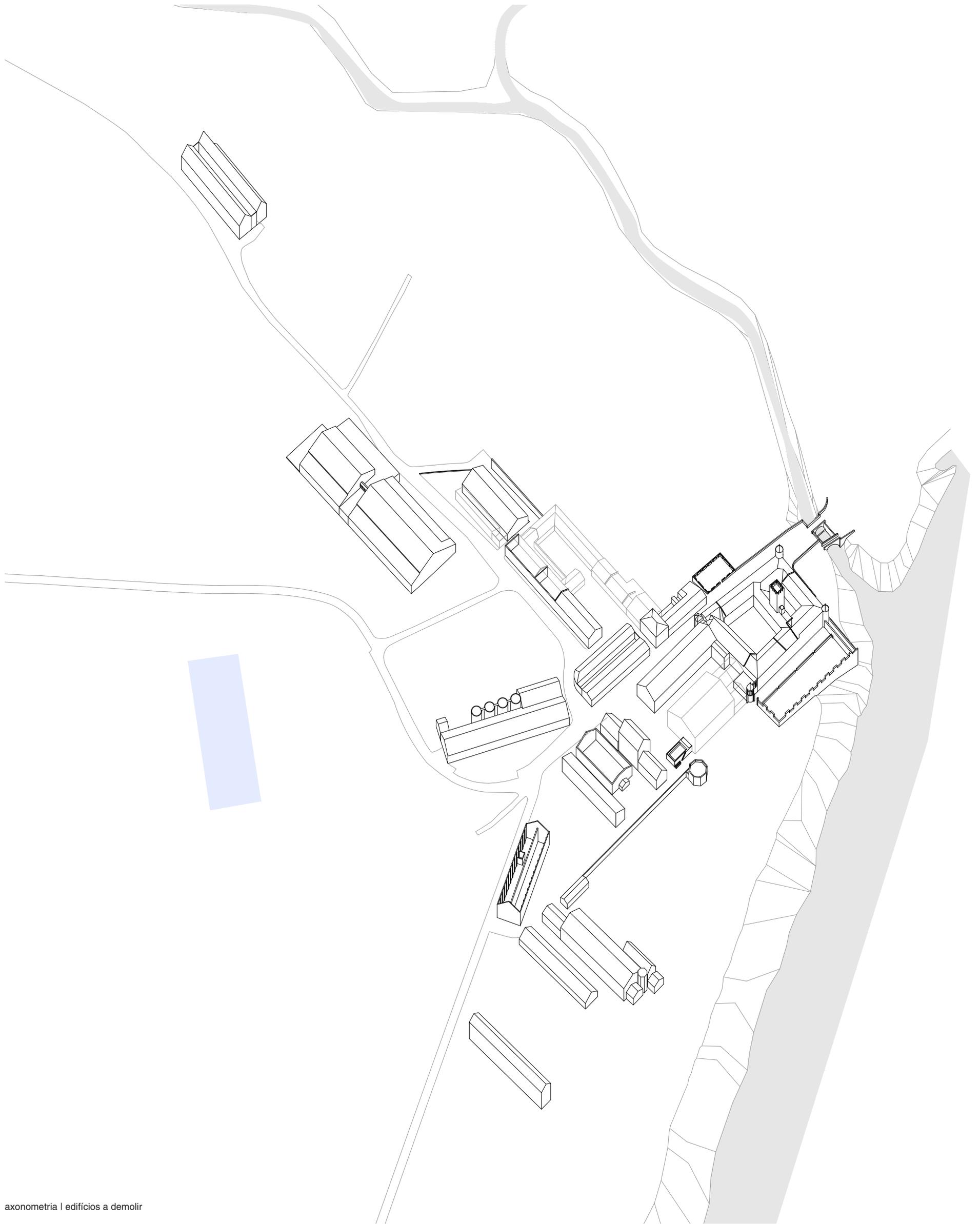
Fig. 134 – Primeiro núcleo de demolição

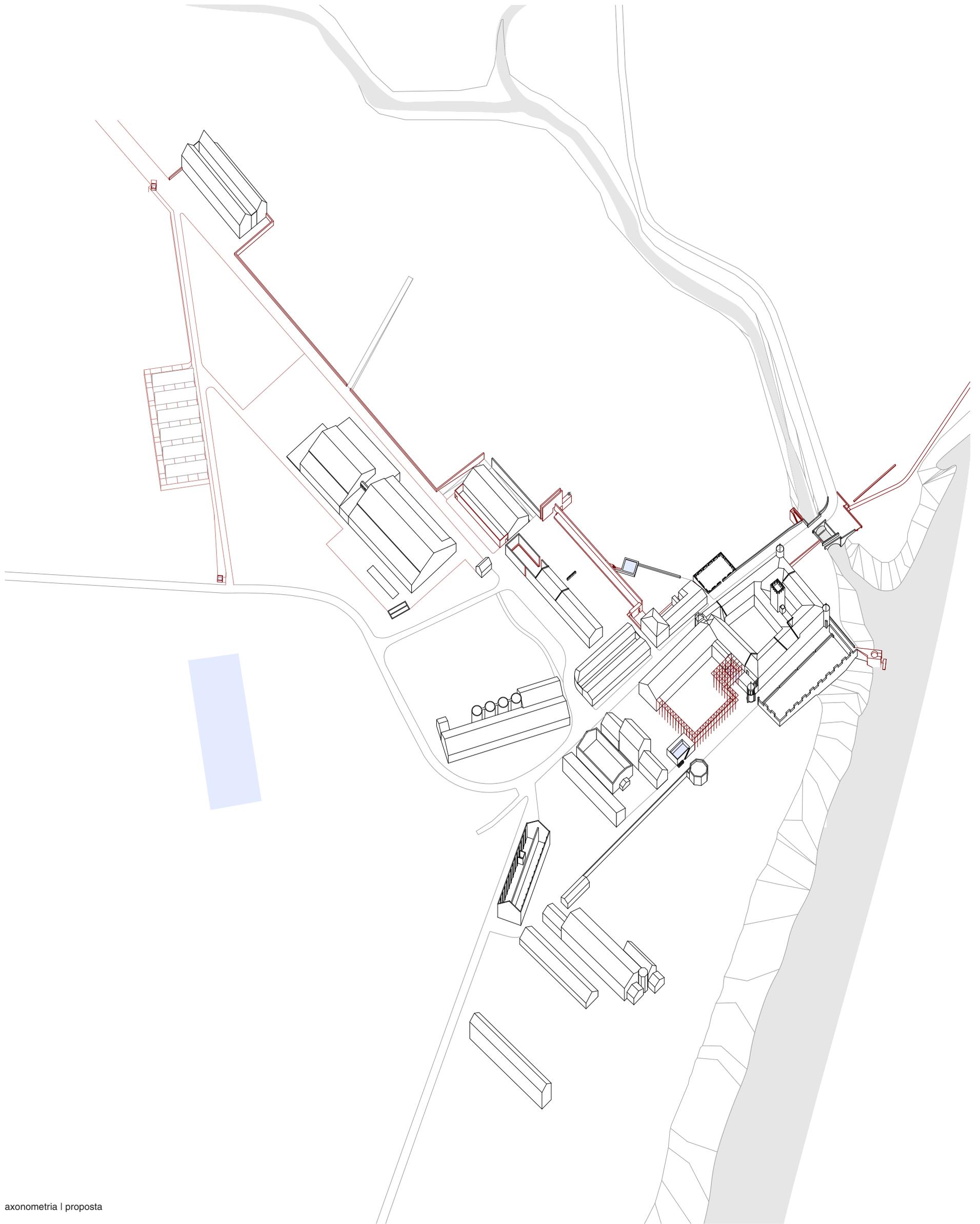
Fig. 135 – Segundo núcleo de demolição

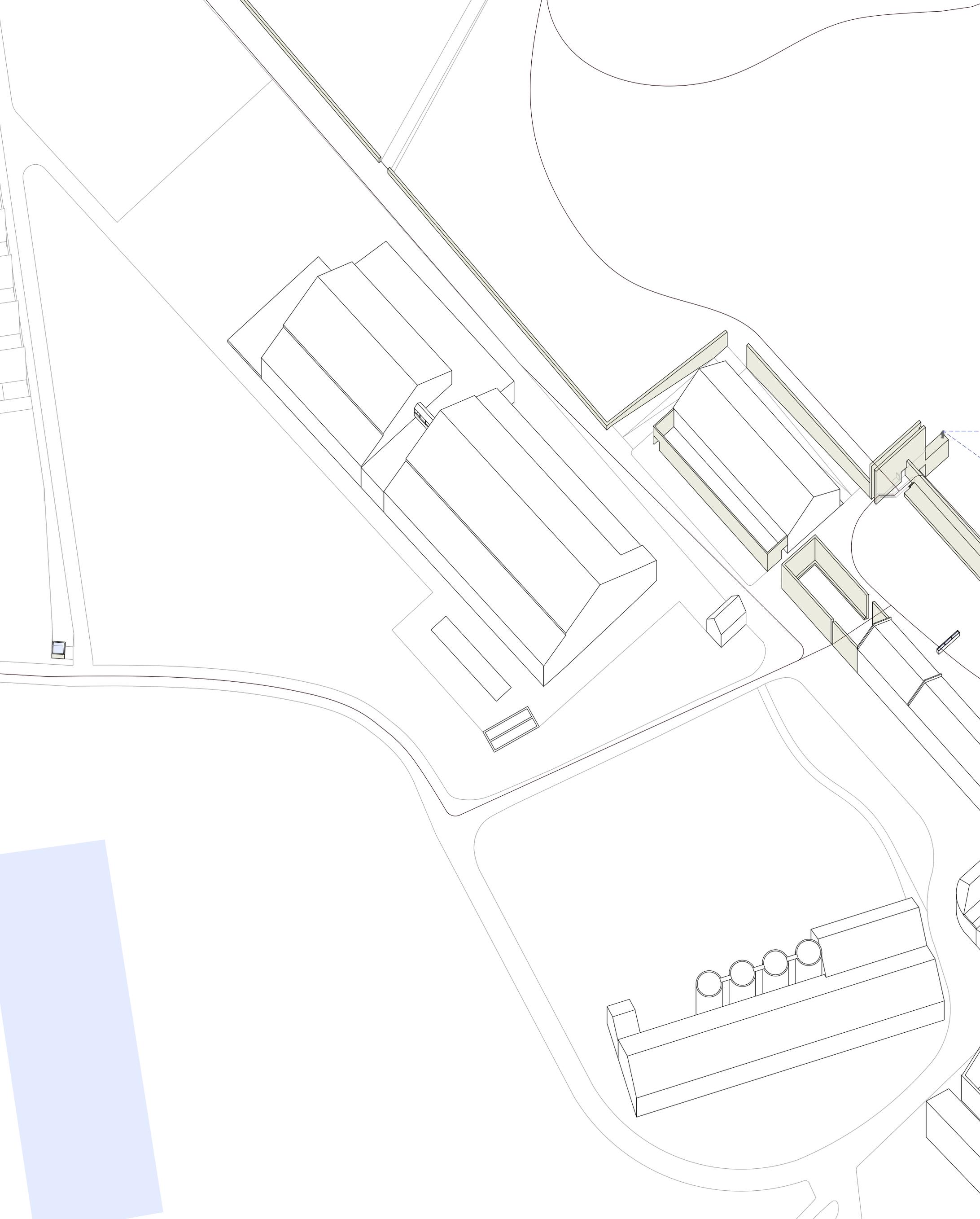
PLANTA DE AMARELOS E ENCARNADOS

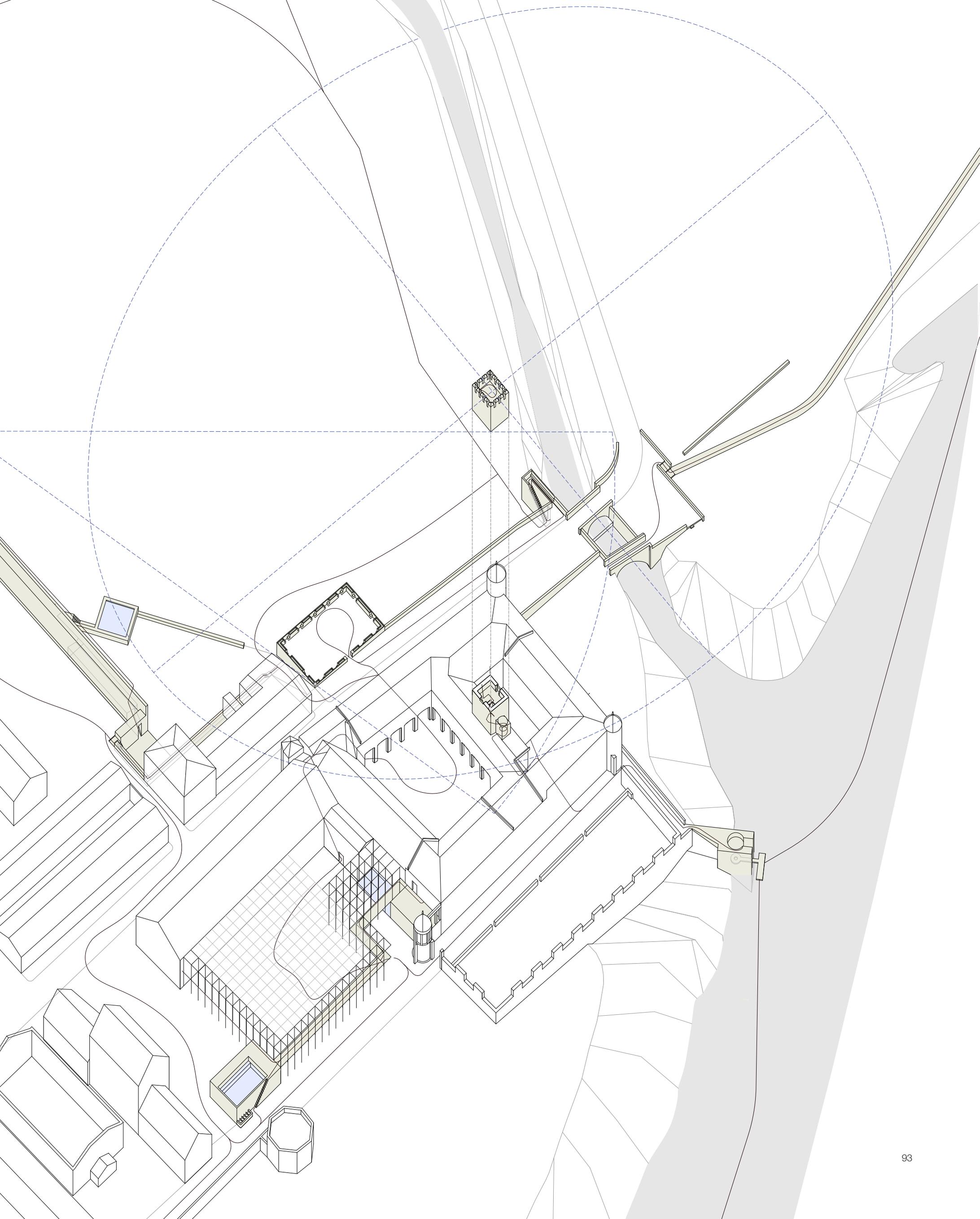
escala 1:2500  











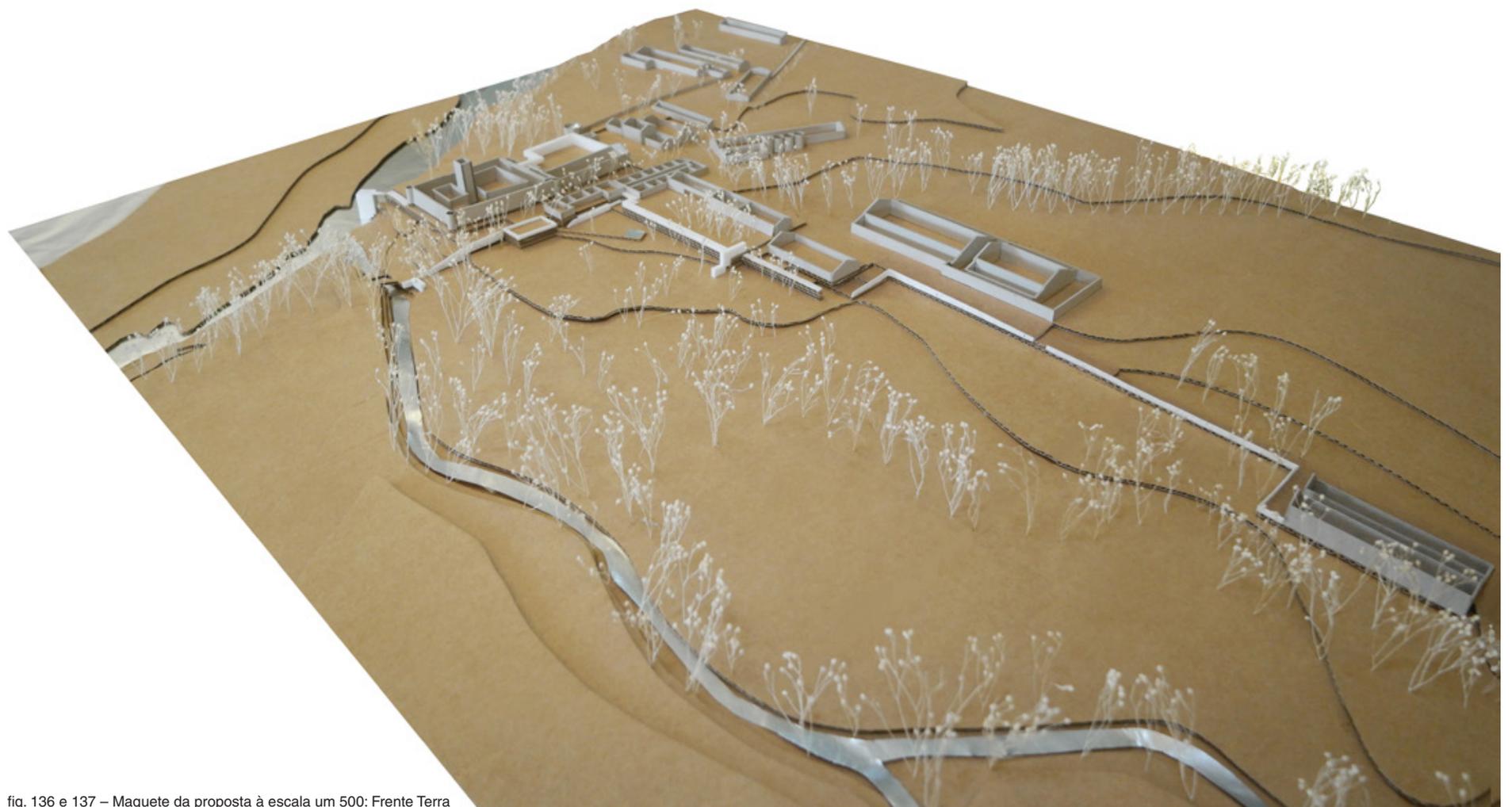
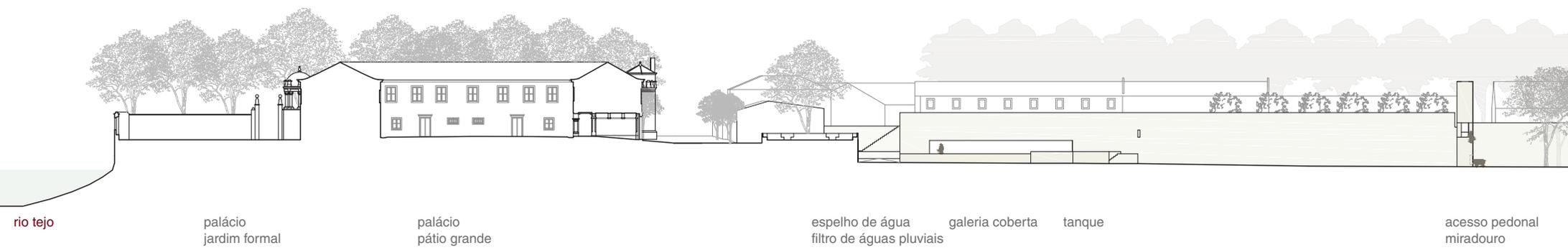


fig. 136 e 137 – Maquete da proposta à escala um 500: Frente Terra





rio tejo

palácio
jardim formal

palácio
pátio grande

espelho de água
filtro de águas pluviais

galeria coberta

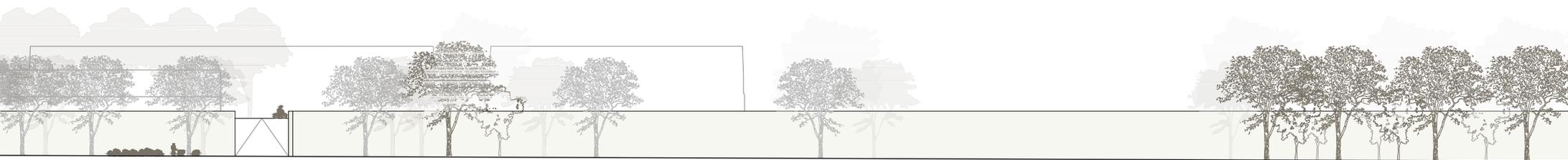
tanque

acesso pedonal
miradouro



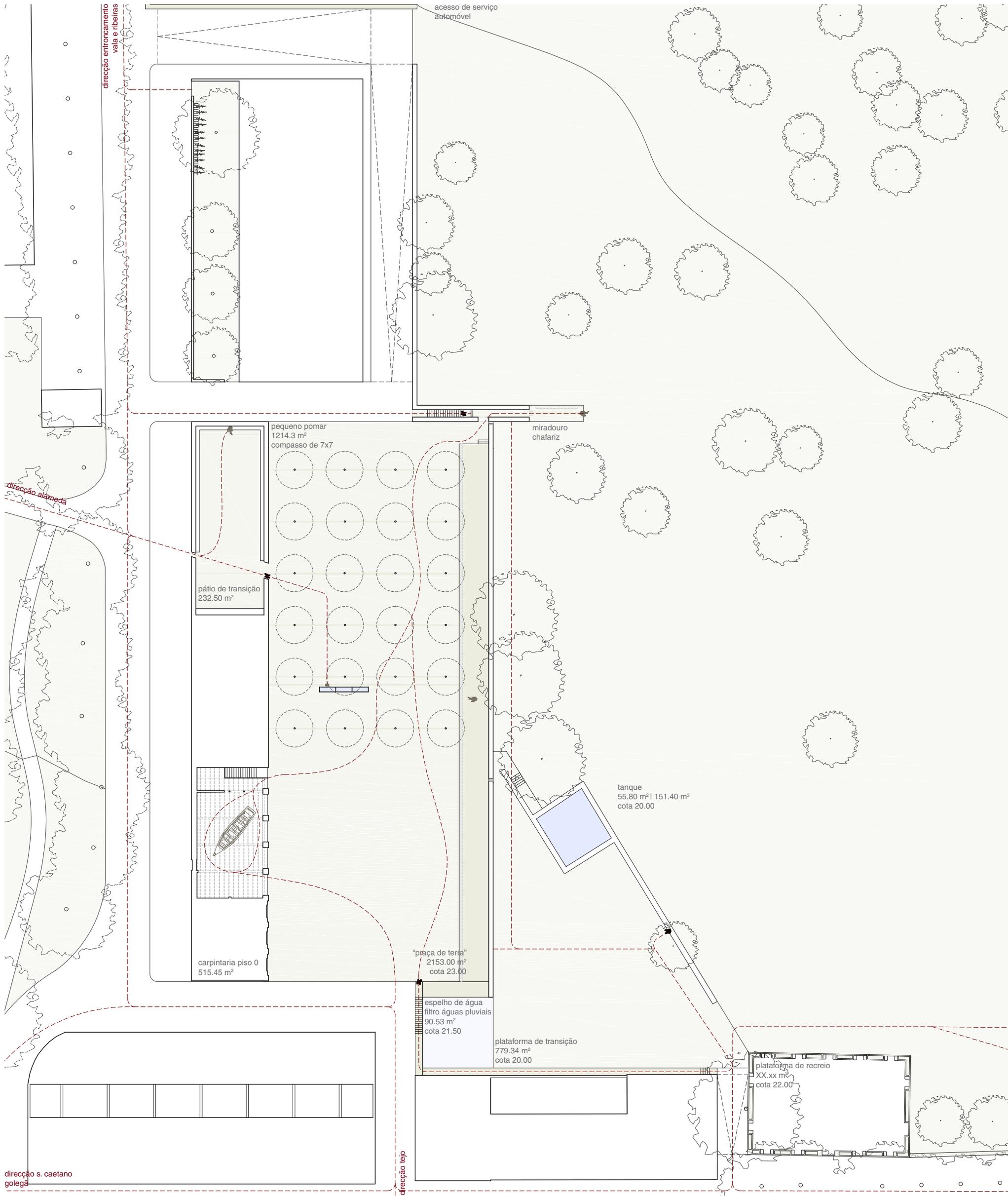
alçado longitudinal da "praça de terra" escala 1:750

0 7,5 15



acesso de serviço
automóvel

direcção entroncamento
vala e ribeiras



acesso de serviço
automóvel

direcção entroncamento
vale e ribeiras

pequeno pomar
1214.3 m²
compasso de 7x7

miradouro
chafariz

pátio de transição
232.50 m²

tanque
55.80 m² | 151.40 m³
cota 20.00

carpintaria piso 0
515.45 m²

"peça de terra"
2153.00 m²
cota 23.00

espelho de água
filtro águas pluviais
90.53 m²
cota 21.50

plataforma de transição
779.34 m²
cota 20.00

plataforma de recreio
XX.xx m²
cota 22.00

direcção s. caetano
golegã

direcção tejo



O eixo na direcção E-SO organiza o edifício associado às actividades agrícolas da Quinta. As acções propostas na frente deste “eixo terra” articulam-se sobretudo com os percursos provenientes do Entroncamento e da chegada pela Alameda.

Nesta frente desenha-se a “Praça de Terra”, que consiste num espaço de utilização livre, uma área ampla com dois ambientes distintos, um lúdico, com pomar, onde se poderão realizar mercados, por exemplo, ou simplesmente estar e outra área desocupada em relação directa com a carpintaria, de carácter livre mais funcional. Este espaço contém em si uma cisterna enterrada que permite reservar águas pluviais para apoiar um funcionamento autónomo das infraestruturas propostas.

Espaço lúdico e funcional, é delimitado e configurado pela estrutura hidráulica de apoio à reserva de água e pelas construções pré-existentes de apoio a actividades, como a carpintaria, invocando a espacialidade de grande pátio de trabalho associado às actividades agrícolas, agora já com um carácter recreativo e utilitário distinto.

O muro que delimita, que contém e configura o espaço entre a Quinta construída e os campos, o mesmo muro que estabelece transição entre cotas, unifica, articula vários espaços e contém em si a caleira que recebe a água das chuvas do plano da praça, encaminhando-a para filtragem e reserva na cisterna, pretende ser a contenção de área construída.

O pequeno pátio ou jardim de transição, desenhado a partir da consolidação de uma das estruturas devolutas, permite uma pausa entre a escala industrial ampla e a escala da praça, permite encontrar um espaço de recolhimento.

O pontão/miradouro oferece uma vista inédita sobre o palácio e a torre da Cardiga. O mesmo espaço permite o acesso rápido aos campos, e na sua base integra um bebedouro para animais, e outro para os visitantes, funcionando como chafariz que remata o sistema hidráulico proposto.

A recuperação do tanque pré-existente na plataforma de transição estabilizada a meia cota, entre a praça e os campos, e a sua integração no sistema hidráulico, articula-se com a nova galeria protegida. Em relação directa com o tanque, a partir desta acede-se ao espaço de manutenção do sistema hidráulico. A galeria, espaço de estar exterior coberto oferece abrigo e sombra.

Para conectar a Praça de Terra ao jardim de alegetes e namoradeiras na frente do palácio é proposta uma passadeira nas traseiras das casas de habitação e limite dos logradouros. Na sequência deste limite, em direcção às pontes, propomos junto à ribeira uma outra escada. Esta escada está imiscuída na galeria típica da ribeira da Ponte da Pedra. As suas vistas incidirão mais sobre o ambiente da ribeira e das pontes em contraste com o outro miradouro que permite sobretudo olhar para o palácio, ou com o jardim de alegetes e namoradeiras, plataforma sobre a clareira que permite olhar os pastos.

A definição deste novo limite articula assim vários espaços nele incluídos. Engloba as pontes, a escada, o jardim de alegetes, a praça de terra, o miradouro-chafariz que a remata, continuando até aos armazéns mais afastados já no caminho da Vala, estabilizando sempre um espaço livre das cheias médias que acontecem com mais frequência criando uma série de pontos referenciáveis que permitem descobrir este conjunto arquitectónico e o seu entorno paisagístico.

acesso de serviço
automóvel

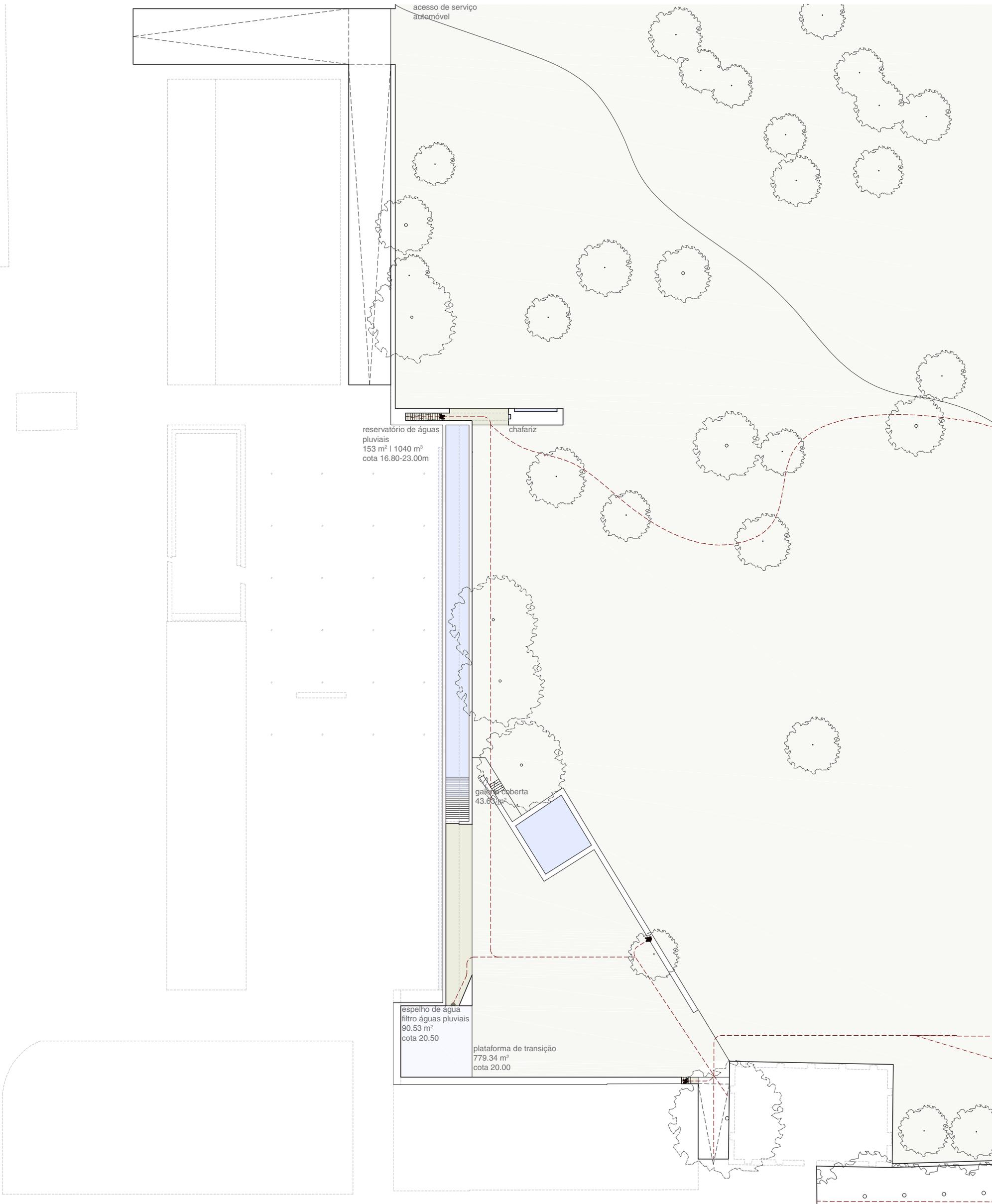
reservatório de águas
pluviais
153 m² | 1040 m³
cota 16.80-23.00m

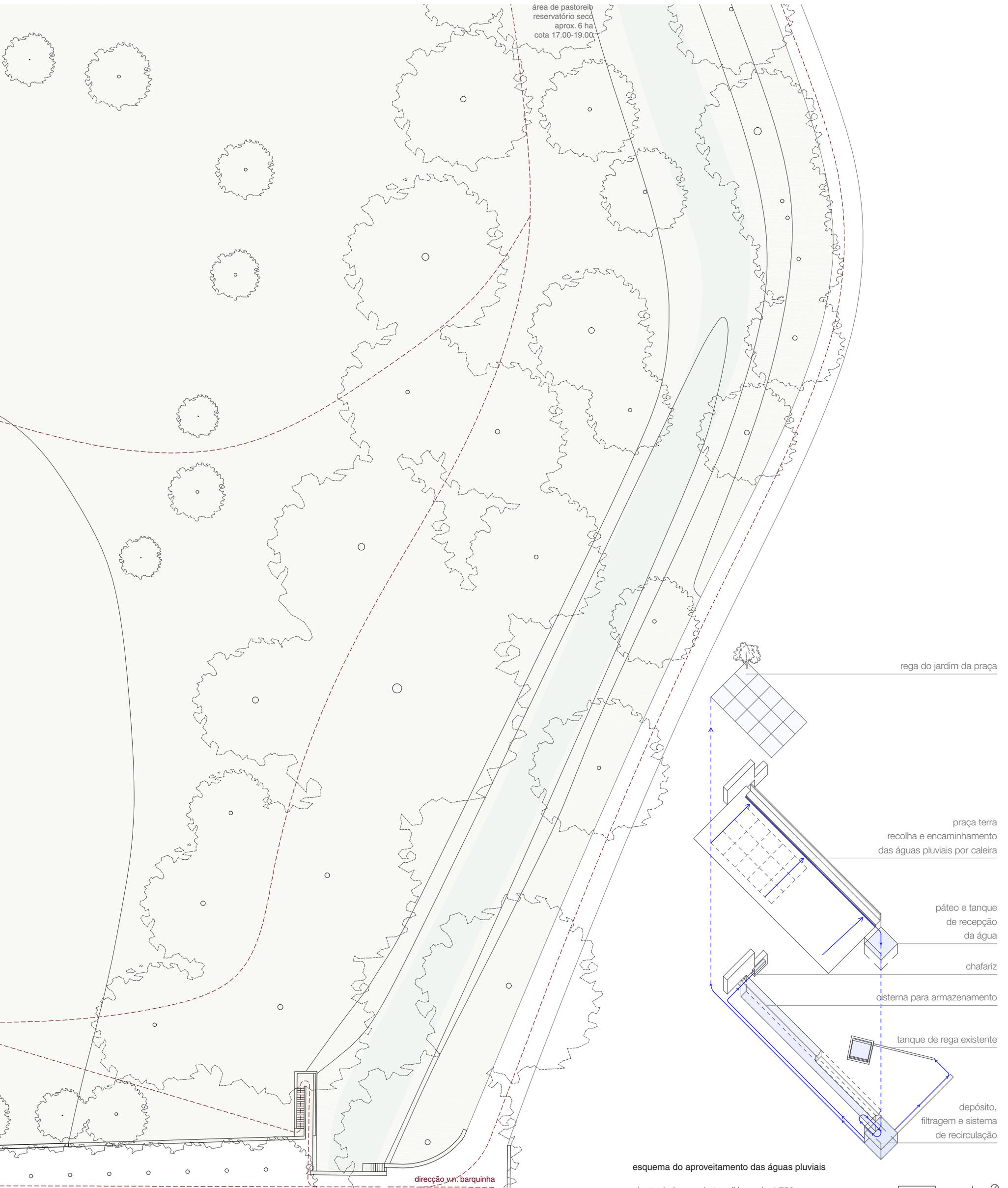
chafariz

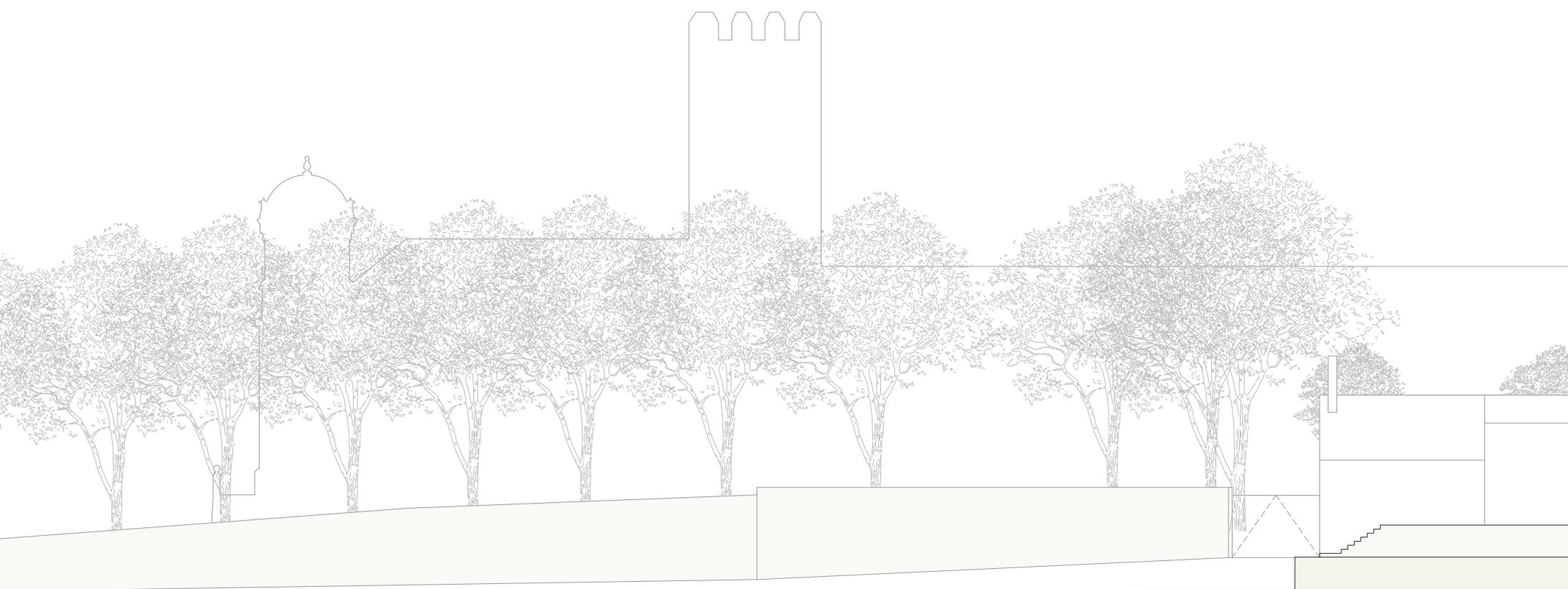
galpão coberto
43.83 m²

espelho de água
filtro águas pluviais
90.53 m²
cota 20.50

plataforma de transição
779.34 m²
cota 20.00





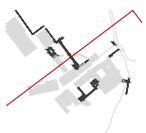


direcção v.n. barquinha

palácio

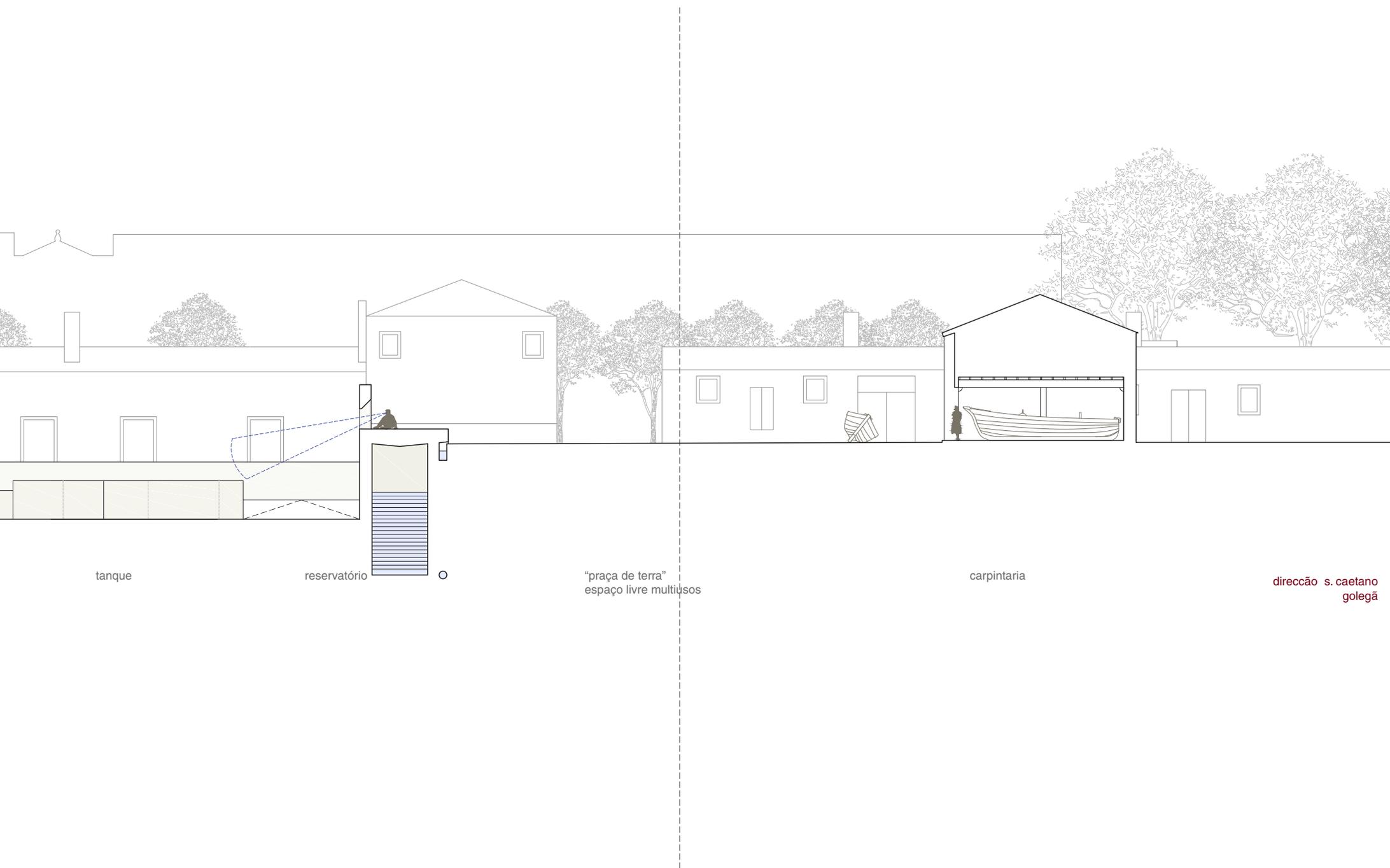
plataforma de recreio

acesso pedonal
à "praça de terra"



0 1 2,5 5

corte transversal da "praça de terra" pela carpintaria e caleira | escala 1:250



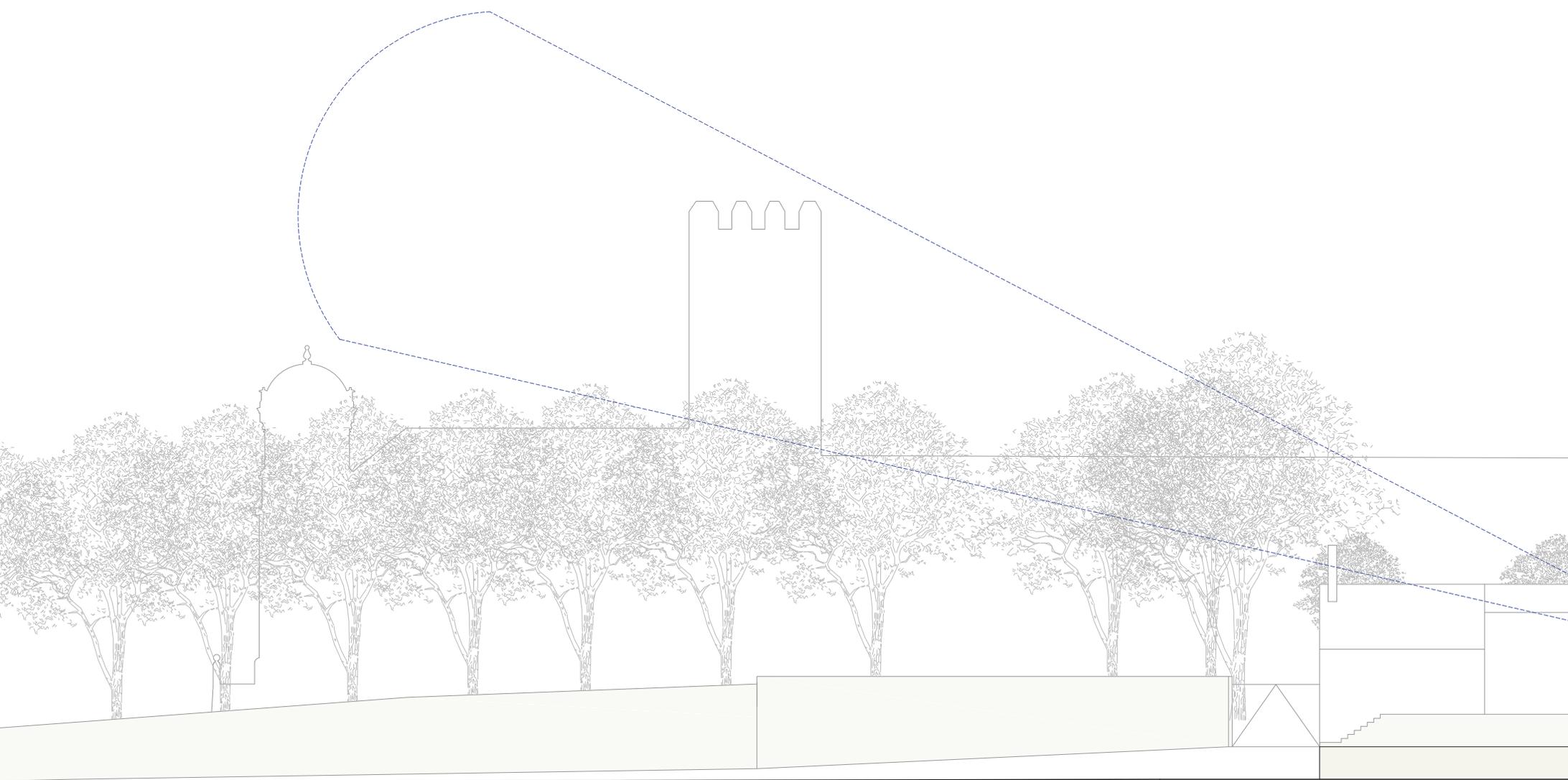
tanque

reservatório

"praça de terra"
espaço livre multiusos

carpintaria

direcção s. caetano
golegã



direcção v.n. barquinha

palácio

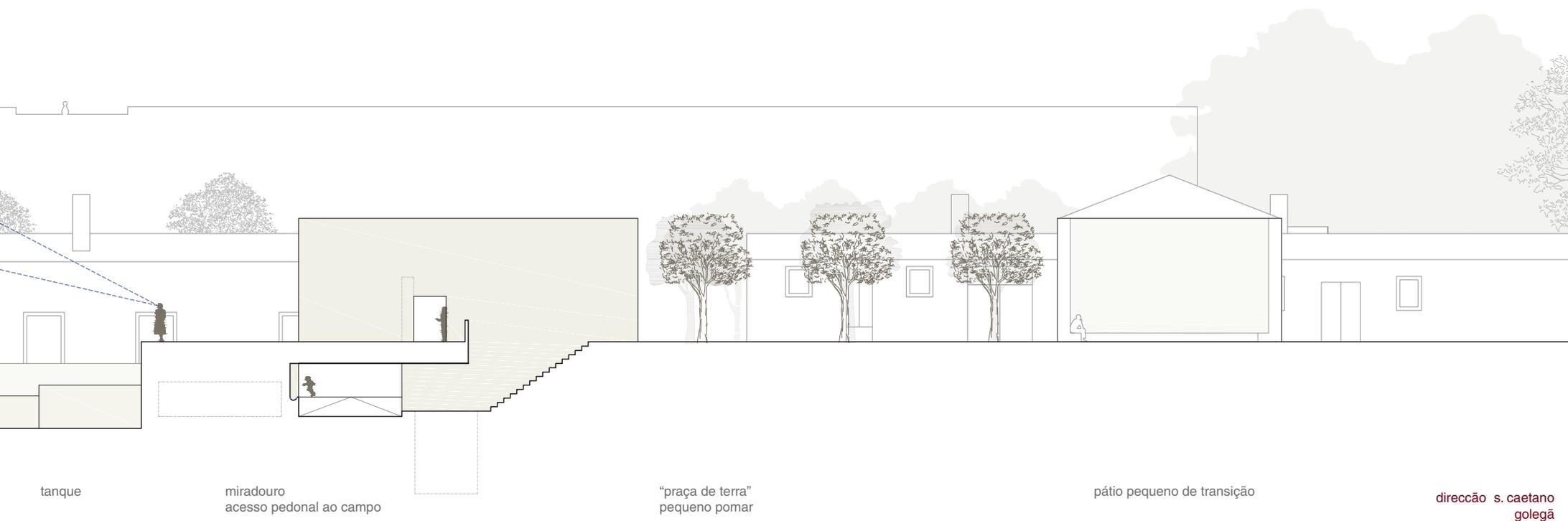
plataforma de recreio

acesso pedonal
à "praça de terra"



0 1 2,5 5

corte transversal da "praça de terra" pelo miradouro | escala 1:250





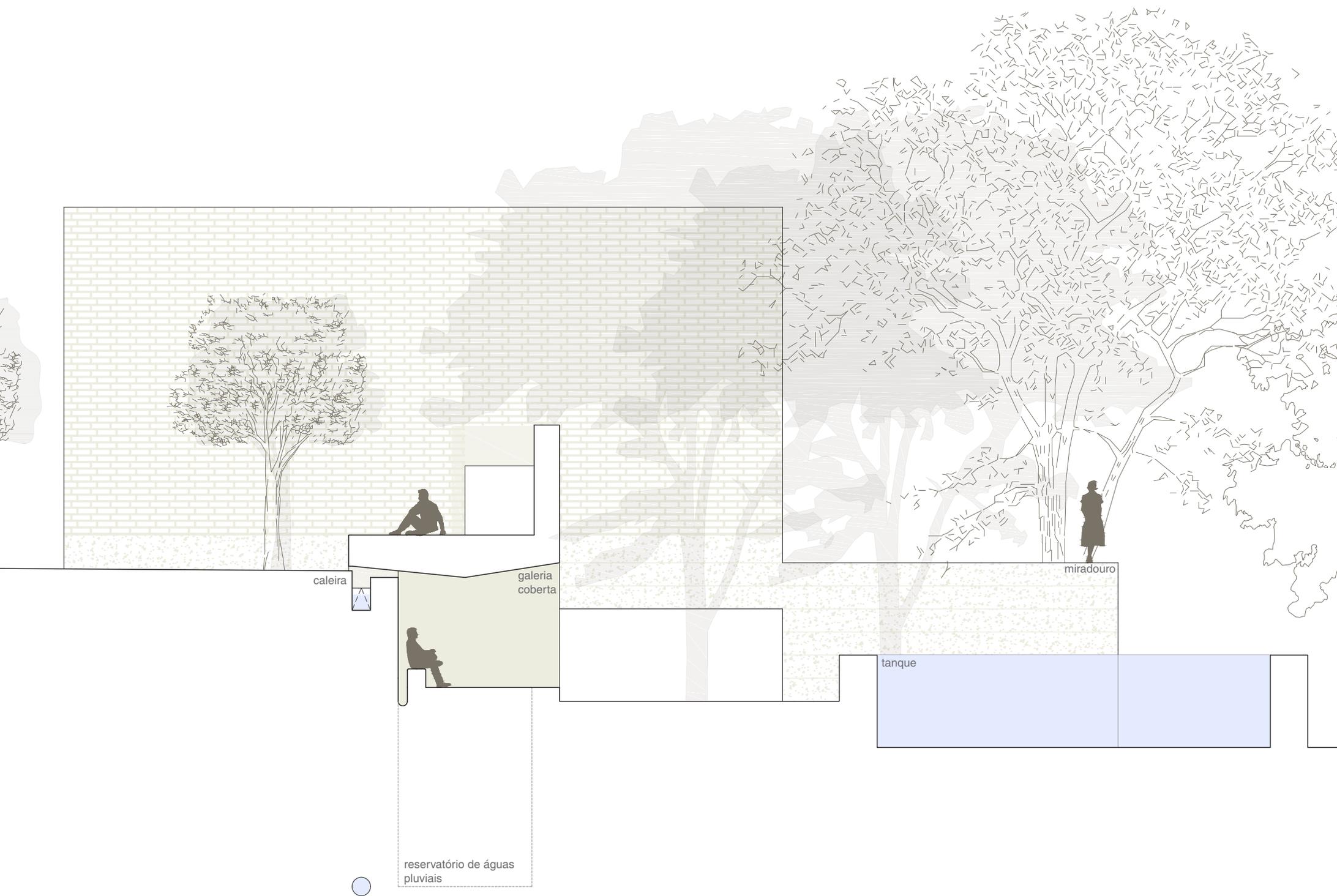
carpintaria

"praça de terra" com pequeno pomar



0 0,5 1 2

corte transversal da "praça de terra" e "plataforma de transição" | escala 1:100



O eixo NO-SE organiza o edificado associado aos espaços de habitação e representação da Quinta. A frente rio é primordial na sua existência e na configuração do conjunto. A partir desta frente se desenvolveu a Quinta ao longo dos séculos, no entanto durante o séc. XX, após a inversão da entrada no palácio, esta tem vindo a ser negligenciada.

Pretendemos devolver-lhe a sua importância a partir da criação e recuperação de espaços que estabeleçam relação directa com o rio e que desenhem novas entradas e espaços de estar no palácio. Em primeiro lugar repõe-se a entrada original do palácio e chegada à Cardiga por rio, em segundo lugar recupera-se a espacialidade da *loggia* original, actualmente engolida por edifícios que se propõem demolir, recuperando a área perdida e a espacialidade do terceiro pátio do palácio.



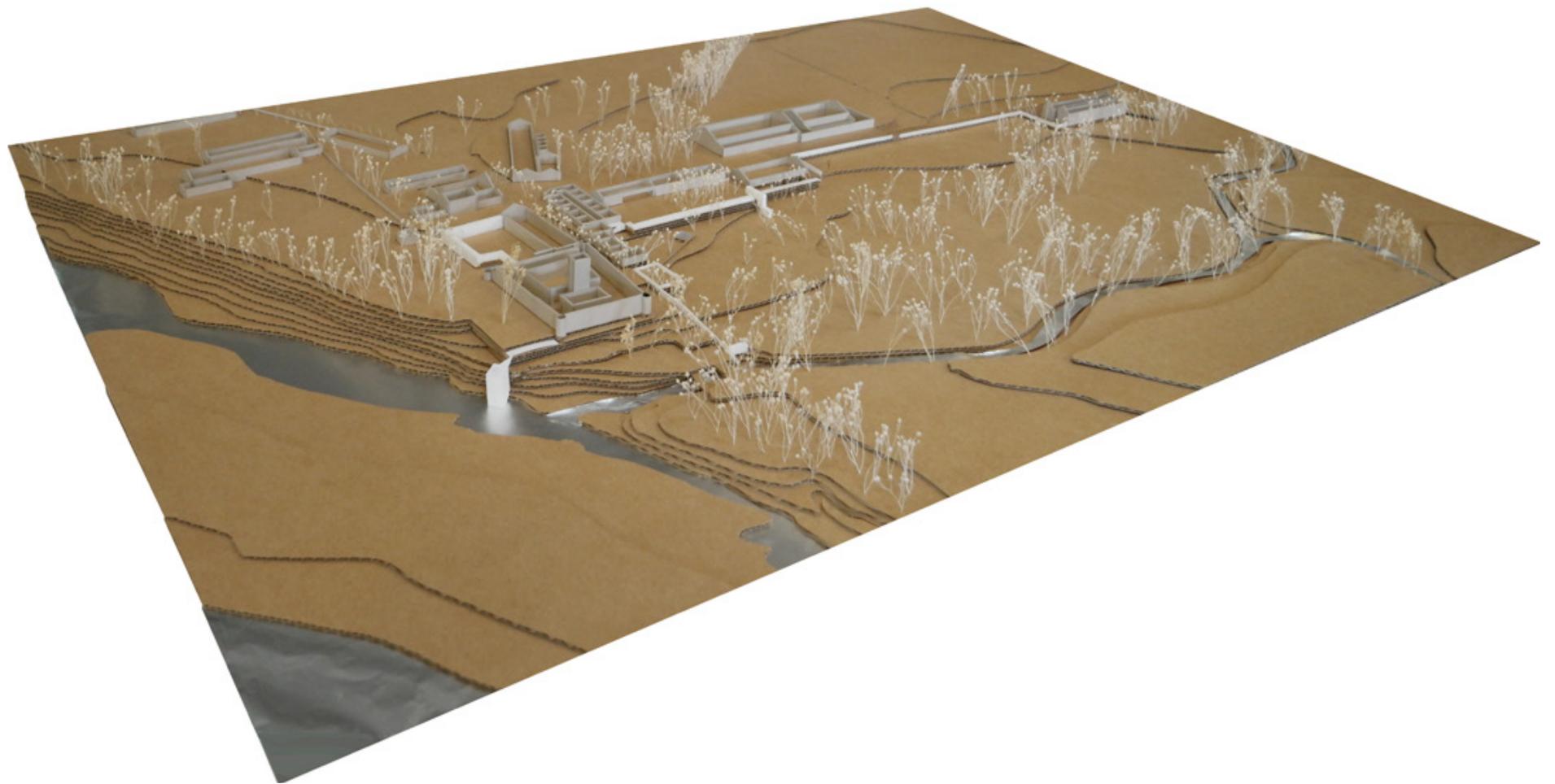
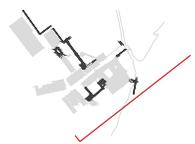


fig.138 e 139 – Maquete da proposta à escala 1:500: Frente Rio



direcção s. caetano
golegã

cavaliças



alçado longitudinal da frente de rio | escala 1:750

0 7,5 15



nora

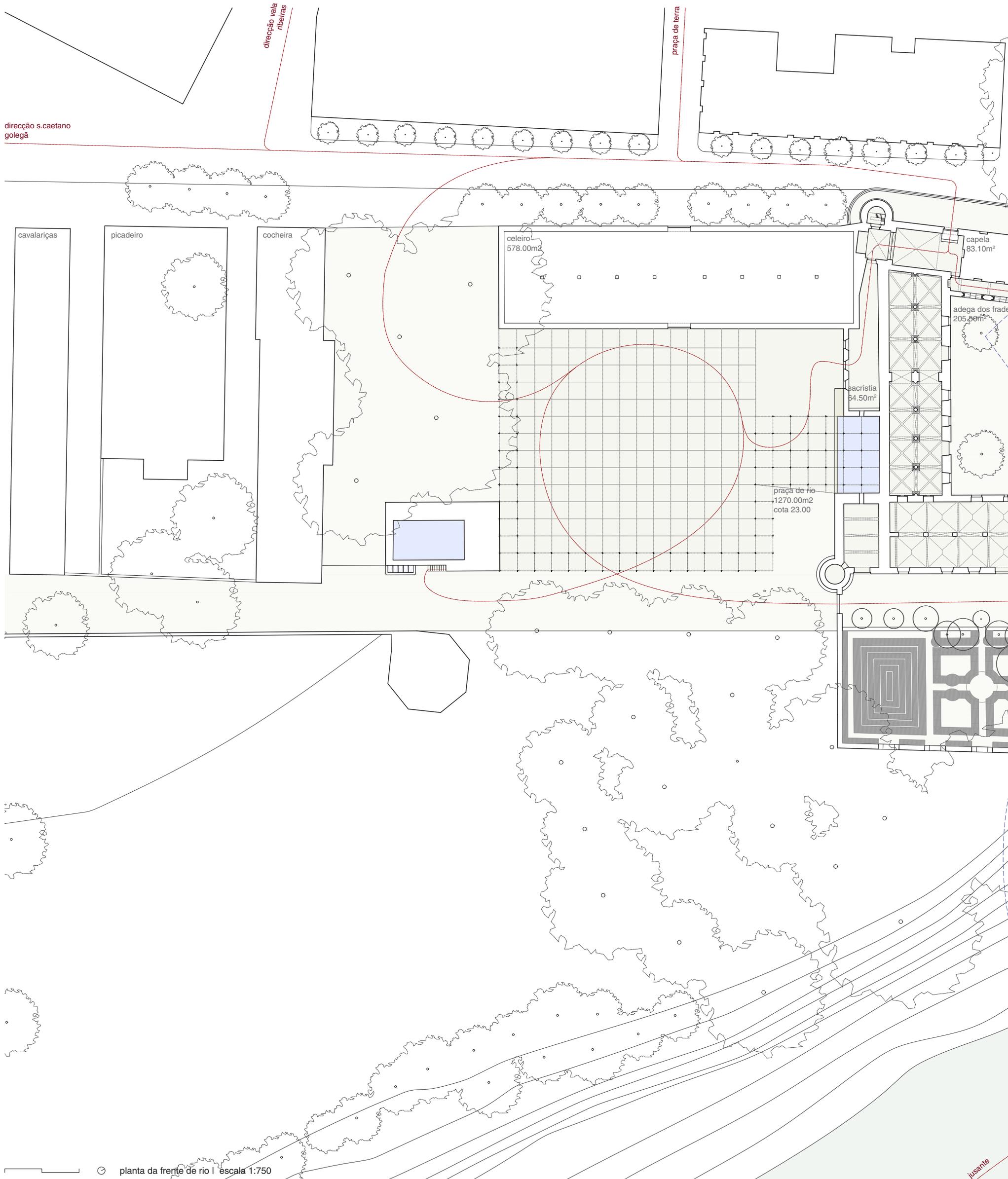
“praça de rio”
prolongamento da *loggia*

palácio

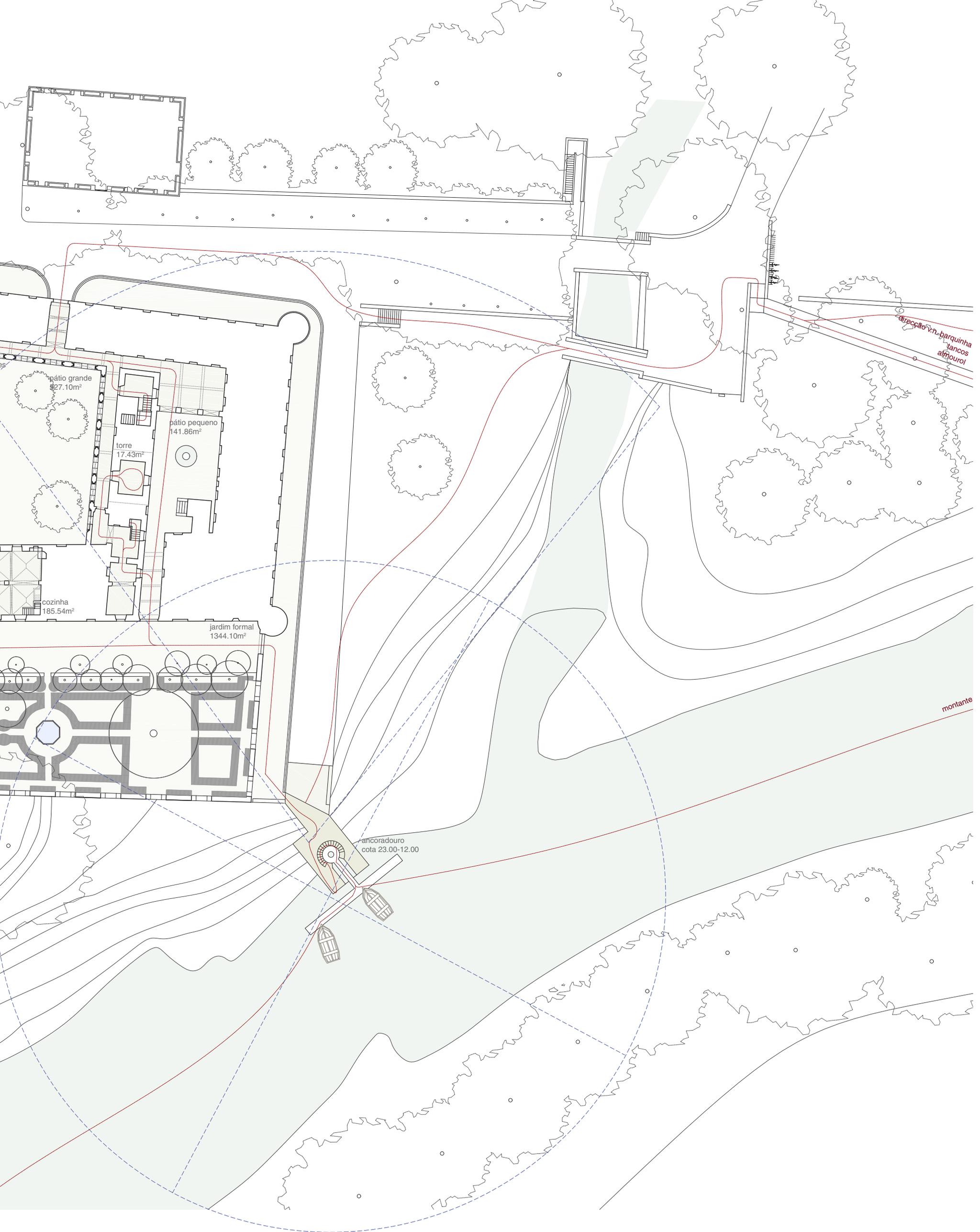
ancoradouro
acesso ao palacio
medidor hidrométrico

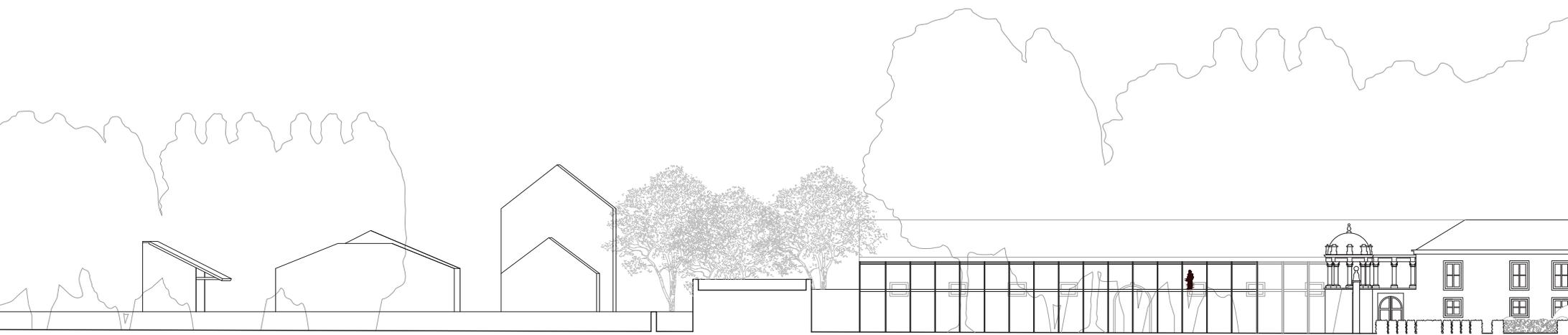
pontes da cardiga

**direcção v.n. barquinha
tancos
almourol**



0 7,5 15
 planta da frente de rio | escala 1:750





direcção s. caetano
golegã

cavaliças

nora

"praça de rio"
prolongamento da *loggia*



alçado longitudinal da "praça de rio" pelo jardim formal escala 1:500

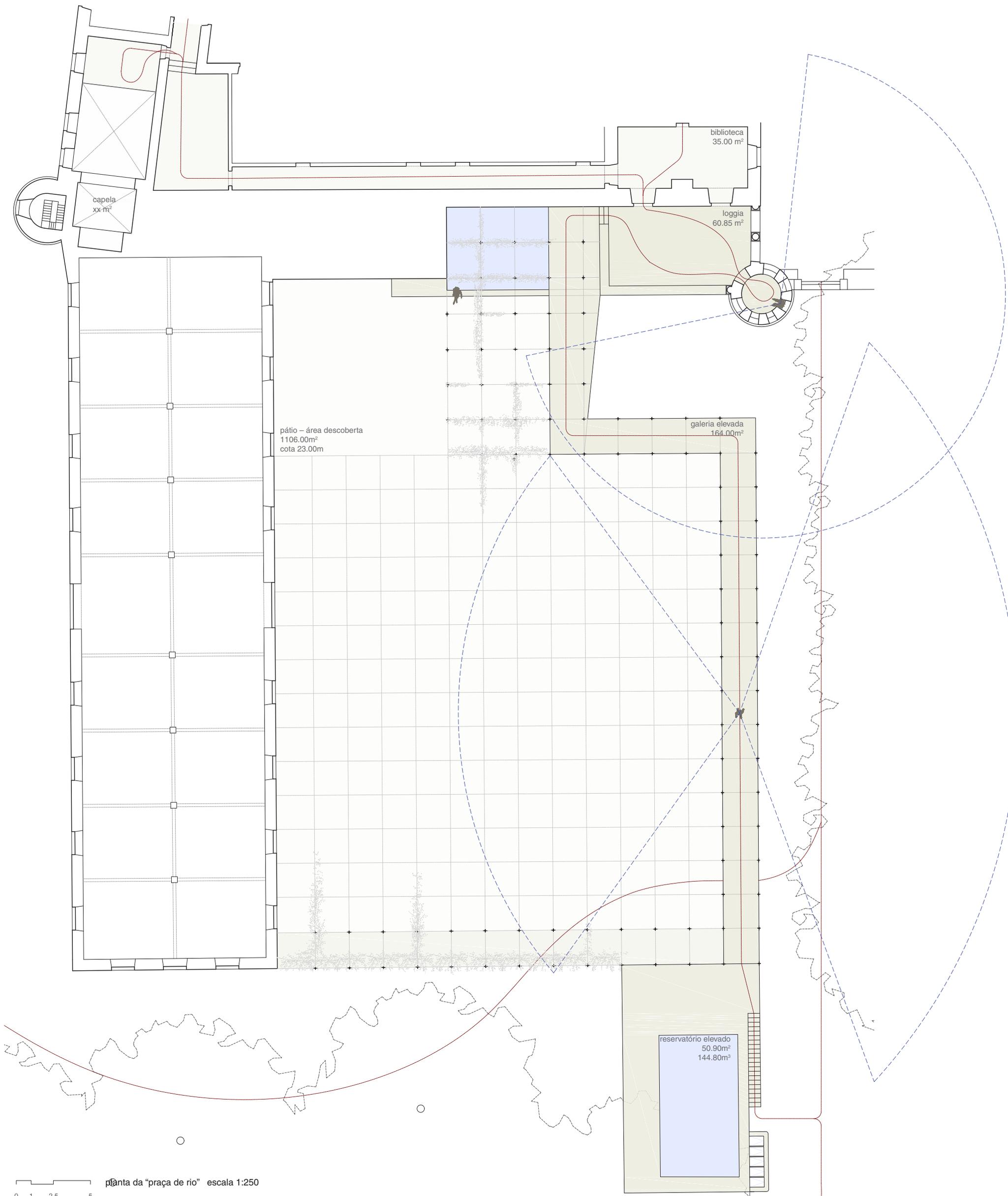
0 1 5 10

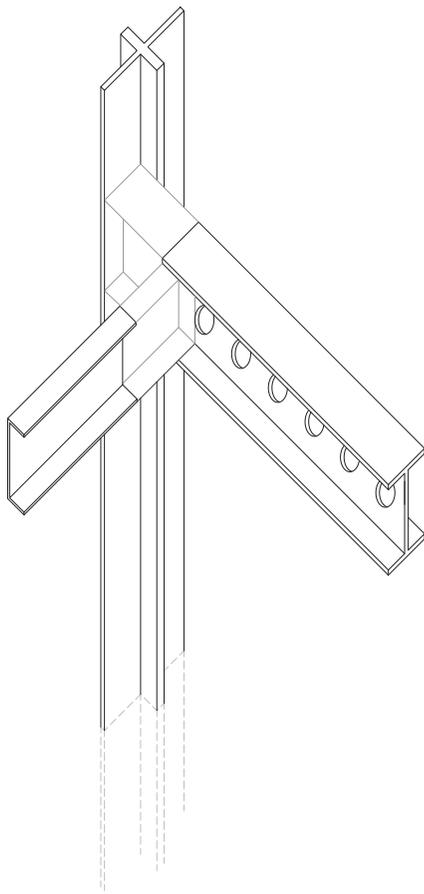


palácio

pontes da cardiga

direcção v.n. barquinha
tancos
almourol





Aço laminado negro
Esquema estrutural da nova galeria

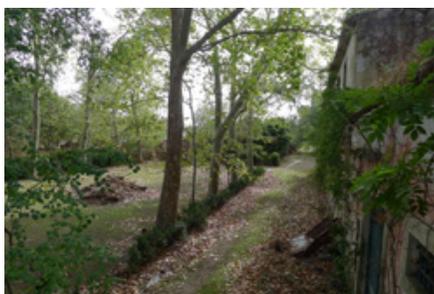


Fig. 142 – Biblioteca

Fig. 143 e 144 – Vistas desde a *loggia* renascentista

A recuperação da espacialidade da *loggia* original das obras da traça de João de Castilho, como já explicado anteriormente, prende-se em primeiro lugar com a demolição do edifício da adega, que nas suas transformações sucessivas acabou por restringir e reprimir o espaço da varanda.

No espaço liberto pela demolição propomos a preservação da área livre. A criação de um espaço aberto, configurado nos seus limites pelo antigo celeiro (a noroeste), pela empena poente do palácio e por uma nova galeria, estrutura leve metálica, que dá continuidade e prolonga a *loggia* existente, re-configurando o terceiro pátio de serviço mais amplo, como poderia ter sido já no século XVIII.

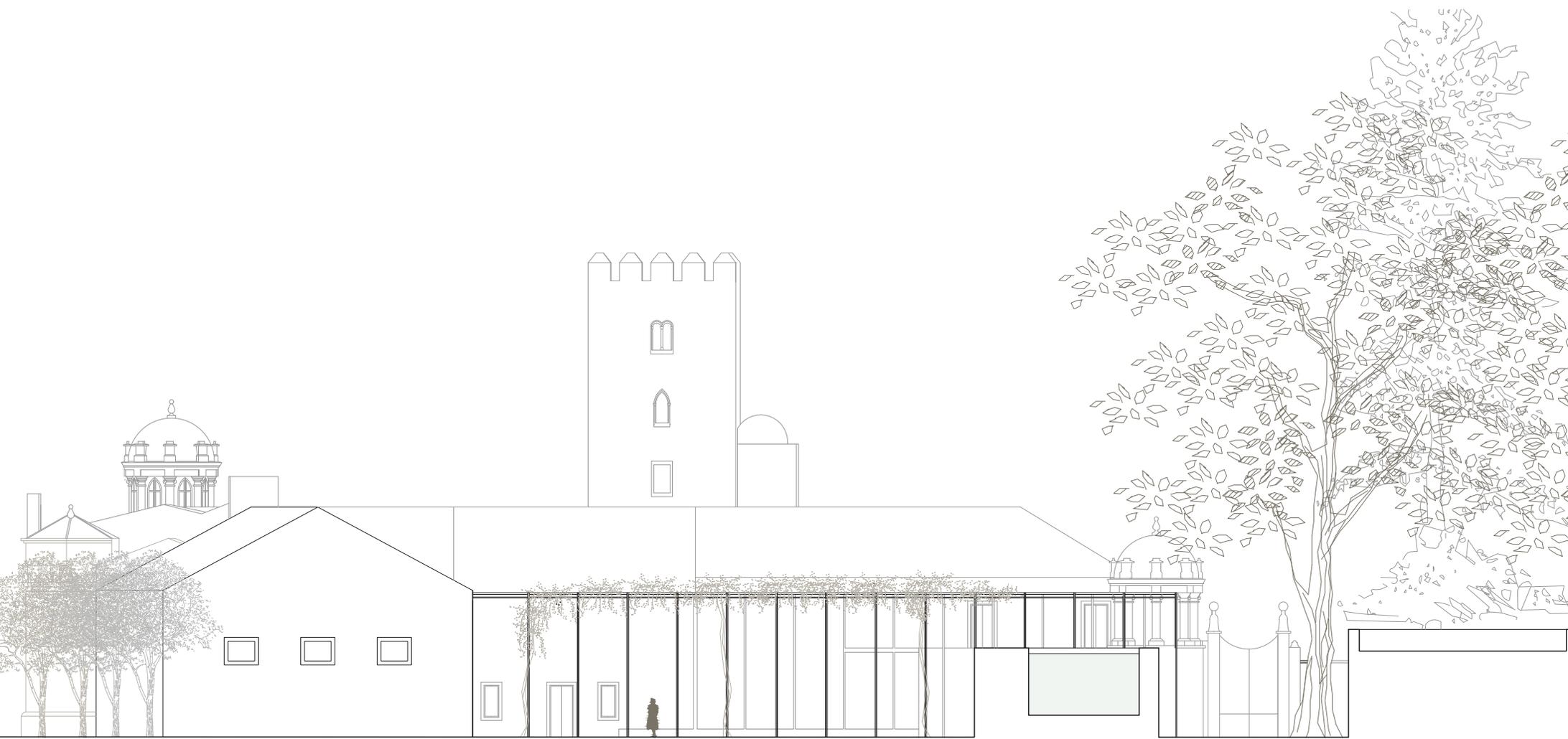
A estrutura da galeria configura um espaço regular livre. Esta permite olhar o Tejo e o seu acesso ao piso elevado pode ser feito pela escada integrada no reservatório de água recuperado ou pelo primeiro piso do palácio a partir da biblioteca e da *loggia* original

Na transição entre a empena libertada do palácio e a nova estrutura é desenhado um espelho de água coberto por uma pérgola, na relação com a sacristia da capela do palácio

O reservatório recuperado alimenta o espelho de água, com significado simbólico na relação com o edificado recém-libertado e a capela. Serve também à provisão de água para actividades que possam acontecer no pátio. A estrutura metálica está associada a um sistema de sombreamento vegetal ou em tecido. Este permite tornar o limite/membrana opaco ou transparente.

Esta estrutura tem como objectivo a multifuncionalidade e continuidade do espaço, permitindo ao mesmo tempo usufruir de uma posição privilegiada e dar um novo significado na transição futura de novos usos do conjunto.

A nova galeria pretende assim reestabelecer harmonia e hierarquia ao conjunto do palácio na sua fachada frente ao rio e aos seus aspectos fundadores renascentistas, a *loggia*.



celeiro

sacristia

pérgola

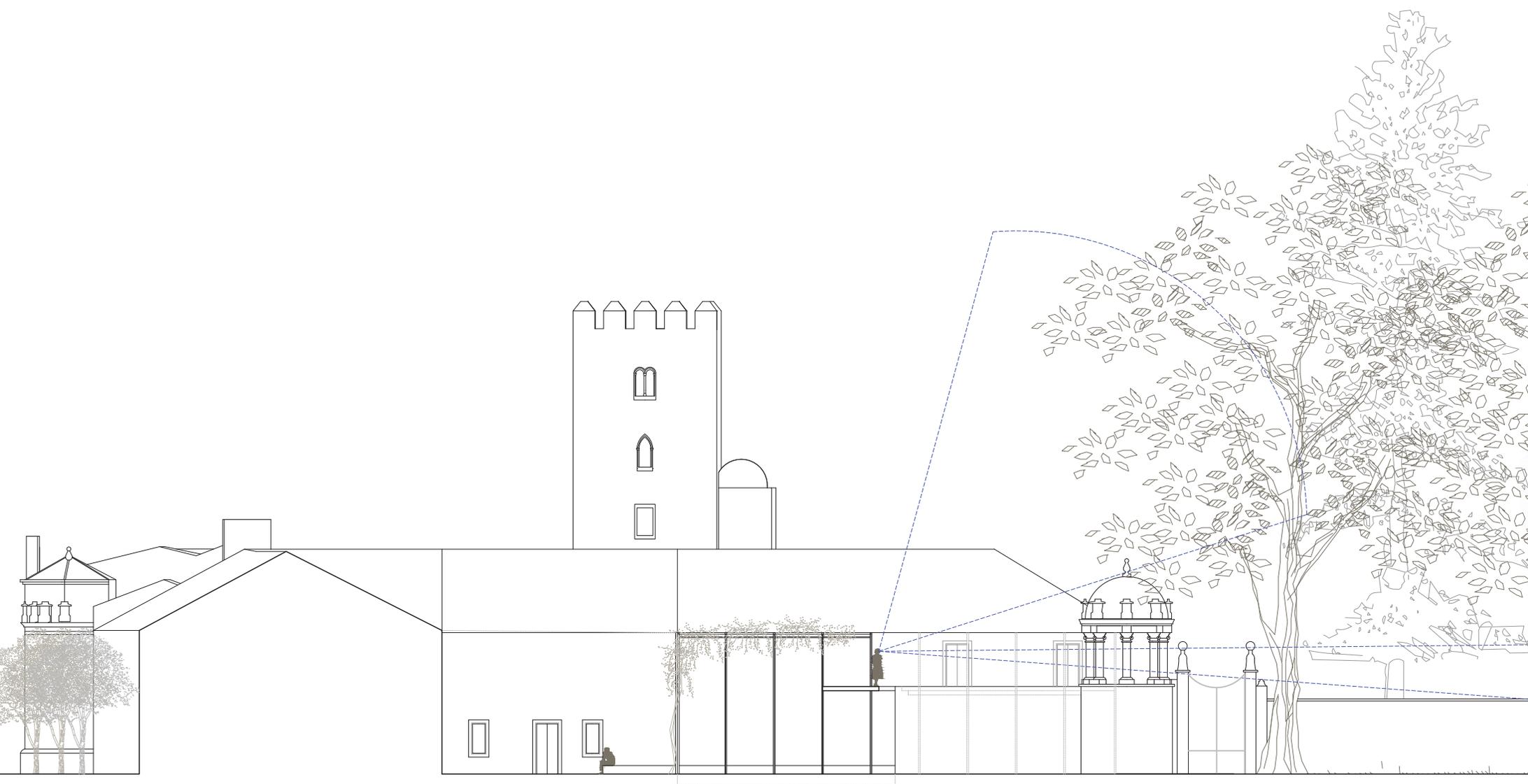
reservatório de água

nora



alçado transversal da "praça de rio" escala 1:250





celeiro

sacristia

pérgola
espelho de água

prolongamento da *loggia*

loggia original

limite do jardim formal



0 1 2,5 5

corte transversal da "praça de rio" escala 1:250



rio tejo



0 1 5 10 corte transversal pelo palácio e alçado do ancoradouro escala 1:500

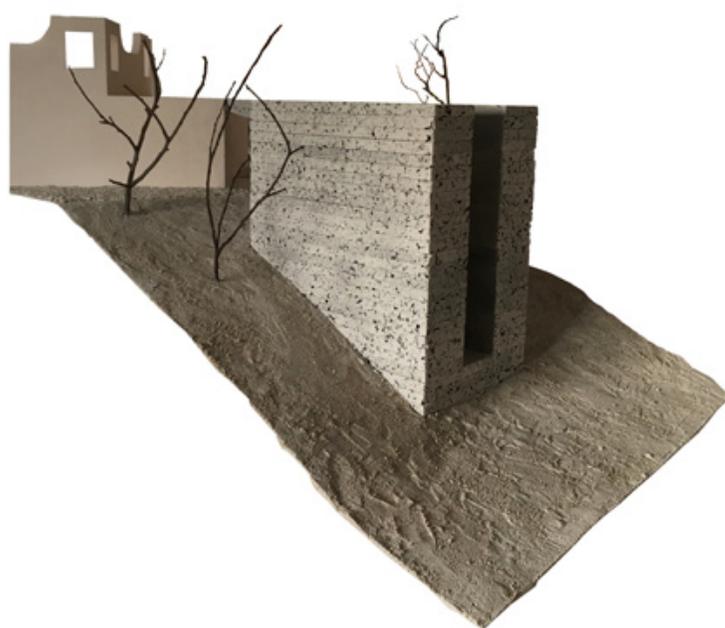


Fig. 146 – Maquete do ancoradouro à escala 1:20

Fig. 147 – Escombros de calcário

Fig. 148 – Betão ciclópico com grandes agregados

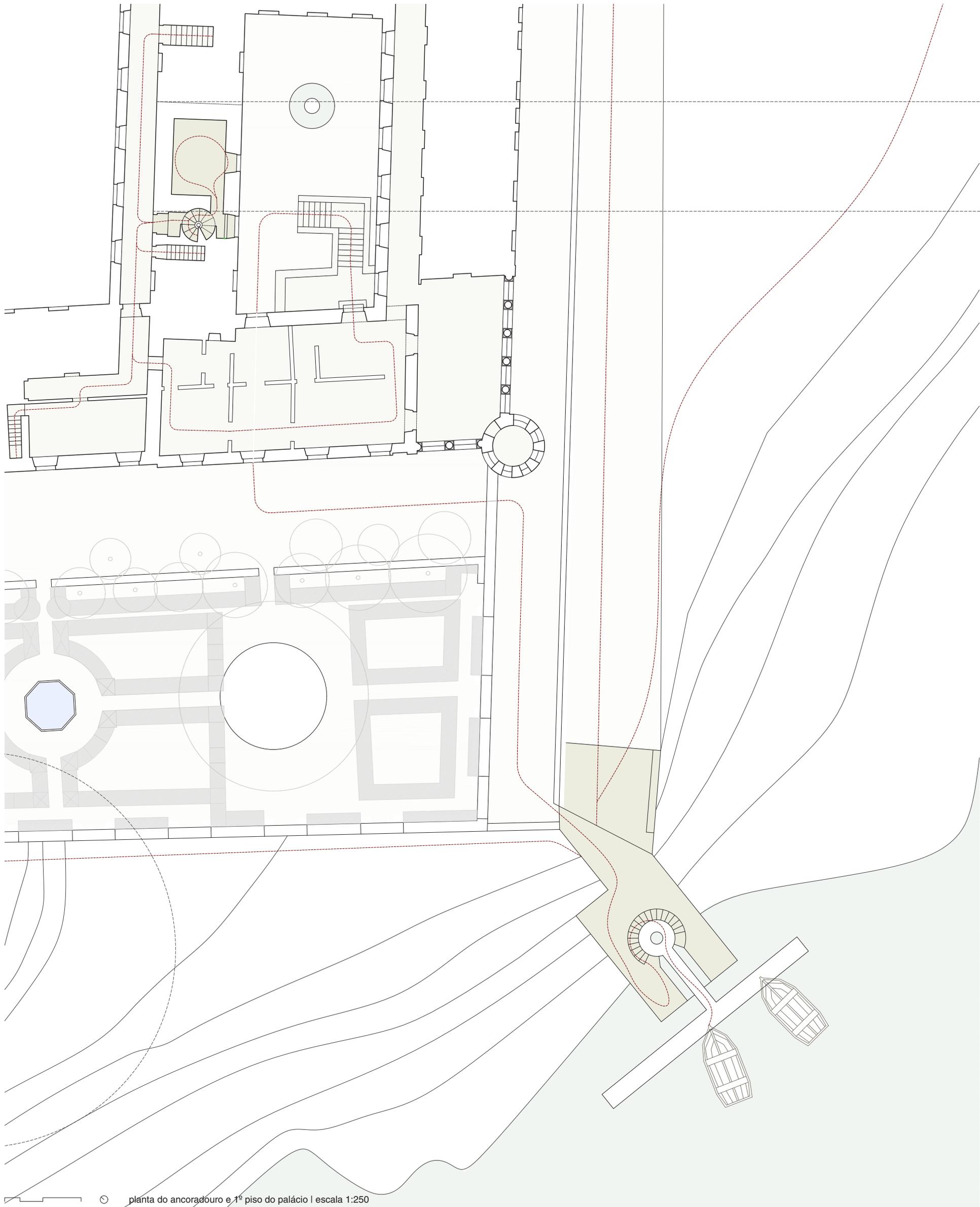


Como forma de repor a aproximação à Cardiga pelo Tejo, propomos recuperar a sua entrada original a partir da construção de um novo ancoradouro.

Ao repor a aproximação à Quinta da Cardiga por água devolve-se parte da sua relação com o rio Tejo à população, e potenciam-se actividades em contacto directo com o rio que foram desaparecendo ao longo das últimas décadas. A construção de um ancoradouro restitui a experiência do momento de entrada original da casa nobre por rio, e numa só acção consolida a margem no limite sensível do seu jardim formal. O ancoradouro desenha-se como uma pequena torre que permite vencer as cotas da margem, (actualmente diferença significativa entre a cota média da água e a cota de implantação do edificado) e fazer a entrada à cota do jardim/terreiro original. Contém também em si um medidor hidrométrico, das variações da cota da água para controlo das cheias e do acesso aos caminhos. Em época de estio, permite o acesso ao mouchão grande em frente à Quinta para banhos fluviais.

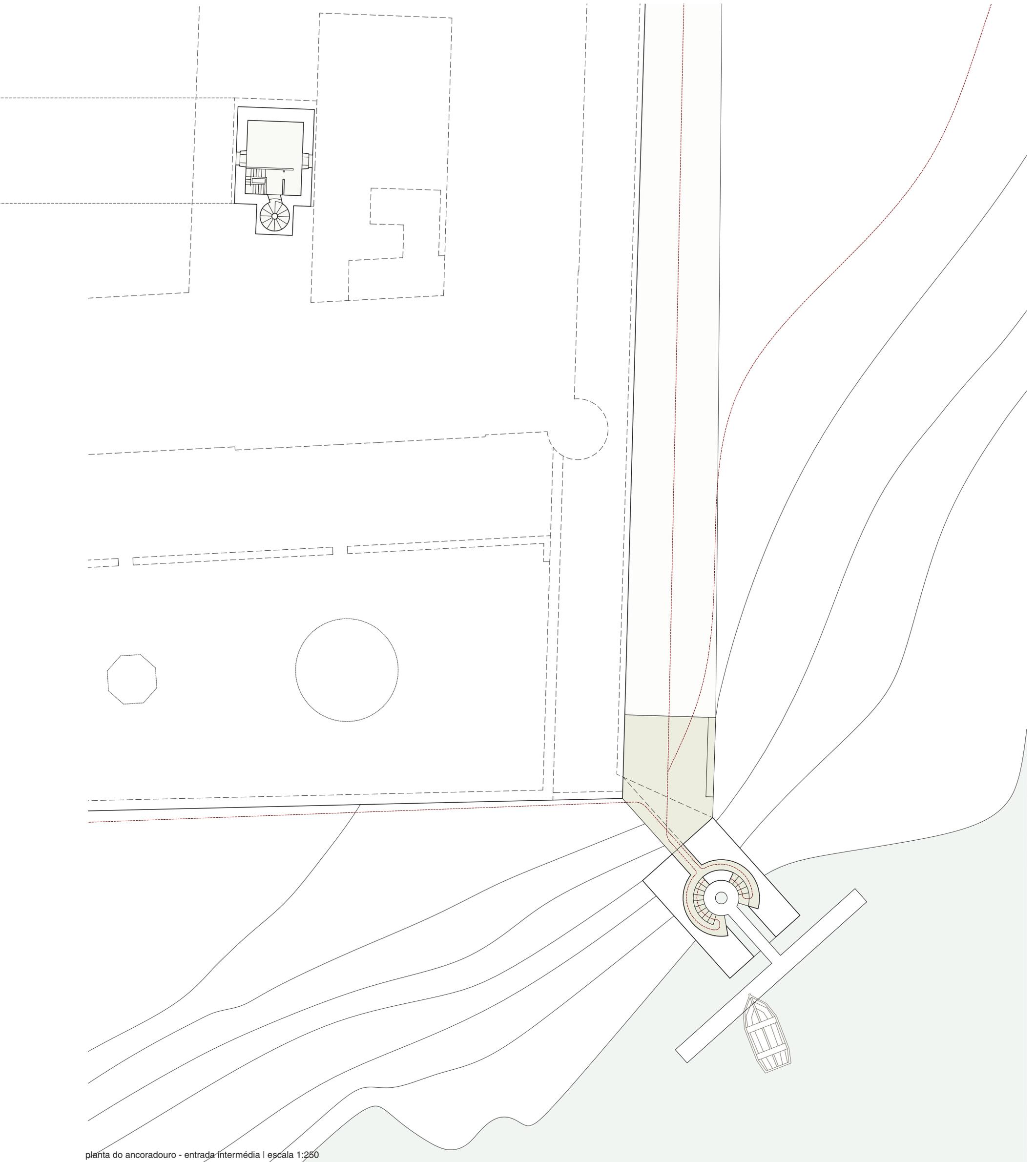
A nova torre-ancoradouro aparece como um quinto torreão que “protege”, anuncia e assinala a entrada por água. Este espaço vertical organizado em altura, contém no seu centro o vazio interior de acessos/escadas. Aberta ao rio, em toda a sua altura de 9 metros, num rasgo contínuo, abre-se ao sul e recebe quem chega por água, explorando o limite e as dinâmicas do rio.

A sua construção é feita em betão ciclópico com grandes agregados calcários sobrantes dos escombros das pedreiras próximas das serras d’Aire e Candeeiros. (recuperação da ideia de opus romana). A sua materialidade propõe que esta construção, ao mesmo tempo impositiva e marcante, se harmonize com o resto do conjunto edificado e o seu entorno e, sobretudo, que com a passagem do tempo se matize na acção de adição.

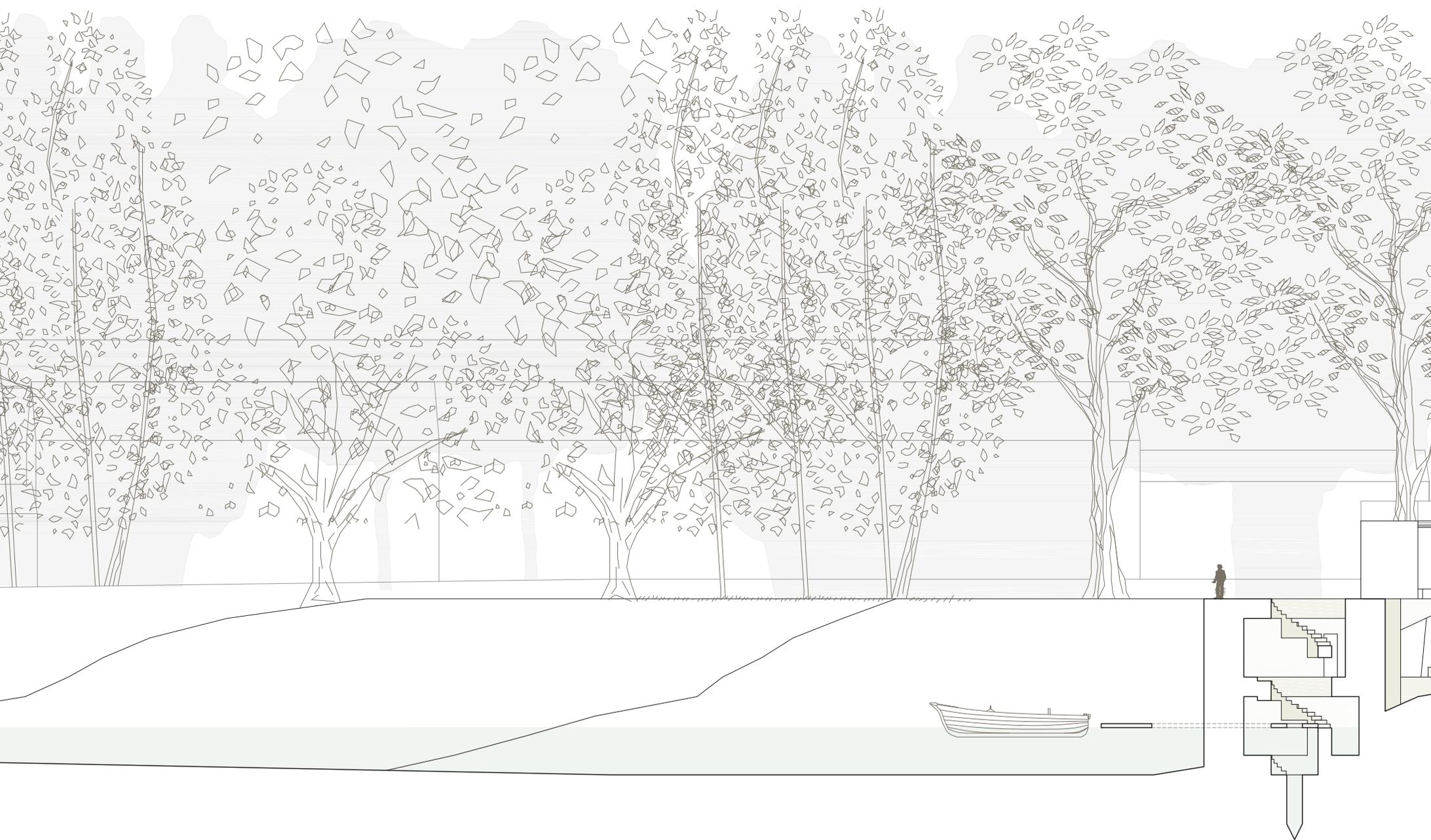


0 1 2,5 5

planta do ancoradouro e 1º piso do palácio | escala 1:250



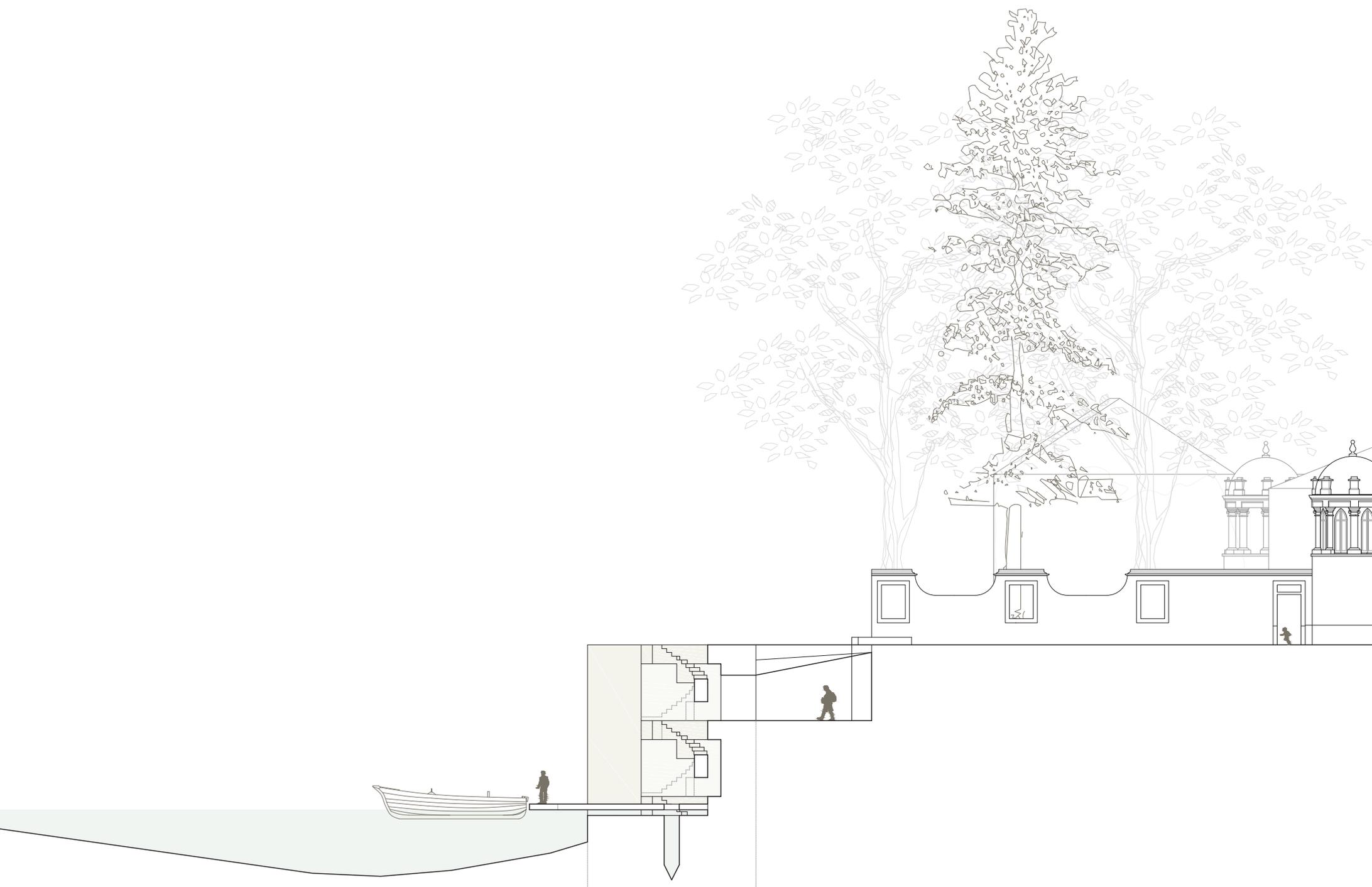
planta do ancoradouro - entrada intermédia | escala 1:250



0 1 2,5 5 corte do ancoradouro escala 1:250



Fig. 149 – Entrada no ancoradouro a meia cota



0 1 2,5 5 corte longitudinal do ancoradouro escala 1:250



Fig. 150 – “poço” da escada





0 0,5 1 2 corte transversal do ancoradouro escala 1:100

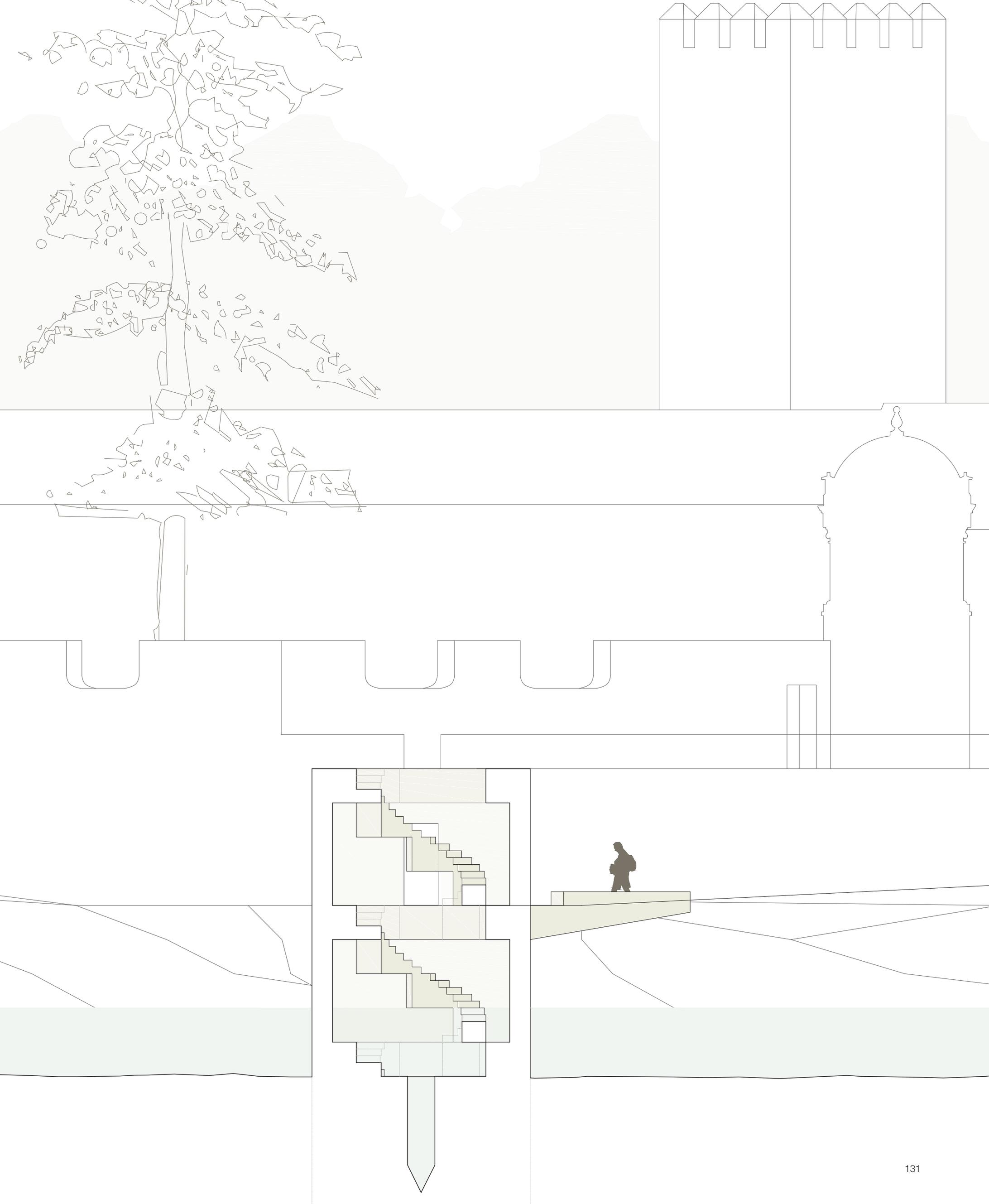




Fig. 151 – Vista do topo



Fig. 152 – Vista do interior

Intervenções Nucleares

Princípios Construtivos



Fig. 153 e 154 – Construções em tufo calcário no Ribatejo

A construção destes espaços procura a elementaridade da matéria que os compõe invocando o carácter e sentido utilitário das construções industriais e agrícolas e da tradição popular que caracterizam este lugar.

Assim, propôs-se a definição de uma ordem construtiva que integra sobretudo materiais autóctones e matéria decorrente da desmontagem de algumas das pré-existências.

Na base, nas cotas de inundações, são utilizados materiais pétreos. Acima, nas cotas libertas de água, ainda que esporadicamente possam sofrer com alguma inundações, a argila. O tijolo é o material que constrói a Quinta e que aqui queremos preservar como material de eleição. Num terceiro momento, nos espaços libertos da água e da terra o metal, a leveza dos perfis metálicos permitem subir e alcançar vistas.

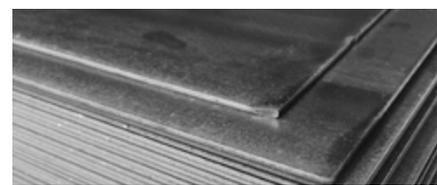
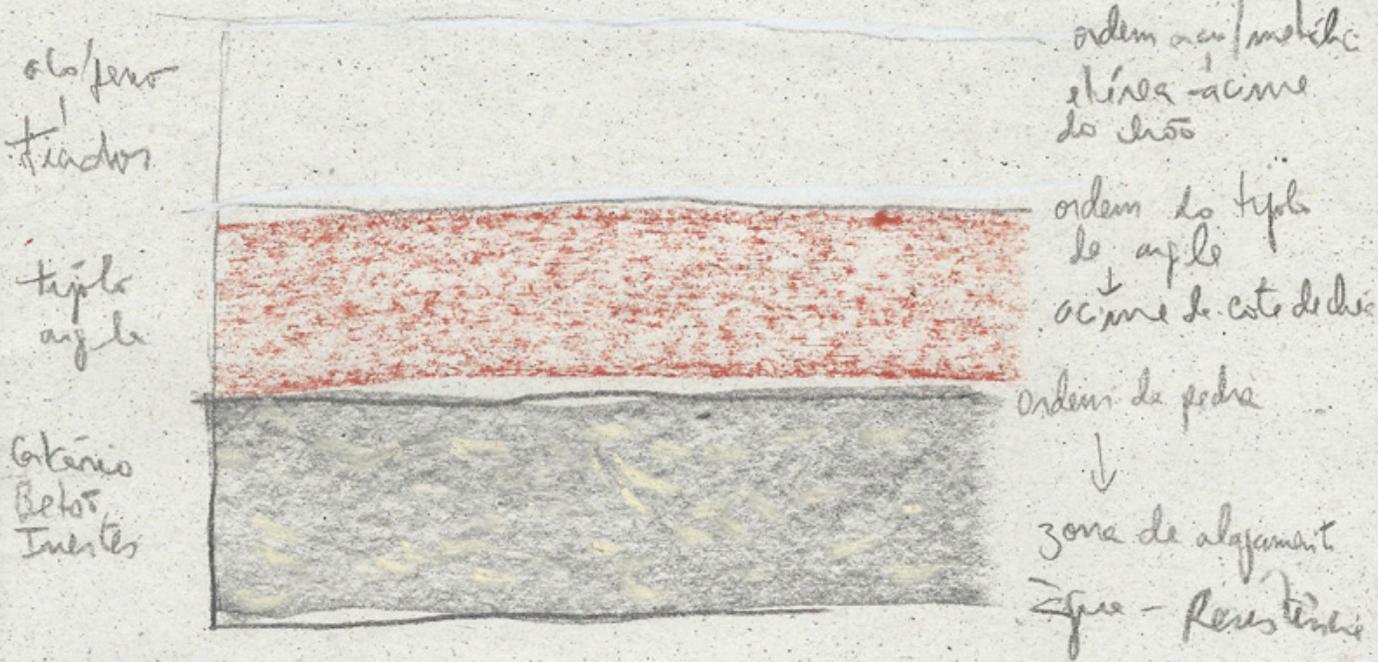


Fig. 155 a 159 – Materiais propostos: de baixo para cima: embasamento de betão ciclópico, tufo calcário, tijolo maciço, aço negro, tecido

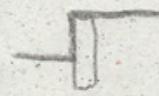
Fig. 160 – Esquiço que sintetiza a ordem construtiva

Sistemas construtivos

Ordem construtiva

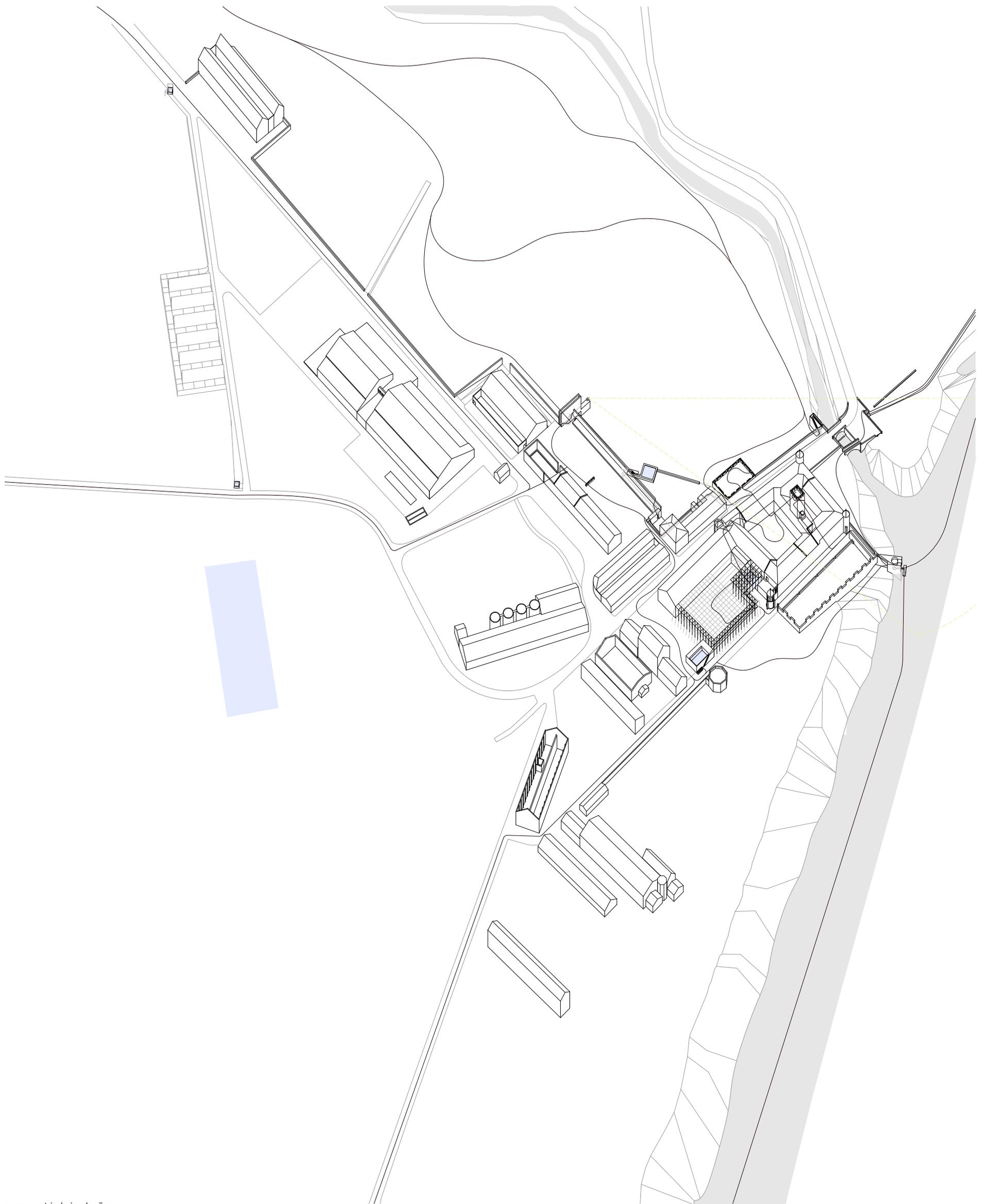



 Sistemas autoportantes em áreas que não sejam de contenção - momentos 'dolos'


 Sistemas 'enclavados' em momentos de resolução de contenção - estabilização de cotas e limites

de ordem construtiva $\hat{=}$ ordem de dimensão das materiais, das peças





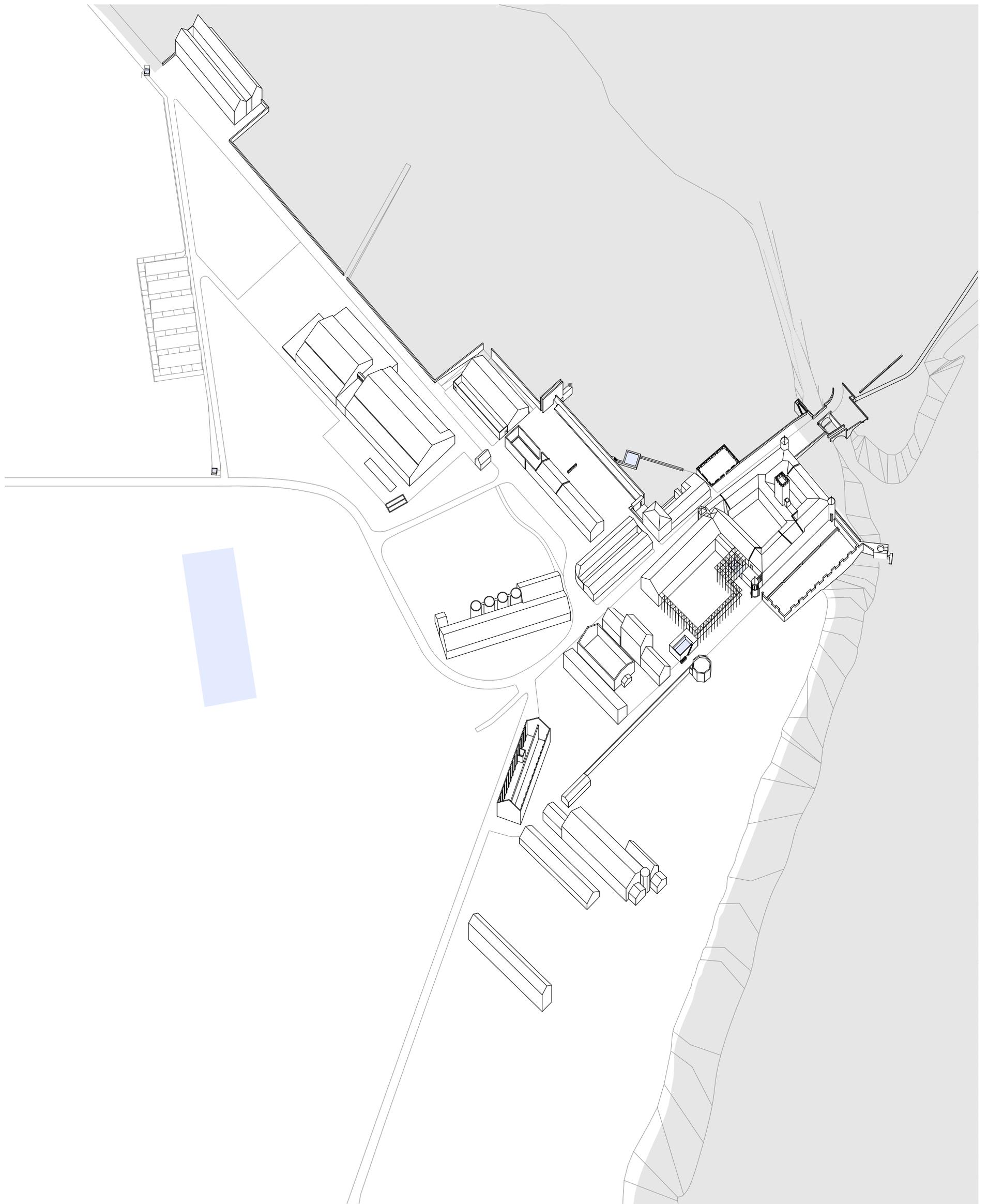




fig. 161 – fotomontagem | ancoradouro em época de estio



fig. 162 – fotomontagem | ancoradouro em leito normal

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este Trabalho de Projecto, foi possível estudar e analisar a Quinta da Cardiga na Golegã a partir do acto de projectar em arquitectura, que se mostrou desse modo uma forma de investigação.

A análise da génese da Quinta, da sua morfologia e transformações, permitiu compreender o seu desenho actual. O conjunto, que se consolidou em torno da sua utilização agrária, está centrado no palácio, espaço de representação social, mas também nas dependências agrícolas e industriais, que representam a dimensão da exploração agrícola, não se podendo por isso declarar a primazia de um edifício em relação aos outros, ainda que o palácio, por o elemento identificador do conjunto, foi privilegiado na sua concepção arquitectónica.

Da atalaia do séc. XII, primeiro núcleo construído em terrenos férteis, que garantiram a sua subsistência durante ao longo dos séculos, ao imponente conjunto formado em torno do palácio, casa nobre debruçada sobre o Tejo, construída no século XVI, modificada nos séculos seguintes, em torno do qual foram sendo agregadas novas dependências agrícolas e industriais, que reflectiram as alterações produtivas e tecnológicas até ao século XXI, a Cardiga manteve-se como o nóculo de uma grande exploração agrícola, o foco de um território, a marca de uma paisagem.

Longe de ser excepção, a Quinta da Cardiga faz parte actualmente de um património em decadência, as casas rurais nobres, em especial, no Ribatejo. Vários exemplos permitem ilustrar os modos como as novas actividades desvirtuam as qualidades arquitectónicas destes conjuntos, que se tornam desarticulados dos terrenos agrícolas que lhes deram propósito, abandonados ou utilizados para monoculturas agroindustriais.

Este trabalho de projecto propõe uma alternativa à comum ocupação imediata do edificado por programas turísticos ou de realização de eventos, já disseminados por tantas outras quintas. Visa uma estratégia faseada, que restabeleça e planeie continuidades, fluxos, com o objectivo de permitir a reestruturação global da Quinta e da sua paisagem envolvente, os terrenos agrícolas que ainda lhe são afectos.

Os levantamentos, as análises, os elementos produzidos constituíram a base da proposta projectual para salvaguardar o existente da Quinta da Cardiga, assegurar o seu futuro e procurar recuperar uma forma de habitar em que os espaços

de lazer se articulem com as funções agrícolas. Estes elementos convocados por si só já constituem um modo de preservação deste legado, pelo menos o do momento da produção do trabalho.

Foi crucial a multidisciplinaridade da orientação que levou ao questionamento constante e a perspectivas, por vezes antagónicas, mas que resultavam sempre do objectivo máximo de preservar este legado, articulando sempre as hipóteses, formuladas desde a disciplina da arquitectura, na sua relação intrínseca com a paisagem.

Mais do que apresentar uma proposta inequívoca, incontestável, o trabalho procura estabelecer uma base de pensamento. Uma direcção, uma estratégia que pode ser consolidada, transformada, mas, sobretudo, que, tomando a consolidação de todos os elementos aqui formalizados, permita continuar a investigar novas linhas de pensamento para o futuro da Quinta da Cardiga.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência Portuguesa do Ambiente. “Políticas: Alterações Climáticas: Ciência.” Accessed January 8, 2019. <https://www.apambiente.pt/index.php?ref=16&subref=81&sub2ref=122>.

Akoun, André, Dir., Dir. Anthonard, Michel, and Il. Rouvier-Jeanlin, Michelin. *Dicionário de Antropologia: Do Homem Primitivo Às Sociedades Actuais*. Dicionários Do Saber Moderno. Lisboa: Verbo, 1983.

Beckmann, Jon P., Anthony P. Clevenger, Marcel P. Huijser, and Jodi A. Hilty, eds. *Safe Passages: Highways, Wildlife, and Habitat Connectivity*. Washington: Island Press, 2010.

Caetano, Emília. “Os Estuários Do Tejo e Do Guadiana Vão Ficar Mais Salgados e Inabitáveis Para Algumas Espécies.” *Visão*, November 15, 2010. <https://visao.sapo.pt/actualidade/ambiente/2010-11-15-os-estuarios-do-tejo-e-do-guadiana-va-ficar-mais-salgados-e-inabitaveis-para-algumas-especiesf579312/>.

Claval, Paul. *Geografia Do Homem: Cultura, Economia, Sociedade*. Coimbra: Livraria Almedina, 1987.

Daveau, Suzanne. *Portugal Geográfico*. Lisboa: João Sá da Costa, 1995.

Domingues, Álvaro. *A Rua Da Estrada : O Problema é Fazê-Lo Parar! Equações de Arquitectura No 44*. Lisboa: Dafne Editora, 2009.

Houaiss, Antônio, and Mauro de Salles Villar. *Dicionário Houaiss Da Língua Portuguesa*. Vol. 13. Lisboa: Instituto Antônio Houaiss; Temas e Debates, 2001.

Koolhaas, Rem. “Ignored Realm.” In *Countryside, A Report*, edited by Julius Wiedemann, 2–3. Köln: The Solomon R. Guggenheim Foundation; Taschen, 2020.

Mateus, Augusto. *Três Décadas de Portugal Europeu: Balanços e Perspectivas*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos; Sociedade de Consultores Augusto Mateus & Associados, 2015. <https://www.fms.pt/upload/docs/PortEuroUmBal3Dec.pdf>.

Ramos, Catarina, and Eusébio Reis. “As Cheias No Sul de Portugal Em Diferentes Tipos de Bacias Hidrográficas.” *Finisterra XXXVI*, no. 71 (2001): 61–82. <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1648/1342>.

Redol, Alves. *Avieiros*. 8th ed. *Obras Completas de Alves Redol No 5*. Mem Martins: Europa-América, 1980.

Ribeiro, Orlando, Hermann Lautensach, and Suzanne Daveau. *Geografia de Portugal: Volume III O Povo Português*. Lisboa: João Sá da Costa, 1989.

Siza, Álvaro, *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições 70, 1998.

Távora, Fernando. *Da Organização Do Espaço*. 8th ed. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2008.

Telles, Gonçalo Ribeiro, and ed. lit. Pessoa, Fernando. *Gonçalo Ribeiro Telles: Textos Escolhidos*. Lisboa: Argumentum, 2016.

Telles, Gonçalo Ribeiro, and Fernando Pessoa. *Portugal, Paisagens e Espaços Naturais*. Lisboa: Clube Internacional do Livro, 1996.

Torga, Miguel. *Portugal*. Alfragide: BIS, 2015.

Zumthor, Peter. *Peter Zumthor 1985-2013: Buildings and Projects*. Edited by Thomas Durisch. English Ed. Vol. 3. Zurich: Verlag Scheidegger & Spiess AG Verlag, 2014.

LISTA DE FIGURAS CRÉDITOS DE IMAGENS

Pp.14-15: Fig. 001 – Quinta da Cardiga: vista desde o rio Tejo, 2017
Créditos: Joana Jorge e

Fig. 002 – Excerto da Carta hipsométrica de Portugal com a demarcação da bacia hidrográfica do rio Tejo.
Fonte: APA
Créditos: Joana Jorge

Fig. 003 – Esquema – A Cardiga no contexto da bacia hidrográfica do Tejo
Créditos: Joana Jorge

Fig. 004 – Castelo de Abrantes
Fonte:

Fig. 005 – Excerto da “Pelanta da Villa de Punhete : compreendendo, a embocadura do Ze-zere, no rio Tejo com a posição das Pontes, mesmo Zezere e batarias que actualmente as defe-dem”
Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infra-estruturas do Exército

Fig. 006 – Excerto da “Pelanta da Villa de Punhete : compreendendo, a embocadura do Ze-zere, no rio Tejo com a posição das Pontes, mesmo Zezere e batarias que actualmente as defe-dem”
Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infra-estruturas do Exército

Fig. 007 – Castelo de Almourol
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx

Fig. 008 – Torre da Cardiga
Créditos: Joana Jorge

Fig. 009 – Castelo de Torres Novas
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx

Fig. 010 – Castelo de Tomar
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx

Fig. 011 – Castelo de Ourém
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx

Fig. 012 – Ortofotomapa: As Estruturas Defensivas, Os Caminhos De Peregrinação E As Rotas
Créditos: Joana Jorge

Fig. 013 – Parque Natural das Serras d’Aire e Candeeiros
Fonte:

Fig. 014 – Grutas de Mira de Aire
Créditos: Joana Jorge

Fig. 015 – Monumento Nacional das Pegadas de Dinossáurios da Serra de Aire
Créditos: Joana Jorge

Fig. 016 – Reserva Natural do Paul de Boquilobo
Créditos: Joana Jorge

Fig. 017 – Aluvião/Lezíria
Créditos: Joana Jorge

Fig. 18 – Rio Tejo
Créditos: Joana Jorge

Fig. 019 – Barragem de Castelo do Bode
Fonte:

Fig. 020 – Fauna e Flora
Fonte:

Fig. 021 – Quintas na Lezíria: Quinta da Broa
Fonte:

Fig. 022 – Ortofotomapa: Património Natural e Cultural
Créditos: Joana Jorge

Fig. 023 – Ortofotomapa: A Interrupção dos Sistemas Lineares Húmidos
Créditos: Joana Jorge

Fig. 024 – Quinta da Cardiga: marcações de máximos de cheia no muro do jardim, 2015
Créditos: Joana Jorge

Fig. 025 – “Ribatejo - Travessia na Lezíria I- Décadas de 50-60”, Artur Pastor
Fonte: <https://arturpastor.tumblr.com/post/101699856348/ribatejotravessia-na-lez%C3%ADria-d%C3%A9cadas-de-5060>

Fig. 026 – “Ribatejo - Travessia na Lezíria II- Décadas de 50-60”, Artur Pastor
Fonte: <https://arturpastor.tumblr.com/post/101699856348/ribatejotravessia-na-lez%C3%ADria-d%C3%A9cadas-de-5060>

Fig. 027 – “Ribatejo - Travessia na Lezíria III- Décadas de 50-60”, Artur Pastor
Fonte: <https://arturpastor.tumblr.com/post/101699856348/ribatejotravessia-na-lez%C3%ADria-d%C3%A9cadas-de-5060>

Fig. 028 – “Ribatejo – Décadas de 50-60”, Artur Pastor
Fonte: <https://arturpastor.tumblr.com/post/101699856348/ribatejotravessia-na-lez%C3%ADria-d%C3%A9cadas-de-5060>

Fig. 029 – Sem Título – “Cheias”
Fonte: Lusa/Arquivo Manuel Almeida
<https://sicnoticias.pt/pais/2016-05-09-Risco-elevado-de-cheias-no-Tejo-em-Santarem>

Fig. 030 – Ortofotomapa: Área de inundação máxima - retorno de 200 anos
Fonte: APA
Créditos: Joana Jorge

Fig. 031 – Foto Aérea da Quinta da Cardiga
Créditos: Saulo Dias

Fig. 032 – “Estudos Chorographicos, Phisicos e Hidrographicos da Bacia do Tejo Compre-hendida no Reino de Portugal, Acompanhados de Projectos e Descrição das Obras Tendentes ao Melhoramento da Navegação Daeste Rio e Protecção dos Campos Adjacentes [Material Cartográfico] / Pelo Brigadeiro Graduado de Engenharia e Inspector das Obras Públicas M. J. Guerra, Superintendente das Obras do Melhoramento do Tejo Coadjuvado Pelos Engenhei-ros Empregados Na Mesma Comissão ; Newton, Des. ; Calheiros, Grav.”

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal – Biblioteca Nacional Digital

Fig. 033 – Carta Militar nº 330 [Excerto], 19
Fonte: Centro de Informação Geoespacial do Exército

Fig. 034 – Ortofotomapa campos e Quinta da Cardiga
Fonte: Google Maps

Fig. 035 – Esquema: Uso do Solo: a partir do Cadastro Geométrico da Propriedade Rústica, c.1960
Créditos: Joana Jorge

Fig. 036 – Vinha
Créditos: Joana Jorge

Fig. 037 – Olival
Fonte: s.n.

Fig. 038 – Cereais
Créditos: Joana Jorge

Fig. 039 – Esquema: Ocupação do Solo: a partir de ortofotomapa e visitas ao local, 2018
Créditos: Joana Jorge

Fig. 040 – Milho
Créditos: Joana Jorge

Fig. 041 – Ortofotomapa: Área de Influência: Distâncias facilmente percorriáveis a partir da Quinta da Cardiga
Créditos: Joana Jorge

Fig. 042 – Vista Aérea da Quinta da Cardiga
Créditos: Saulo Dias

Fig. 043 – Ribeira de Santa Catarina com vegetação ribeirinha existente, 2018
Créditos: Joana Jorge

Fig. 044 – Ribeira de Santa Catarina com vegetação ribeirinha arrancada, 2018
Créditos: Joana Jorge

Fig. 045 – As galerias ripícolas, os núcleos urbanos, as quintas e as vias de comunicação na envolvente da Quinta da Cardiga, 1947
Créditos: Joana Jorge

Fig. 046 – As galerias ripícolas, os núcleos urbanos, as quintas e as vias de comunicação na envolvente da Quinta da Cardiga, 2014
Créditos: Joana Jorge

Fig. 047 – As galerias ripícolas, os núcleos urbanos, as quintas e as vias de comunicação na envolvente da Quinta da Cardiga, 2019
Créditos: Joana Jorge

Fig. 048 – Carta de instrumentos de ordenamento do território
Créditos: Joana Jorge

Fig. 048 – Plano Geral de Intervenção
Créditos: Joana Jorge

Fig. 049 – Vista Aérea da Quinta da Cardiga
Créditos: Saulo Dias

Fig. 050 – Parque Natural do Bonito
Créditos: Joana Jorge

Fig. 051 – Passagem por baixo da linha férrea, Entroncamento
Créditos: Joana Jorge

Fig. 052 – Parque Verde do Entroncamento, limite linha de ferro
Créditos: Joana Jorge

Fig. 053 – Ribeira da Ponte da Pedra passa por baixo de viaduto Entroncamento
Créditos: Joana Jorge

Fig. 054 – Vista da Ribeira da Ponte da Pedra
Créditos: Joana Jorge

Fig. 055 – Passagem da Ribeira da Ponte da Pedra por baixo de viaduto Entroncamento
Créditos: Joana Jorge

Fig. 056 – Antigos Campos da Cardiga
Créditos: Joana Jorge

Fig. 057 – Portões Pequenos da Cardiga
Créditos: Joana Jorge

Fig. 058 – Quinta da Cardiga: vista desde os campos
Créditos: Joana Jorge

Fig. 059 – Quinta da Cardiga: vista desde o jardim
Créditos: Joana Jorge

Fig. 060 – Jardim Afonso Serrão Lopes, Entroncamento
Créditos: Joana Jorge

Fig. 061 – Antigos Campos da Cardiga: orla da Ribeira de Sta. Catarina
Créditos: Joana Jorge

Fig. 062 – Antigos Campos da Cardiga: orla da Ribeira de Sta. Catarina
Créditos: Joana Jorge

Fig. 063 – Antigos Campos da Cardiga: orla da Ribeira de Sta. Catarina
Créditos: Joana Jorge

Fig. 064 – Antigos Campos da Cardiga: orla da Ribeira de Sta. Catarina
Créditos: Joana Jorge

Fig. 065 – Antigos Campos da Cardiga: Ribeira de Sta. Catarina
Créditos: Joana Jorge

Fig. 066 – Antigos Campos da Cardiga: orla da Ribeira de Sta. Catarina
Créditos: Joana Jorge

Fig. 067 – Quinta da Cardiga: vista desde a estrada da Adega
Créditos: Joana Jorge

Fig. 068 – Portões Grandes da Cardiga
Créditos: Joana Jorge

Fig. 069 – Chegada ao Núcleo da Cardiga desde a alameda
Créditos: Joana Jorge

- fig. 070 – Estrada de São Caetano
Créditos: Joana Jorge
- fig. 071 – Chegada ao Núcleo da Cardiga desde a estrada de São Caetano
Créditos: Joana Jorge
- fig. 072 – Frente do Rio Tejo entre V. N. Barquinha e a Quinta da Cardiga
Créditos: Joana Jorge
- fig. 073 – Frente do Rio Tejo entre V. N. Barquinha e a Quinta da Cardiga
Créditos: Joana Jorge
- fig. 074 – Frente do Rio Tejo entre V. N. Barquinha e a Quinta da Cardiga
Créditos: Joana Jorge
- fig. 075 – Frente do Rio Tejo entre V. N. Barquinha e a Quinta da Cardiga
Créditos: Joana Jorge
- fig. 076 – Chegada à Cardiga pela frente do Rio Tejo desde V. N. Barquinha
Créditos: Joana Jorge
- fig. 077 – Rio Tejo em frente à Chamusca
Créditos: Joana Jorge
- fig. 078 – Rio Tejo em frente à Cardiga
Créditos: Joana Jorge
- fig. 079 – Rio Tejo entre a Cardiga e V. N. Barquinha
Créditos: Joana Jorge
- fig. 080 – Cais de V. N. Barquinha
Créditos: Joana Jorge
- fig. 081 – Cais de Tancos
Créditos: Joana Jorge
- fig. 082 – Rio Tejo em frente ao Castelo de Almourol
Créditos: Joana Jorge
- fig. 083 – Vista da Quinta da Cardiga desde a margem sul do Tejo
Créditos: Joana Jorge
- fig. 084 – Portas de Ródão
Fonte: <https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-portugal/artigos/ate-os-elefantes-gostavam-das-portas-de-rodao>
- fig. 085 – Castelo de Belver
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Belver
- fig. 086 – Castelo de Almourol
Fonte: www.lisbonne-idee.pt/p4438-castelo-almourol-festa-templaria-setembro.html
- fig. 087 – Tancos e Arripiado
Fonte: <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.com/search/label/Tancos>
- fig. 088 – Quinta da Cardiga
Créditos: Joana Jorge
- fig. 089 – Lezíria
- Fonte: <https://pt.wikiloc.com/trilhas-trekking/reserva-natural-do-estuario-do-tejo-leziria-9872489/photo-5918789>
- fig. 090 – Lisboa
Fonte: <https://www.nit.pt/cultura/exposicao-as-melhores-fotos-lisboa-vista-do-tejo>
- fig. 091 – Ortofotomapa: estruturas defensivas e cais de ancoragem no Tejo entre Abrantes e a Chamusca
Créditos: Joana Jorge
- fig. 092 – Vista da orla da ribeira de Sta. Catarina
Créditos: Joana Jorge
- fig. 093 – Vista da ribeira de Sta. Catarina
Créditos: Joana Jorge
- fig. 094 – Vista da orla da ribeira de Sta. Catarina
Créditos: Joana Jorge
- fig. 95 e 113 – Calhau rolado
Créditos: Joana Jorge
- fig. 096 – Saibro
Créditos: Shutterstock
- fig. 097 e 109 – Salix Alba e Salix Fragilis
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biodivlibrary/album>
- fig. 098 e 107 – Populus nigra
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biodivlibrary/albums>
- fig. 099 – Salix purpurea
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biodivlibrary/albums>
- fig. 100 e 110 – Fraxinus ornus
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biodivlibrary/albums>
- fig. 101 – Saccharium cylindricum
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biodivlibrary/albums>
- fig. 102 e 106 – Ulmus campestris
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biodivlibrary/albums>
- fig. 103 – Phalaris aquatica
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biodivlibrary/albums>
- fig. 104 – Olea europea
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biodivlibrary/albums>
- fig. 105 – Oranger de Majorque
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biodivlibrary/albums>
- fig. 108 – Citrus limon
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biodivlibrary/albums>
- fig. 111 – Arbutus unedo
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biodivlibrary/albums>
- fig. 112 – Laurus nobilis
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biodivlibrary/albums>
- fig. 114 – Tijolo
Fonte: Shutterstock
- fig. 115 – Betonilha
Fonte: Shutterstock
- Fig. 116 a 119 – Margem do Tejo entre Vila Nova da Barquinha e a Quinta da Cardiga
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 120 – Vista da margem do Tejo entre V.N. Barquinha e a Quinta da Cardiga, a partir da margem sul do rio
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 121 – Vista aérea da Cardiga e de parte da margem do Tejo até à Barquinha
Créditos: Saulo Dias
- Fig. 122 – Milho
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 123 – Calhau rolado
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 124 – Betonilha
Fonte: Shutterstock
- Fig. 125 – Quinta da Cardiga: Caleira na alameda de entrada
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 126 e 127 – Quinta da Cardiga: alameda de Lódãos
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 128 – Celtis Australis
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biodivlibrary/albums>
- Fig. 129 – Aparelho de tijolo
Fonte: Shutterstock
- Fig. 130 – Saibro
Fonte: Shutterstock
- Fig. 131 – Calhau Rolado
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 132 – Vista aérea da Quinta da Cardiga
Créditos: Saulo Dias
- Fig. 133 – Maquete da proposta à escala 1:500
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 134 – Quinta da Cardiga: edifícios devolutos na área de trabalho
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 135 – Vista aérea da Quinta da Cardiga: edifício devoluto da Adega
Créditos: Saulo Dias
- Fig. 136 a 139 – Maquete da proposta à escala 1:500
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 140 e 141 – Aço laminado negro
Fonte: Shutterstock
- Fig. 142 – Quinta da Cardiga: Vista do interior da Biblioteca
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 143 a 145 – Quinta da Cardiga: vistas desde a loggia renascentista
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 146 – Maquete do Ancoradouro à escala 1:20
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 147 – Escombros de calcário
Fonte: Shutterstock
- Fig. 148 – Betão ciclópico com grandes agregados
Fonte: H-Arquitectes, Casa 1413 – <http://www.harquitectes.com/projectes/casa-1413/>
- Fig. 149 a 152 – Maquete do Ancoradouro à escala 1:20
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 153 e 154 – Construções em tufo calcário no Ribatejo
Fonte: Arquitectura Popular em Portugal
- Fig. 155 – Embasamento de betão ciclópico
Fonte: Shutterstock
- Fig. 156 – Tufo calcário
Fonte: Shutterstock
- Fig. 157 – Tijolo maciço
Fonte: Shutterstock
- Fig. 158 – Aço laminado negro
Fonte: Shutterstock
- Fig. 159 – Tecido
Fonte: Shutterstock
- Fig. 160 – Esquiço de Ordem Construtiva proposta
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 161 – Fotomontagem do ancoradouro em época de estio
Créditos: Joana Jorge
- Fig. 162 – Fotomontagem do ancoradouro em cheia normal
Créditos: Joana Jorge

MAINEL

Pilarete que divide um vão de janela ou porta e serve de apoio ao lintel ou ao sainel de arcos. Corrimão de uma escada.

MANINHO o m. q. SESMARIA

Não fecundo, não prolífero; estéril. Que não serve ou não foi utilizado para o cultivo (diz-se de terreno, solo); estéril, inculto. Que se desenvolve sem cultivo; bravo, silvestre. Sem proprietário, pertencente a logradouro público. Terreno aberto e improdutivo ou que só produz mato e plantas silvestres; charneca, descampado.

MARACHAS

Cordões arbustivos das margens do Tejo e dos seus afluentes. Etimologia provavelmente do árabe maradja ‘terreno alagadiço’.

MOUCHÃO

Terreno em que crescem choupos ou outras árvores e que está um pouco mais elevado que a lezíria que o circunda. Ilhota (em rio).

NATEIRO

Camada de lodo que se acumula nas margens dos rios devido às enchentes. Fração mais fina da carga sólida do rio, com cerca de 1cm de espessura média, transportada durante as cheias e depositada, cheia após cheia, por decantação lenta na planície de inundação.

OUTEIRO

Elevação de terreno. = COLINA, MONTE.

PAÇO

Do latim Palatium, nome primitivo da colina palatina onde Augusto e sucessores estabeleceram a sua residência, passando depois a designar a própria habitação do imperador. A forma portuguesa mais antiga da palavra em uso a partir do Séc. XIII, era paaço “[...] cedendo o lugar, progressivamente, à forma final mais simplificada de paço [...] designando não só a habitação do rei mas também a da nobreza [...]”. José Custódio Vieira da Silva

PAISAGEM

«A noção de paisagem envolve a Natureza e o Homem. De modo simplificado, o Homem adicionou à Natureza a Cultura e produziu paisagens. Retirou e acrescentou matéria, criou novas relações e equilíbrios, construiu uma nova ordem, manteve ou ativou outras dinâmicas. A paisagem é por isso o espaço físico, sensorialmente experienciado e vivido pelo Homem, que inclui componentes naturais (o relevo, a vegetação, a água, o solo, o ar) e componentes culturais (elementos e estruturas construídas). É assim a matéria, o espaço e o tempo que nos envolve e integra. [...]». Convenção Europeia da Paisagem, onde paisagem é designada como “[...] uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da ação e da interação de fatores naturais e ou humanos”» Freire, M. (2018)

Na definição de Caldeira Cabral: “Paisagem é a figuração da biosfera e resulta da acção complexa do homem e de todos os seres vivos – plantas e animais – em equilíbrio com os factores físicos do ambiente.” A paisagem é aqui entendida como um fenómeno arquitectónico, no qual o homem intervém, num substracto físico, a par com os outros seres vivos.

PAISAGEM GLOBAL

«Paisagem Global é um novo conceito que tem por fim servir o ordenamento do território e possibilitar o “desenho da Paisagem.» Telles, (1995) 2016, p.110

«A realização da paisagem global, onde o espaço rural, por essência mais próximo da natureza viva, se há de intercalar com o espaço urbano, por essência também mais artificial, sendo que ambos deverão integrar harmonicamente as infra-estruturas indispensáveis ao desenvolvimento e bem-estar das populações, deverá assentar nos princípios tão simples que presidem à criação do jardineiro naturalista.» Telles, 1993, pp.19-20

«O conceito de paisagem globalizante, no qual, sobre um substracto natural, é imprimida a acção do homem, é uma aquisição dos fins do século XIX, princípios do século XX.» Magalhães, M. 2001, p.51

«Mais recentemente, o conceito de Paisagem Global defendido por Ribeiro Telles amplia a definição anterior com o modo de construir a paisagem: “É necessário, aceitando todo o espantoso desenvolvimento nos últimos dois séculos, aproximar novamente os modos de vida rural e urbano. Para isso há que estabelecer o continuum naturale no espaço urbano e no rural, como elo entre as respectivas paisagens, permitindo a aproximação dos dois modos de vida das pessoas. A paisagem global do futuro não poderá deixar de estar sujeita a princípios impostos pela sua essência biológica, pelo que a localização das actividades, nomeadamente da expansão urbana, tem de estar sujeita à aptidão do território e à paisagem existente.”» Magalhães, M. 2001, p.53

«“O espaço rural e o espaço urbano devem-se interligar de tal maneira que, sem que percam as suas características próprias e funcionamento autónomo, não deixem de servir os interesses comuns da sociedade, quer digam respeito ao mundo rural, quer à vida urbana.”» Telles

«No conceito de paisagem global, a paisagem é vista globalmente, tendo desaparecido a dicotomia entre espaço urbano e espaço rural. [...] Daqui resulta a interpenetração orgânica entre a edificação e o espaço exterior, urbano ou rural, complementando-se estes dois tipos de espaço, mutuamente, de modo dinâmico, através da continuidade de fluxos de massa e energia existentes, neles e entre eles. A qualidade do espaço, bem como da sua usufruição, depende basicamente daquela complementaridade, em que a edificação provê o abrigo e o suporte às actividades no espaço interior e o espaço exterior garante a sustentabilidade ecológica, os alimentos e materiais e ainda o recreio em contacto com a natureza que constitui uma das necessidades inatas do Homem.» Magalhães, M. 2001, p.320

PARCÉIS

Banco de areia ou pedra, plano e extenso, coberto por água de mar ou de rio pouco funda, que dificulta ou impede a navegação; baixo; restinga; escolho; cachopo.

PAÚL

Mesmo que Pântano. Região ribeirinha coberta por águas paradas. Planície inundada.

PERCURSO

Acto ou efeito de percorrer. Distância ou espaço percorrido; trajecto. Deslocamento num espaço qualquer; movimento. Caminho determinado; itinerário, roteiro

QUINTA

Propriedade rural, com moradia. Terreno próprio para agricultura. Conjunto de casas com diversos proprietários e pertencentes a uma freguesia.

QUINTA DE RECREIO

«A Quinta de Recreio é um todo organizado: mata, edifícios, horto de recreio, pomar/horta. É um lugar versátil, onde recreio e produção compartilham o mesmo espaço, invadindo-se mutuamente, estabelecendo relações formais e funcionais. São espaços bucólicos, onde, em áreas confinadas à produção, pontuam elementos arquitectónicos, escultóricos, que definem agradáveis locais de estada, em que sombra, luz, água, aromas e sons se conjugam para criar uma ambiência peculiar.» Aurora Carapinha

REMANSO

Cessação do movimento, paragem. Quietação, sossego, tranquilidade. Lugar calmo e afastado, retiro. Porção de água estagnada ou sem movimento perceptível. Parte de um curso de água em que esta se move pouco ou nada.

RURAL

Relativo a ou próprio do campo; situado no campo; campestre, agrícola, rústico. ‘O campo em oposição à cidade’

RÚSTICO

Relativo ao campo, à zona rural; próprio da vida no campo; rusticano. Que nasce naturalmente e não requer cuidados especiais para crescer (diz-se de planta, pomar, jardim). Sem acabamento, que aparenta simplicidade; rude, grosseiro.

SALA

Raiz visigoda que originou sáa/sá, presente no topónimo sá. A raiz germânica desta palavra tem a ver com a habitação dos povos bárbaros cuja vida nómada, não necessitando de casas sumptuosas e cómodas, sublinhava apenas a importância de uma grande tenda ou da maior cabana para o chefe se reunir com os seus guerreiros e anciãos ou administrar a justiça. «Valoriza-se, assim, o hal ou hall, a sal ou saal», que se irá revelar o elemento característico dos palácios germânicos.[...] Paço medieval – dependência de maiores dimensões, mais importante, para os actos de maior aparato.” José Custódio Vieira da Silva

SIRGA (muro/caminho de)

Acto ou efeito de sirgar. = SIRGAGEM. Cabo com que se puxa uma embarcação ao longo da margem. Cabo para reboque.

SIRGAR

Puxar ou conduzir (um barco) à sirga. Atar, prender com sirgas.

SOBRADO

(séc. XVIII) Pavimento ou soalho, geralmente de madeira (ou argamassa); assoalhar. Pavimento superior de casa que tem apenas dois deles.

SOLAR

Terra ou castelo onde habitava a nobreza e que dava o título às famílias. Palácio, herdade ou terreno de nobres, que lhes servia de habitação e que passava aos descendentes por herança. Qualquer palácio ou casa de aspecto imponente e majestoso. «A palavra, originária do latim solum, tem a ver com a terra ou, como especifica R. Bluteau, com o “chão ou assento, donde o homem está; e assim Solar significa Terra, e mais amplamente lugar ou edifício, em que teve principio alguma família nobre de Hespanha”.» José Custódio Vieira da Silva

TALVEGUE

Fundo do leito de um rio. Linha que une os pontos mais baixos do leito de um rio. Fundo de um vale. Do alemão Talweg, «caminho do vale».

TERRITÓRIO

«O território é um bem comum, socialmente construído, e com uma aptidão intrínseca que reflete especificidades ambientais, sociais, económicas e culturais, resultantes do quadro biofísico e das condições de vida da sociedade que o habita. As cidades, os sistemas urbanos, as formas dispersas de edificação e os territórios rurais de carácter agrícola, florestal e natural constituem, logicamente, ocupações e apropriações diferentes do território que apresentam valores, virtualidades e fragilidades diversas quando temos por objetivo o desenvolvimento sustentável.» In https://enea.apambiente.pt/content/ordenamento-do-territorio

TIPOLOGIA

Sistema de classificação por tipos

VALADO

Vala rodeada de tapume ou sebe, destinada a servir de barreira em fortificações ou a proteger propriedades rurais; fosso. Propriedade rural cercada de valas ou de valados. Elevação de terra que delimita uma propriedade. Sulco para escoamento de água; rego. Vala não muito profunda onde são lançadas sementes ou se plantam árvores. Cercado ou defendido por valas. Cercado por cercas vivas. Etimologia: latim vallatus,a, um ‘fortificado com trincheiras’.

VERNACULAR

Mesmo que Vernáculo: (1708) Próprio de um país, nação, região. Diz-se de linguagem correcta, sem estrangeirismos na pronúncia, vocabulário ou construções sintáticas; castiço.

VILLA

Casa de campo ou de recreação nos arrabaldes das cidades italianas. Casa requintada e elegante.

VILEGIATURA

Temporada de recreio, repouso, férias que se passa fora dos centros urbanos, no campo, praia ou estância balnear.

